FAHRENHEIT 451

RAY BRADBURY

FAHRENHEIT 451

Ray Bradbury

Imagine uma época em que os livro configurem uma ameaça ao sistema, uma sociedade onde eles são absolutamente proibidos. Para exterminá-los, basta chamar os bombeiros - profissionais que outrora se dedicavam à extinção de incêndios, mas que agora são os responsáveis pela manutenção da ordem, queimando publicações e impedindo que o conhecimento se dissemine como praga. Para coroar a alienação em que vive essa nova sociedade, anestesiada por informações triviais, as casas são dotadas de televisores que ocupam paredes inteiras de cômodos, e exibem "famílias" com as quais se podem dialogar, como se estas fossem de fato reais. Este é o cenário em que vive Guy Montag, bombeiro que atravessa séria crise ideológica. Sua esposa passa o dia entretida com seus "parentes televisivos", enquanto ele trabalha arduamente para comprar-lhe a tão sonhada quarta parede de TV. Sua vida vazia é transformada, porém, quando ele conhece a vizinha Clarisse, uma adolescente que reflete sobre o mundo à sua volta e que o instiga a fazer o mesmo.

O sumiço misterioso de Clarisse leva Montag a se rebelar contra a política estabelecida, e ele passa a esconder livros em sua própria casa. Denunciado por sua ousadia, é obrigado a mudar de tática e a buscar aliados na luta pela preservação do pensamento e da memória. "Fahrenheit 451" é não só uma crítica à repressão política mas também à superficialidade da era da imagem, sintomática do século XX e que ainda parece não esmorecer.

Título original: **Fahrenheit 451**

Fahrenheit 451 é um romance de ficção científica escrito por Ray Bradbury e publicado pela primeira vez em 1953. O conceito inicial do livro começou em 1947 com o conto "Bright Phoenix" (que só seria publicado na revista Magazine of Fantasy and Science Fiction em 1963). O conto original foi reformulado na novela The Fireman, e publicada na edição de fevereiro de 1951 da revista Galaxy Science Fiction. A novela também teve seus capítulos publicados entre março e maio de 1954 em edições da revista Playboy.

Escrito nos anos iniciais da Guerra Fria, o livro é uma crítica ao que Bradbury viu como uma crescente e disfuncional sociedade americana. O romance apresenta um futuro onde todos os livros são proibidos, opiniões próprias são consideradas antissociais e hedonistas, e o pensamento crítico é suprimido. O personagem central Guy Montag, trabalha como "bombeiro" (o que na história significa "queimador de livro").

O número 451 refere-se à temperatura (em Fahrenheit) a qual o papel ou o livro incendeia. Uma versão do filme foi lançada em 1966, com Oscar Werner no papel principal.

Através dos anos, o romance foi submetido a várias interpretações primeiramente focadas na queima de livros pela supressão de ideias dissidentes. Bradbury havia declarado que o romance não trata de censura, ele declara que Fahrenheit 451 é uma história sobre como a televisão destrói o interesse na leitura. Ray Bradbury declarou que todo o romance foi escrito nos porões da biblioteca Powel , localizada na Universidade da Califórnia em uma máquina de escrever alugada. A sua intenção original em escrever Fahrenheit 451 era mostrar seu grande amor por livros e bibliotecas.

Ele frequentemente se refere a Montag como uma alusão a ele mesmo.

Fahrenheit 451

A temperatura a que um livro se inflama e consome...

PRIMEIRA PARTE
- A Fornalha e a Salamandra -

QUEIMAR ERA UM PRAZER.

Era um prazer muito especial ver as coisas arderem, vê-las calcinar-se e *mudar*.

Punho de cobre na mão, armado desse imenso *píton* que cuspia o veneno da sua gasolina sobre o mundo, sentia o sangue bater-lhe nas têmporas e as suas mãos tornavam-se as mãos de uma espécie de maestro prodigioso dirigindo todas as sinfonias do fogo e do incêndio, ao ritmo das quais se desmoronavam os farrapos e as ruínas carbonizadas da história.

Avançou, entre um fulgor de pirilampos.

Teria gostado acima de tudo, segundo a velha tradição, de mergulhar no braseiro uma alcachofra presa na ponta de um pau, enquanto os livros, com um bater de asas, morriam no umbral da casa e no jardim. Enquanto os livros se estorciam entre nuvens de fagulhas e partiam, calcinados, com o vento.

Montag sorriu, com o áspero sorriso de todos os homens chamuscados e repelidos pelas chamas.

Sabia que, ao voltar à caserna dos bombeiros, poderia contemplar-se ao espelho, piscando os olhos, transformado em trovador, escurecido como a cortiça queimada.

Mais tarde, antes de adormecer na escuridão, sentiria ainda os músculos do rosto arrepanhados pelo sorriso do fogo. Nunca esse sorriso o abandonava, nunca o tinha abandonado, tanto quanto se podia lembrar.

Tirou o capacete negro, de reflexos acobreados, e limpou-o. Pendurou com cuidado o seu casaco ignífugo; tomou um banho, voluptuosamente; depois, de mãos nas algibeiras e assobiando, atravessou o andar superior do edifício e deixou-se escorregar pelo poço central. No último momento, quase a esmagar-se em baixo, tirou as mãos das algibeiras e travou a descida, agarrado à vara de bronze. Os pés a alguns centímetros do chão de cimento, imobilizou-se num silvo agudo.

Saiu da caserna e dirigiu-se ao metrô, pela rua noturna.

O comboio, movido a ar comprimido, deslizava sem ruído ao longo do túnel subterrâneo e depositou-o, entre uma nuvem de ar quente, no patamar movediço da escada automática que subia para os arredores da cidade.

Assobiando sempre, deixou-se conduzir pela escada até às margens da noite, no ar tranquilo. Caminhou até à esquina da rua, sem pensar em nada. No entanto, antes de a atingir, diminuiu o passo, como sob o efeito de um súbito golpe de vento, como se tivesse ouvido chamar pelo seu nome.

Durante as últimas noites, ao voltar para casa, sob o céu estrelado, tinha experimentado uma vaga sensação sempre naquele lugar, antes de atingir a esquina. Tinha sentido como que uma presença, no momento de a dobrar.

O ar parecia carregado de uma estranha calma. Alguém o esperava, imóvel, e, um instante antes da sua chegada, transformava-se em sombra e deixava-o passar.

Inútil tentar compreender. Cada vez que mudava de direção, nada mais via do que a curva branca e deserta do passeio. Talvez, uma noite, tivesse entrevisto um movimento fugitivo em qualquer jardim, já desaparecido antes que lhe tivesse sido possível dizer uma palavra. Mas, nessa noite, quase parou.

Tinha-lhe parecido ouvir um murmúrio apenas perceptível. Uma respiração? Ou apenas o ar que se comprimia contra o ser que o esperava, de pé, silencioso?

Virou a esquina.

As folhas do Outono voavam rente ao chão iluminado pelo luar e a moça que caminhava em sua direção, como sobre uma passadeira rolante, parecia deixar-se levar pelo movimento do vento e das folhas. A cabeça inclinada para a frente, olhava os sapatos, entre os remoinhos circulares da folhagem. Tinha um pequeno rosto de um branco leitoso, com uma expressão terna e ávida de insaciável curiosidade por tudo o que a rodeava. Os olhos sombrios, de expressão surpreendida, fixavam-se no mundo com uma tal intensidade que nenhum movimento das coisas lhe podia escapar.

Vestia um traje branco com pregas murmurantes.

Ele quase julgou ouvir o movimento das suas mãos enquanto ela se aproximava, depois um leve ruído quando voltou o rosto pálido, descobrindo à sua frente um homem que a esperava, parado no meio do passeio. Sobre eles, num remoto agitar de folhas, as árvores deixavam tombar suavemente a sua chuva seca.

A moça parou, pareceu querer voltar para trás, mas, em vez disso, fixou em Montag uns olhos tão negros, tão brilhantes e tão cheios de vida que ele teve a impressão de ter dito qualquer coisa de maravilhoso. Mas sabia que apenas tinha mexido os lábios para dizer "boa noite". Depois, como ela parecia hipnotizada pela salamandra bordada no braço e pelo círculo encerrando uma fênix do seu peito, ele falou de novo: - É verdade – disse -, você é a nossa nova vizinha, não é assim?

- E o senhor deve ser... - ela desviou o olhar das insígnias profissionais

- ...bombeiro. Disse isso de uma maneira curiosa!

- Eu... eu tê-lo-ia reconhecido de olhos fechados - respondeu lentamente.

- Ah... o cheiro da gasolina? A minha mulher gosta dele - disse Montag, rindo.

- Nunca se consegue fazê-lo desaparecer completamente.

- Pois não - retorquiu ela, em voz baixa.

- A gasolina - continuou Montag, no silêncio que se prolongava - para mim é um perfume.

- Está falando a sério?

- Claro, porque não?

Ela refletiu um momento.

- Não sei... Dá-me licença que vá consigo? Chamo-me Clarisse McClellan.

- Clarisse. Guy Montag. Vamos. Que faz na rua a estas horas? Que idade tem?

Caminhavam na brisa simultaneamente morna e fresca da noite, sobre o passeio de prata. Um ligeiro perfume de pêssegos maduros e morangos flutuava no ar. Ele olhou em volta e notou que tal coisa era impossível, em época tão avançada do ano.

- Acho que lhe devo dizer - disse Clarisse. - Tenho dezessete anos e sou maluca. O meu tio afirma que as duas coisas acontecem sempre ao mesmo tempo. "Se te perguntarem a idade", ele me diz, "responde sempre que tens dezessete anos e que não és boa da cabeça." Mas não acha que é uma maravilhosa hora para dar um passeio? Gosto de cheirar as coisas, de olhá-las, e algumas vezes passo a noite de pé, a andar, e vejo o Sol nascer.

Deram mais alguns passos em silêncio. Depois ela declarou, pensativamente: -

Sabe, não tenho medo nenhum de você.

- Porque haveria de ter? - perguntou Montag, surpreendido.

- Tanta gente tem medo! Medo dos bombeiros, quero dizer. Mas o senhor, apesar de tudo, é apenas um homem...

Clarisse virou o rosto para ele, um rosto de cristal leitoso e frágil, iluminado por uma luz doce e contínua. Não era a luz histérica da eletricidade mas... - como dizer?

- ... mas a luz estranhamente confortável e rara, a luz acariciadora de uma vela.

Um dia, quando ele era pequeno, durante uma falta de eletricidade, sua mãe tinha encontrado e aceso uma última vela e, durante uma breve hora, tinham redescoberto que o espaço, nessa claridade, perdia as suas vastas dimensões e enrolava-se, amigo, à volta deles, e ambos, mãe e filho, sós, transformados, tinham desejado que a corrente não voltasse tão depressa...

- Permite que lhe faça uma pergunta? - disse, de súbito, Clarisse. - Há quanto tempo trabalha como bombeiro?

- Há dez anos. Tinha então vinte.

- Nunca lê os livros que queima?

- Montag riu. É contra a lei.

- Ah, é verdade!

- É um bom trabalho. Segunda-feira queimar Millay, quarta-feira Whitman, sexta-feira Faulkner, transformá-los em cinzas, e depois queimar as cinzas. É o nosso estribilho oficial.

Andaram mais alguns metros. Depois, Clarisse perguntou: - É verdade que antes os bombeiros *apagavam* o fogo em vez de o acender?

- Não. As casas foram *sempre* ignífugas, creio.

- É estranho. Ouvi dizer uma vez que, há muito tempo, as casas incendiavam-se algumas vezes por acidente e que chamavam os bombeiros para apagar o incêndio.

Montag tornou a rir.

- Porque ri? - perguntou-lhe a moça.

- Não sei. Deu ainda uma gargalhada, e parou.

- Porquê? Ri quando eu nada digo de engraçado e responde imediatamente.

- Nunca pensa nas perguntas que lhe fazem.?

Ele parou de andar.

- Você é que é estranha - disse, olhando-a. - Não tem respeito por coisa alguma?

- Não queria ofendê-lo. Acho apenas que gosto de ver as reações das pessoas.

- E isto não lhe diz nada? - perguntou Montag, apontando o 451 bordado na manga suja de fumo.

Sim - murmurou ela, e acelerou o passo. - Já viu passar os automóveis a jato, nas avenidas?

Está mudando de assunto!

- Algumas vezes penso que os condutores nem sequer sabem o que pode ser a erva ou as flores. Vão sempre tão depressa! Se se aponta a um condutor uma mancha vaga e verde, ele deve dizer: "Oh, claro, é erva! Uma mancha rosada? São rosas num jardim! As manchas brancas são casas. As castanhas, vacas." Uma vez o meu tio conduziu lentamente numa autoestrada - apenas a setenta por hora. Meteram-no na prisão por dez dias. É esquisito, não acha?... E triste, também!

- Pensa demais - disse Montag, pouco à vontade.

- Raramente olho para a televisão mural, nunca vou às corridas ou aos parques de atrações. Por isso tenho muito tempo para pensar ideias esquisitas. Viu os cartazes de cem metros de comprimento no campo, à saída da cidade? Sabe que antes tinham apenas uma dezena de metros? Mas os carros vão tão depressa agora que tiveram de perlongá-los para que a publicidade conserve ainda o seu efeito.

- Não sabia - disse Montag, com um riso seco.

- Aposto que posso ainda ensinar-lhe outra coisa. De manhã há orvalho nas ervas.

Ele sentiu-se subitamente incapaz de se lembrar se o sabia ou não e experimentou uma viva irritação.

- E se olhar bem... - Clarisse ergueu a cabeça para o céu - verá um homem na Lua. Havia muito tempo que ele não olhava a Lua.

Acabaram o trajeto num silêncio, para ela pensativo, para ele contrariado, crispado. Chegaram à casa da moça. Todas as janelas estavam iluminadas.

- Que se passa?

Raramente Montag tinha visto um tal desperdício de iluminação.

- Oh, é apenas o meu pai e a minha mãe que conversam com o meu tio... É um pouco como passear a pé, mas ainda mais estranho! Meu tio foi preso uma outra vez. Já lhe contei?... Porque passeava a pé. Oh, nós somos umas pessoas muito especiais!

- Mas conversar a respeito de quê?

Ela contentou-se em rir.

- Boa noite - disse. E entrou no jardim. Depois, pareceu lembrar-se de qualquer coisa, voltou para trás e pousou em Montag um olhar curioso. - É feliz?

- Sou o quê? - gritou ele.

Mas Clarisse já tinha partido, correndo, ao luar. E a porta fechou-se docemente atrás dela.

Feliz! Que idiotice.

Tinha deixado de rir.

Colocou a mão no fecho da porta e fez-lhe reconhecer as impressões digitais. A porta abriu-se.

"Naturalmente que sou feliz! Que pensa ela? Que não sou?" Ergueu os olhos para a rede do ventilador no corredor e, de repente, lembrou-se que alguma coisa estava escondida atrás dessa rede, qualquer coisa que parecia observá-lo nesse momento, lá de cima.

Desviou vivamente o olhar.

Que encontro estranho nessa estranha noite! Não se lembrava de nenhuma aventura semelhante a não ser, um ano atrás, o encontro, numa tarde no parque, de um velhote com o qual tinha falado...

Montag sacudiu a cabeça e olhou a parede nua. O rosto da moça estava lá, à sua frente, de uma grande beleza na sua memória - espantoso, de fato!

Ela tinha um rosto muito delicado, evocando o mostrador de um pequeno relógio entrevisto num quarto às escuras quando, no meio da noite, acordamos para ver as horas... E o relógio diz-nos a hora, o minuto e o segundo, numa auréola pálida e silenciosa, anuncia-nos, com toda a certeza da sua sabedoria, que a noite desliza e mergulha nas trevas mas, ao mesmo tempo, avança para um novo sol.

Montag abriu a porta do quarto.

Dir-se-ia ter penetrado num mausoléu de mármore, numa noite sem lua. Obscuridade total, nem o menor reflexo do mundo prateado do exterior, trevas hermeticamente fechadas; o quarto era como uma cave onde nenhum rumor da imensa cidade pudesse penetrar.

Mas não estava vazio. Apurou o ouvido.

O delicado zumbido de um mosquito no ar, o murmúrio elétrico de uma vespa invisível recolhida no seu ninho rosado e quente.

Conseguiu quase seguir a melodia da música que se elevava.

Sentiu o sorriso gelar-se no rosto, fundir-se como a cera de uma vela fantástica, que já arde há muito tempo, se derrete e apaga a chama. Noite negra. Não era feliz.

Não era feliz. Repetiu a frase. Ela exprimia um fato. Usava a felicidade como uma máscara e a moça tinha fugido através do jardim com essa máscara. Não existia nenhum meio de ir bater à sua porta e de pedir.

Sem acender a luz, imaginou o aspecto do quarto.

A sua mulher estendida na cama, fria, como um cadáver estendido num túmulo, os olhos fixos no teto por invisíveis fios de aço, imutáveis. E nas orelhas as pequenas conchas, os micro rádios colocados com extremo cuidado, e um oceano eletrônico de sons de música, de palavras, de música, de palavras, batendo sem cessar na margem do seu espírito sempre acordado.

Na verdade, o quarto estava bem vazio.

Cada noite, as vagas vinham e levavam-na, flutuando de olhos abertos, nas suas cristas, para a manhã. Durante dez anos nem uma só noite tinha passado sem que Mildred nadasse nesse mar, sem que aí mergulhasse com delícia.

O quarto estava fresco e, no entanto, ele não conseguia respirar ali.

Com a sensação de um homem que em breve vai morrer de asfixia, dirigiu-se às apalpadelas para a sua cama aberta, separada, fria. O pé chocou-se com qualquer coisa. O objeto emitiu um som surdo e deslizou, no escuro. Imóvel, hirto, escutou o ser estendido sobre a cama, na noite sem rosto. O sopro exalado pelas narinas era tão fraco que apenas fazia palpitar os extremos mais distantes da vida, uma folha minúscula, uma pluma negra, um único cabelo.

Recusando-se sempre a deixar entrar a luz de fora, tirou o acendedor da algibeira, apalpou a salamandra gravada no seu disco de prata e fez um gesto seco... Duas pedras de lua acenderam-se, como dois olhos erguidos para ele à luz da pequena chama que tinha na mão; duas pedras de lua afogadas no fundo de um rio transparente e sob as quais corria a vida do mundo, sem tocá-las.

- Mildred!

O rosto dela era como uma ilha coberta de neve, lavado por uma chuva de que não sentia as gotas, sobrevoado por nuvens de sombras móveis, mas que não via.

Apenas se ouvia o zunido de vespa dos pequenos aparelhos que lhe obturavam as orelhas. De olhos

vítreos, parecia duvidar do ritmo doce e fraco da sua respiração. O objeto que ele tinha projetado com o pé brilhava agora junto do seu próprio leito. O pequeno frasco do remédio para dormir, que de dia continha ainda trinta comprimidos, jazia agora destapado e vazio.

Enquanto ele se conservava quieto e silencioso, um terrível rugido atravessou o espaço, por cima da casa. Duas mãos gigantescas rasgavam quilômetros de silêncio.

Montag, como que despedaçado, sentiu o peito abrir-se e explodir. Os bombardeiros a jato que passavam, um, dois, um, dois, um, dois, eram seis, nove, doze, uivavam para ele. Abriu a boca e deixou sair um urro estridente por entre os dentes arreganhados.

As pedras de lua desapareceram. Sentiu a mão mergulhar para o telefone. Os aviões estavam longe. Os seus lábios aproximaram-se do aparelho.

Clínica de urgência. - Um murmúrio terrível. Pensou que as estrelas tinham sido pulverizadas pelos aviões negros e que, de manhã, a sua poeira cobriria a terra como uma estranha neve. Tal foi a sua absurda reflexão enquanto tremia na escuridão, agitando os lábios sem cessar.

Eles tinham um aparelho. Na verdade, tinham mesmo dois aparelhos.

Um deles mergulhava no estômago como uma cobra de azeviche num poço forrado de ecos, à procura da água e do tempo que aí se corrompia. Aspirava o líquido verde que vinha à superfície num borbulhar pastoso. Beberia ele a escuridão? Sugaria ele todos os venenos acumulados com os anos? Alimentava-se em silêncio, emitindo de vez em quando uma espécie de soluço estrangulado. E tinha um olho.

O operador, indiferente, que trabalhava com a máquina podia, munido de um capacete ótico especial, mergulhar o olhar na alma do paciente a quem sugava as entranhas. Que via o Olho? Ele não dizia. O homem via, mas sem ver o que via o Olho.

A operação tinha uma vaga semelhança com a limpeza de uma fossa no fundo de um velho pátio.

A mulher, estendida na cama, nada mais era que um pedaço de mármore. O operador, de pé, fumava um cigarro. O outro aparelho funcionava igualmente.

Era manobrado por um indivíduo também indiferente, vestindo um traje impermeável, castanho-avermelhado.

Essa máquina sugava todo o sangue do corpo e substituía-o por sangue fresco e sérum.

- É necessário fazer duas limpezas - disse o operador, de pé, junto da mulher silenciosa. - Não vale a pena limpar o estômago se não se limpa o sangue. Deixem todas essas porcarias no sangue e o sangue ataca o cérebro como um martelo, bang! bang! E, algum tempo depois, as meninges vão-se abaixo e tudo acaba.

- Basta - disse Montag.

- Era apenas para lhe explicar... - concluiu o operador.

- Acabaram? - perguntou Montag.

- Acabamos.

A raiva de Montag nem sequer os atingia. Conservavam-se à sua frente, com o fumo dos cigarros enrolando-se em volutas à volta do nariz, subindo-lhes para os olhos que não pestanejavam.

- São cinquenta dólares.

- Porque não me dizem primeiro se ela está fora de perigo?

- Evidentemente que está fora de perigo. Vamos levar toda esta porcaria na nossa mala. Como lhe dizia, chupa-se o que está velho para pôr novo em seu lugar e tudo fica certo outra vez.

- Nenhum de vocês é médico. Porque o Serviço de Urgência não enviou um médico?

- Para quê? - O cigarro do operador oscilava-lhe ao canto da boca. - Casos como este, há nove ou dez por noite. Temos visto tantos, de uns anos para cá, que mandaram construir máquinas especiais. Apenas a lente ótica é uma novidade, o resto já é velho. Para casos como este não é preciso um médico. Tudo o que é preciso são dois tipos afinados, para liquidar o assunto em meia hora. Bem - dirigiu-se para a porta -, temos de ir. Acabamos de receber nova chamada no nosso micro rádio. Perto daqui.

Um tipo que engoliu um tubo de pílulas, inteirinho. Avise-nos, se voltar a precisar de nós; ela que se conserve tranquila. Demos-lhe um contra sedativo. Vai acordar cheia de fome. Até à vista.

E os homens de cigarros pendentes das bocas em cicatriz, os homens com olhos de intoxicados, ergueram a sua carga de máquinas e tubos, a sua caixa de melancolia líquida, a sua inominável escória sombria e viscosa, e saíram com passo arrastado.

Montag deixou-se cair numa cadeira e ficou contemplando a mulher. Ela estava de olhos fechados. Pôs-lhe a mão em frente da boca, para lhe sentir a respiração tépida.

- Mildred - disse, finalmente.

"Somos demais", pensou ele. "Somos bilhões, e isso é muito. Ninguém conhece ninguém. Desconhecidos aparecem e violentam-vos. Desconhecidos aparecem e arrancam-vos o coração. Desconhecidos chegam e tiram-vos o sangue. Bom Deus, quem eram esses homens? Nunca os tinha visto na minha vida!"

Meia hora passou. O fluxo sanguíneo da mulher tinha sido inteiramente renovado e parecia tê-la transformado.

As faces estavam rosadas, os lábios muito frescos e coloridos. Pareciam doces e repousados. O sangue de qualquer outro corria ali. Se, ao menos, eles tivessem também levado o seu espírito para a tinturaria, para lhe limpar as algibeiras, passá-lo a ferro, remodelá-lo e torná-lo a trazer de manhã! Se, ao menos...

Levantou-se e foi abrir as janelas para deixar entrar o ar da noite. Eram duas horas da manhã.

Teria passado apenas uma hora desde o seu encontro com Clarisse McClellan na rua, a sua volta para casa, o seu pontapé no pequeno frasco de cristal? Apenas uma hora, mas o mundo tinha-se dissolvido e ressurgido sob uma forma nova e sem cor.

Risos soavam no outro lado, do jardim banhado pelo luar, na casa de Clarisse, onde os seus pais e o

seu tio conversavam calmamente. Eram risadas alegres, calorosas, sem sombra de medo e elevavam-se da casa brilhantemente iluminada no meio da noite, enquanto todas as outras casas estavam mergulhadas na escuridão.

Montag ouvia as vozes falando, falando, respondendo-se, falando e tecendo a sua rede hipnótica.

Inclinando-se sobre Mildred, aconchegou-a com cuidado e foi estender-se na sua cama. O luar inundava lhe o rosto, escorria nas rugas da testa. O luar destilava-se nos seus olhos e velava-os com uma cascata de prata.

Uma gota de chuva. Clarisse. Outra gota. Mildred. Uma terceira. O tio. Uma quarta. O fogo dessa noite. Uma, Clarisse. Duas, Mildred. Três, o tio. Quatro, o fogo.

Uma, Mildred, duas, Clarisse. Uma, duas, três, quatro, cinco, Clarisse, Mildred, o tio, o fogo, os comprimidos para dormir. Um, dois, três! Chuva. Tempestade. O tio que ri.

O trovão que ribomba pela escada. O mundo inteiro que se afunda. O fogo explodindo como um vulcão. Tudo começa a descer, entre turbilhões de uma torrente rugidora, em direção à manhã.

- Não sei nada, nada de coisa nenhuma - disse Montag, e deixou dissolver-se na língua um losango dispensador de sono.

As nove da manhã a cama de Mildred estava vazia.

Montag levantou-se rapidamente, com o coração batendo, correu pelo corredor e parou à porta da cozinha.

Uma torrada saltava da torradeira prateada. Uma mão de cristal em forma de aranha agarrou-a e inundou-a de manteiga. Mildred viu-a aterrar no seu prato.

As abelhas eletrônicas, zumbidoras, estavam fixadas nos seus tímpanos. Ergueu subitamente os olhos, viu-o, e fez-lhe um sinal com a cabeça.

- Sente-se bem? - perguntou ele.

Após dez anos de prática com as conchas dos micro rádios, ela tinha-se tornado uma técnica da leitura dos lábios. De novo concordou com a cabeça. Tornou a ligar a torradeira, para obter uma segunda torrada.

Montag sentou-se.

- Gostaria realmente de saber porque tenho tanta fome - disse-lhe a mulher.

- Você...

- Estou morrendo de fome!

- Ontem à noite...- começou ele.

- Não conseguia dormir esta noite... sentia-me mal! - disse Mildred. - Meu Deus, mas que fome! Não sei porquê.

- Ontem à noite... - disse ele de novo.

Ela olhava-lhe os lábios, com olhos distraídos.

- Que houve ontem à noite?

- Não te lembras?

- De quê? Tivemos alguma farra? A boca tem gosto de papéis de música. Mas que fome tenho! Quem estava lá?

- Pouca gente - respondeu Montag.

- Era o que me parecia. - Ela mastigou a torrada. - Sinto o estômago um pouco revolvido, mas tenho uma destas fomes!... Espero não ter feito asneiras durante a festa.

- Não - disse ele, calmamente.

A torradeira lançou mais uma loura fatia, em sua intenção. Ele recebeu-a na mão, com um sentimento de sujeição.

- Tu também não estás com um aspecto muito brilhante - disse-lhe a mulher.

A tarde começou a chover e um véu acinzentado estendeu-se sobre todas as coisas.

No corredor da casa, Montag colocou a sua insígnia com a salamandra cor de fogo.

Conservou-se um longo momento imóvel, os olhos erguidos para a rede do climatizador. A sua mulher, na sala da televisão, parou de ler o programa e olhou-o.

- Olá! - disse. - Mas este homem pensa!

- Pois penso - respondeu-lhe Montag. - Queria falar-te - interrompeu-se. - Engoliste todos os comprimidos do teu frasco, na noite passada.

- Eu? Tens cada uma! - disse ela, surpreendida.

- O frasco estava vazio.

- Mas eu nunca faria tal coisa!... Porque acha que eu teria feito isto?

- Talvez tenhas tomado dois comprimidos, depois esquecido, depois outros dois comprimidos e mais uma vez esquecido. Finalmente, ficaste de tal maneira tonta que continuaste sem parar até trinta ou quarenta.

- Safa! Porque acha que eu faria tamanha asneira?

- Não sei.

Ela esperava visivelmente que ele saísse.

- Nunca faria uma coisa dessas. É uma estupidez. - E mergulhou na leitura do programa.

- Qual é o programa desta tarde? - perguntou ele, indiferente.

Mildred ergueu os olhos do texto.

- É uma peça que vai aparecer dentro de dez minutos, na tela múltipla. Enviaram-me o meu papel pelo correio desta manhã. Escrevem a peça com um papel vago. É uma nova ideia O espectador, neste caso eu, representa o papel que falta. No momento em que chega a minha réplica, eles olham-me todos, das três paredes, e eu recito-a. Por exemplo, aqui, o homem diz: "Que pensa da minha posição, Helen?" Então olha para mim, sentada no meio da cena, estás entendendo? E eu respondo, eu respondo... - parou e sublinhou com a unha uma linha do texto. - "Parece-me perfeita." Depois a peça continua até que o tipo diga: "Está de acordo, Helen?" E eu respondo: "Absolutamente." Não achas engraçado, Guy?

De pé, no corredor, ele olhou-a.

- Eu acho isto divertidíssimo - disse ela.

- De que trata a peça?

- Acabo de te dizer. Há três personagens: Bob, Ruth e Helen.

- Oh!

- É verdadeiramente divertido. E será ainda mais quando pudermos fazer a instalação da quarta parede. Dentro de quanto tempo achas que teremos suficiente dinheiro para demolir a quarta parede e substitui-la por uma tela? Custa apenas dois mil dólares.

- O que representa um terço do meu soldo anual.

- Apenas dois mil dólares - continuou ela. - Bem podias pensar em mim de vez em quando. Se tivéssemos a quarta parede, sabe, seria como se a sala não fosse nossa mas de uma quantidade de gente verdadeiramente extraordinária. Podíamos dispensar algumas outras coisas...

- Já dispensamos bastantes coisas para pagar a terceira parede. Foi colocada apenas há dois meses, lembras-te?

- Só? - Olhou-o um longo momento. - Enfim, até logo, meu querido.

- Até logo - disse ele. - E a peça acaba bem?

- Ainda não a li até ao fim.

Montag voltou atrás, leu a última página, meneou a cabeça e devolveu-lhe o texto.

Depois, saiu da casa para a chuva que caía.

A chuva diminuía e a moça caminhava pelo meio do passeio, a cabeça erguida, oferecendo o rosto às gotas que se espaçavam.

Sorriu ao ver Montag.

- Olá!

Ele disse "olá!" e acrescentou: - Que anda a fazer?

- Continuo a ser doida. A chuva é tão doce! Adoro caminhar sob a chuva.

- Creio que isso, para mim, não serviria.

- É preciso experimentar para saber.

- Nunca fiz isso.

Ela lambeu os lábios.

- A chuva tem um gosto delicioso. - Olhou qualquer coisa que tinha na mão.

- Que tem aí?

- Creio que é o último dente-de-leão deste ano. Não pensava encontrar ainda um na erva, nesta época. Nunca lhe disseram que se esfrega o queixo com ele? Olhe. -

Encostou a flor ao queixo, rindo.

- Para quê?

- Se destinge, quer dizer que estou apaixonada... Destingiu?

Ele apenas podia olhar.

- Então?

- Tem o queixo todo amarelo.

- Ótimo! Vamos experimentar com você.

- Não dará nada.

- Pronto!

Antes que ele tivesse podido fazer um gesto, ela tinha-lhe encostado a flor ao queixo. Montag recuou e ela começou a rir.

- Não se mexa! - Examinou-lhe o queixo e franziu os sobrolhos.

- Então? - perguntou ele.

- Que pena! Não está apaixonado por ninguém.

- Estou sim!

- Mas não se vê.

- Estou mesmo muito apaixonado. - Esforçou-se por evocar um rosto em apoio da sua afirmação, mas o rosto não apareceu. - Muito apaixonado – repetiu.

- Por favor, não fale dessa maneira.

- A culpa é do seu dente-de-leão. O pó ficou todo em você. Por isso não funcionou comigo.

- Claro. Tem razão. Magoei-o... estou vendo. Estou sinceramente desolada, pode acreditar.

Pousou-lhe a mão no braço.

- Oh, não! - disse ele, muito depressa. - Não tem importância.

- Tenho de ir embora. Diga-me que me perdoa: não quero que fique zangado comigo.

- Não estou zangado. Talvez aborrecido.

- Devo ir visitar o meu psicanalista. Obrigam-me a ir. Invento histórias para lhe contar. Não sei o que ele pensa de mim. Diz que eu sou uma verdadeira cebola. Tem um trabalhão para descascar todas as camadas.

- Acredito facilmente que precise de um psicanalista - disse Montag.

- Não pensou no que disse.

Ele suspirou.

- Não, não pensei no que disse.

- O psicanalista quer saber porque passeio, porque caminho pelos bosques, porque olho os pássaros e coleciono borboletas. Um dia hei de mostrar-lhe a minha coleção

- Boa ideia

- Querem saber o que faço de todo o meu tempo. Respondo-lhes que acontece algumas vezes de eu ficar simplesmente sentada e refletir Mas não lhes digo em quê.

Levo-os na conversa. E outras vezes digo-lhes que gosto de atirar a cabeça para trás, como agora, e deixar a chuva correr pela minha boca. Tem o mesmo sabor que o vinho. Nunca experimentou?

- Não, eu...

- Já me perdoou, não é verdade?

- Já. - Ele meditou um instante. - Sim, já lhe perdoei. Só Deus sabe porquê. Você é bizarra, é exasperante e, no entanto, com facilidade se lhe perdoa. Disse-me que tinha dezessete anos?

- Bem... no próximo mês.

- Como é curioso... A minha mulher tem trinta anos e, apesar disso, você parece, às vezes, muito mais velha do que ela. Não posso entender.

- O senhor também é estranho, Montag. De vez em quando, chego mesmo a esquecer que é bombeiro. Ouça, não se vai zangar com o que lhe vou dizer?

- Diga.

- Como começou a sê-lo? Como entrou na organização? Como pôde pensar em fazer esse trabalho? Não é como os outros. Tenho visto alguns. Eu sei. Quando lhe digo qualquer coisa, olha para mim; quando falei da Lua ontem à noite, olhou para a Lua. Nunca os outros teriam feito isso. Teriam deixado de falar comigo. Ou então ter-me-iam ameaçado. Ninguém tem agora um só instante para consagrar aos outros. O senhor é um dos raros que parecem dispostos a suportar-me. Eis porque acho estranho que seja bombeiro. Num certo sentido, isso não condiz nada consigo.

Ele sentiu o corpo rasgar-se em dois, meio a arder, meio gelado, meio terno, meio violento, meio tremente, meio rígido, e as duas metades rangendo uma contra a outra.

- É melhor que vá andando para o seu encontro - respondeu-lhe ele.

Ela partiu e deixou-o de pé, sob a chuva. Ao fim de um longo momento, também Montag começou a andar. Depois, muito lentamente, enquanto andava, deitou a cabeça para trás, entre a chuva, um breve instante, e abriu a boca...

O Cão-Policial Mecânico dormia sem dormir, vivia sem viver, rosnando e vibrando docemente no fundo do seu canil, vagamente iluminado, a um canto da caserna dos bombeiros.

A luz difusa da uma hora da manhã, o luar descendo do céu límpido, punha vagos reflexos no bronze, no cobre e no aço do animal, sacudido por um ligeiro frêmito. A luz brilhava nos pelos capilares de náilon das narinas do monstro, que estremecia docemente, docemente, com as suas oito patas, munidas de ventosas de borracha, dobradas sobre si.

Montag deixou-se escorregar pelo mastro de cobre. Saiu para olhar a cidade e o céu agora sem nuvens. Depois, acendeu um cigarro e veio inclinar-se sobre o monstro.

- Olá! - murmurou Montag, fascinado, como sempre, pelo animal simultaneamente morto e vivo. À noite, quando não tinham nada que fazer, o que acontecia frequentemente, os homens escorregavam pelos tubos de cobre, ligavam as diversas combinações do sistema olfativo do Cão-Policial e largavam ratos na sala, e, às vezes, galinhas ou gatos destinados fatalmente a morrer, e faziam-se apostas sobre os gatos, os frangos ou os ratos que o Cão-Policial apanharia primeiro.

Os animais eram postos em liberdade e, três segundos depois, tudo estava acabado. O rato, o gato ou o frango, apanhado em plena corrida, ficava prisioneiro das garras elásticas, enquanto uma agulha oca, de aço, com dez centímetros de comprimento, lançada do focinho do Cão-Policial, lhe injetava doses maciças de morfina ou procaína. A vítima era, em seguida, lançada no incinerador e uma outra corrida começava.

Montag ficava em cima a maior parte das vezes, enquanto os outros jogavam esse jogo. Dois anos antes tinha apostado como os melhores de entre eles, perdido uma semana de soldo e aguentado o furor de Mildred. Agora, ficava deitado na sua cama, voltado para a parede, ouvindo as risadas, as corridas dos ratos e os grandes saltos silenciosos do Cão-Policial que se abatia sobre a sua presa como um inseto e a dominava, mergulhando-lhe o aguilhão e indo de novo adormecer no seu canil, como sob a ação de um comutador.

Montag tocou no focinho do monstro. O Cão-Policial emitiu um grunhido. Montag deu um salto

para trás.

O Cão-Policial ergueu-se um pouco no seu canil e fixou em Montag uns olhos bulbosos subitamente animados de uma palpitação de néon azul-esverdeado. Rosnou de novo, com uma vibração eléctrica onde se misturava como que um ruído de fritura, um rangido de metal e um silvo hostil de parafusos ferrugentos.

- Não, não! - disse Montag, sobressaltado. Viu a agulha prateada aparecer alguns centímetros, desaparecer, tornar a sair, tornar a desaparecer. O grunhido prolongou-se pelos flancos do monstro, que olhava Montag.

Montag recuou um passo. O Cão-Policial saiu do canil. Montag agarrou o mastro de cobre com uma mão. O mastro reagiu, deslizou para cima e transportou Montag através do teto. Montag parou na pequena varanda do andar superior, fracamente iluminado. Tremia, e o seu rosto tinha tomado uma cor branco-esverdeada.

Em baixo, o Cão-Policial tinha dobrado as suas incríveis patas de inseto e voltara a vibrar docemente, com os seus olhares multifaces adormecidos.

Montag, de pé, esperava que o terror se dissipasse.

Atrás dele, quatro homens, sentados num canto a uma mesa de jogo sob um candeeiro verde, lançaram-lhe rápidos olhares, sem dizerem uma palavra.

Apenas o jogador que usava o boné de capitão com a fênix na pala, conservando as cartas nos seus dedos esguios, disse enfim, num tom curioso: - Montag?...

- Ele não *gosta de mim* - disse Montag.

- Quem, o Cão-Policial? - O capitão examinou as cartas.- Ora, ora. Ele não gosta nem detesta ninguém. Funciona, e é tudo. É como uma lição de balística. Descreve a trajetória que lhe preparamos. Segue a pista, atinge o alvo, volta e para Fios de cobre, pilhas e corrente eléctrica, nada mais.

Montag engoliu em seco.

- Os seus calculadores podem ser regulados sobre qualquer combinação... Tanto de ácidos aminados, tanto de enxofre, tanto de matérias gordas ou alcalinas. Não é assim? - Já sabemos isso tudo.

- Todas essas doses químicas, essas percentagens registadas em nós todos aqui no quartel, estão classificadas no arquivo principal, lá em baixo. Qualquer pessoa poderá facilmente ligar uma combinação parcial na "memória" do Cão-Policial, uma determinada dose de ácidos aminados, por exemplo. Isso poderá explicar o comportamento do animal. Ele reagiu quando me aproximei.

- Isso é uma estupidez! - disse o capitão.

- Ele estava apenas enervado e não francamente colérico. Talvez apenas um elemento de "memória" fixado por não sei quem, provocando esses grunhidos quando lhe toquei.

- Quem poderia ter semelhante ideia? - perguntou o capitão. - Não tens inimigos aqui,

- Guy?

- Não que eu saiba.

- Amanhã faremos verificar o Cão-Policial pelos nossos técnicos.

- Já não é a primeira vez que ele me ameaça - disse Montag. - O mês passado, aconteceu duas vezes.

- Vamos arranjar isso. Não te preocupes.

Mas Montag ficou onde estava, pensando na grade do ventilador no corredor da sua casa e no que estava escondido atrás dela. Se algum dos seus camaradas soubesse alguma coisa a respeito do ventilador, não teria ido dizer ao Cão-Policial?

O capitão veio até junto dele e deitou-lhe um olhar interrogador.

- Pergunto a mim mesmo - disse Montag - no que pode pensar o Cão-Policial todas as noites? Pode ele excitar-se verdadeiramente contra nós? Pensar nisso dá-me arrepios.

- Ele não pensa em nada, a não ser naquilo em que lhe mandamos pensar.

- É triste - disse Montag calmamente - porque o encarregam unicamente de caçar, perseguir e matar. É triste ter de se dizer que ele nunca saberá fazer outra coisa.

Beatty deu uma risada.

- Ora, o que importa é que é uma boa realização técnica, uma espécie de espingarda capaz de procurar o próprio alvo e que acerta sempre.

- É exatamente por isso - disse Montag - que não me interessa ser a sua próxima vítima.

- Porquê? Não tens a consciência tranquila?

Montag lançou-lhe um rápido olhar. Beatty contemplou-o um momento, depois a boca entreabriu-se-lhe e começou a rir suavemente.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete dias. E, cada vez que ele saía de casa, Clarisse aparecia. Uma vez viu-a sacudindo uma nogueira; outra, sentada no jardim, fazendo uma camisola azul; três ou quatro vezes encontrou um pequeno ramo de flores nos degraus da sua porta, ou um punhado de avelãs num pequeno saco, ou folhas outonais pregadas numa folha de papel branco fixada à sua porta com um alfinete. Todos os dias Clarisse o encontrava na esquina da rua.

- Como pode ser - disse ele um dia, à entrada do metrô - que tenha a impressão de conhecê-la há muito tempo?

- Porque eu gosto muito de você - respondeu-lhe ela - e nunca lhe peço nada. E porque nos conhecemos bem.

- Com você sinto-me muito velho e um pouco como um pai.

- Agora diga-me: porque não tem filhas como eu, já que gosta tanto de crianças?

- Não sei.

- Está brincando!

- Quero dizer... Enfim, a minha mulher não... nunca quis ter filhos.

A jovem deixou de sorrir.

- Desculpe-me. Pensei que estava troçando de mim. Sou muito estúpida.

- Não, não - disse ele. - É uma pergunta aceitável. Há muito tempo que ninguém me fazia. De fato, é uma boa pergunta.

- Falemos de outra coisa. Já alguma vez cheirou as folhas velhas? Não acha que cheiram a canela? Pegue, cheire.

- É verdade, parece um pouco o cheiro da canela.

Ela olhou-o, com um olhar claro e profundo.

- O senhor parece ter sempre um ar assustado.

- É que nunca tive tempo...

- Viu os cartazes que nunca mais acabam, de que lhe falei?

- Parece-me que sim. - Montag riu.

- O seu riso tornou-se mais agradável.

- Acha?

- Muito mais à vontade.

Ele sentia-se de fato à vontade, eufórico.

- Porque não está na escola? Vejo-a passeando todos os dias.

- Oh! Não faço falta lá. Sou antissocial, parece. Não me misturo com os outros.

É estranho. Porém, para mim, acho que sou muito social. Tudo depende do sentido que se dá à palavra, não acha?

Ser social, para mim, é falar-lhe como lhe estou falando, por exemplo, ou falar do estranho mundo em que vivemos. É agradável encontrar-mo-nos com outras pessoas. Não vejo o que há de social em pôr uma quantidade de pessoas juntas para impedi-las de falar. Não é da mesma opinião? Uma hora de aula televisada, uma hora de basquetebol, de basebol ou de corridas a pé, uma outra hora de transcrição de história ou de pintura e mais uma vez desportos, mas, sabe, nunca ninguém faz perguntas ou, pelo menos, a maior parte de nós não as faz; contentam-se em meter as respostas na cabeça, bing, bing, bing, bing, e ficam sentados quatro horas seguidas perante filmes educativos. Isso nada tem de social, para mim. Faz-me lembrar um barril onde se deite água por um lado que torna a sair pelo outro e que depois nos digam que é vinho. Eles embrutecem-nos de tal forma que, ao fim do dia, apenas nos sentimos capazes de ir para a cama ou para um parque de atrações empurrar pessoas, partir vidros na barraca do

"Quebra Vidros", virar automóveis no "Demoli-car" com a grande bala de aço ou ainda de sair num carro e seguir em grande velocidade pelas ruas, rasando os candeeiros, tentando matar galinhas.

No fundo, devo ser aquilo que me acusam de ser. Não tenho um único amigo.

Isso chega, parece, para provar que sou anormal. Mas todos quantos conheço passam o seu tempo a gritar, a saltar como selvagens ou a baterem-se. Notou como todo mundo se agride, hoje?

- Fala como uma velha.

- Algumas vezes sou muito velha. Tenho medo das crianças da minha idade. Matam-se umas às outras. Foi sempre assim? O meu tio diz que não. No ano passado, seis dos meus camaradas foram abatidos. Dez morreram em acidentes de automóvel.

Tenho medo deles e eles não gostam de mim porque eu tenho medo. O meu tio conta que o seu avô se lembrava de uma época em que as crianças não se matavam umas às outras. Mas isso era há muito tempo, quando tudo era diferente. Elas acreditavam na responsabilidade, segundo diz o meu tio. Olhe, eu sinto-me responsável. Levei açoites quando os merecia, há alguns anos. E fiz todo o meu curso e todo o trabalho da casa pessoalmente... Mas, sobretudo – continuou -, gosto de ver os outros. Algumas vezes, passo todo o dia no metrô, observando e escutando. Tento imaginar quem são, o que querem, para onde vão. Acontece-me também ir aos parques de atrações ou subir para os carros a jato quando fazem a corrida da meia-noite à saída da cidade e, desde que todos estejam no seguro, a. Polícia fecha os olhos. Basta ter um seguro de dez mil dólares, e todo mundo fica satisfeito. Ouço-os nos metrôs ou nos distribuidores de sodas, e sabe o que acontece?

- O quê?

- As pessoas não dizem nada.

- Oh! É impossível.

- Não e não. Nada. Citam marcas de automóveis, de trajes, moradas de piscinas e, sobretudo, dizem: "Oh! Que bom!" Mas dizem todos as mesmas coisas e ninguém tem nunca uma opinião diferente. E, a maior parte do tempo, nos cafés, põem a funcionar as joke-boxes[{1}] que que contam sempre as mesmas histórias, ou as telas musicais com todos os desenhos a desfilarem pelas paredes, mas que nunca são mais nada do que manchas de cores, e sempre abstratos. E nos museus, já esteve lá, por acaso? Nada mais que abstrações, é tudo. O meu tio diz que antes era diferente. Há muito tempo, os quadros representavam coisas ou até mesmo homens.

- O seu tio diz, o seu tio diz. O seu tio deve ser um homem notável.

- Oh! Sim, sem dúvida alguma. Enfim, acho que tenho de ir embora. Até à vista, Sr. Montag.

- Até à vista.

- Até à vista...

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete dias: o quartel dos bombeiros.

- Montag, sobes por esse mastro como um pássaro numa árvore. Terceiro dia.

- Montag, vi-te entrar pela porta de trás. O Cão-Policial assusta-te.

- Não, não. Quarto dia.

- Montag, uma história divertida. Contaram-me esta manhã. Um bombeiro de Seattle regulou voluntariamente um Cão-Policial Mecânico sobre o seu próprio complexo químico e depois ficou à espera. Como tu chamarias a esta espécie de suicídio?

Cinco, seis, sete dias.

E então, Clarisse desapareceu.

Ele não soube o que tinha acontecido nessa tarde, mas Clarisse continuou invisível.

O jardim estava vazio, vazias as árvores e a rua. Primeiro, não notou que ela lhe fazia falta ou que a procurava, mas, ao chegar ao metrô, sentiu um mal-estar germinar em si. Havia qualquer coisa que não estava certa; a sua rotina quotidiana estava desorganizada. Uma rotina bem simples, na verdade, estabelecida apenas em poucos dias e, no entanto... Pensou em voltar atrás e tornar a fazer o trajeto, para lhe dar tempo a aparecer. Estava certo de que, se seguisse de novo o mesmo percurso, tudo se resolveria. Mas era tarde, e a chegada do comboio reduziu-lhe o plano a nada.

As cartas que voavam, o movimento das mãos, a agitação das pálpebras, o ruído do relógio falante no teto da caserna: "...uma hora e trinta e cinco, quinta-feira, 4 de Novembro... uma hora e trinta e seis, uma hora e trinta e sete..." A pancada das cartas sobre a mesa gordurosa, todos os sons chegavam até Montag, por detrás dos seus olhos fechados, por detrás dessa barreira que ele tinha provisoriamente erguido... "Uma hora e quarenta e cinco." O fono-relógio moía, com voz morna, a hora fria de uma madrugada fria, de um ano mais frio ainda.

- Que tens, Montag? Montag abriu os olhos.

Um rádio murmurava, em qualquer lugar: - A guerra pode ser declarada de um momento para o outro. O nosso país está pronto a erguer-se para a defesa de...

A caserna tremeu. Um grupo de aviões a jato tinha atravessado o céu negro da madrugada, com um silvo estridente. Montag pestanejou.

Beatty olhava-o como se estivesse a examinar uma estátua num museu.

- É a tua vez de jogar, Montag.

Montag contemplou esses homens de rostos queimados por mil incêndios bem reais e mais dez mil imaginários, a quem o trabalho inflamava as faces e enchia os olhos de febre. Esses homens cujo olhar atravessava sem pestanejar a chama dos seus ignidores de platina, enquanto acendiam os cachimbos de fornilhos eternamente calcinados. Eles e os seus cabelos de antracite, as suas sobrancelhas cor de ferrugem, as suas faces azuladas, barbeadas de fresco e empoadas de cinza; impossível enganar-se a respeito deles.

Montag deu um passo e os seus lábios entreabriram-se. Tinha visto alguma vez um bombeiro que não tivesse os cabelos negros, as sobrancelhas negras, o rosto áspero e esse queixo de reflexos de aço azulado, barbeado sem o estar? Esses homens eram todos feitos à sua própria imagem! Seriam os

bombeiros escolhidos tanto pelo seu aspecto como pelas suas tendências? Essa cor de cinza que os rodeia e o perpétuo cheiro carbonizado dos seus cachimbos. O capitão Beatty, entre eles, erguendo-se numa nuvem pesada de fumo. Beatty abrindo um novo pacote de tabaco e amassando o invólucro de celofane que crepita como um incêndio.

Montag olhou para as cartas que tinha nas mãos.

- Eu... perguntava a mim mesmo - disse. - A propósito do fogo da semana passada... Esse tipo a quem foi liquidada a biblioteca. Que lhe aconteceu?

- Despacharam-no para o asilo. Gritava como um maluco.

- Ele não era doido.

Beatty arrumava calmamente as cartas.

- Todo o homem que pensa poder enganar-nos e ao Governo, é doido.

- Tento imaginar - continuou Montag - o efeito que isso nos faria... ver os bombeiros queimarem as nossas casas e os nossos livros.

- Nós não temos livros.

- Mas suponhamos que tivéssemos.

- Tu tens? Beatty olhava-o.

- Não. - Montag deixou errar o olhar pela parede do fundo, onde estavam afixadas as listas de um milhão de livros proibidos. Os seus títulos saltavam nas chamas, todo um passado se consumia sob o seu machado e a sua mangueira que não lançava água, mas gasolina. - Não. - Mas no seu espírito ergueu-se uma suave brisa que começou a soprar pela grade do ventilador, na sua casa, docemente, muito docemente, acariciando-lhe o rosto. E de novo se viu num parque verdejante conversando com um homem velho, muito velho, e o vento que soprava pelo parque era frio, muito frio. Montag hesitou:

- Teriam... teriam as coisas sido sempre assim? A caserna, a nossa profissão? Quero dizer... Enfim, não houve um tempo...

- Não houve um tempo...! - disse Beatty. - Ora aí está uma estranha maneira de falar!

"Imbecil", pensou Montag, "acabarás por te trair."

- Quero dizer, há muito tempo - continuou - antes que as casas fossem completamente ignífugas... - Subitamente, pareceu-lhe que uma voz, muito mais jovem que a sua, estava falando. Abriu a boca e foi Clarisse McClellan quem perguntou: - Não é verdade que os bombeiros apagavam os fogos, em vez de os provocar e ativar?

- Sempre há cada um! - Stoneman e Black puxaram os seus manuais que incluíam igualmente uma história abreviada do corpo de bombeiros da América. Depois colocaram-nos, abertos, em frente de Montag. Montag conhecia o texto de cor há muito tempo, mas leu;

FUNDADO EM 1790 PARA QUEIMAR OS LIVROS DE INFLUÊNCIA INGLESA NAS

COLÔNIAS PRIMEIRO BOMBEIRO: BENJAMIM FRANKLIN

REGULAMENTO

1 - Responder rapidamente à chamada;

2 - Incendiar rapidamente;

3 - Queimar tudo;

4 - Retornar imediatamente ao quartel.

5 - Fique alerta para os outros alarmes.

Todos olharam para Montag, que não se mexia.

O sinal de alarme soou.

A campainha do teto começou a tocar sem interrupção.

Subitamente, nada mais houve do que quatro cadeiras vazias. As cartas espalharam-se como uma avalancha de neve. O mastro de bronze vibrou. Os homens tinham partido.

Montag ficara sentado. Em baixo, o dragão vermelho animava-se, rugindo. Montag deixou-se escorregar pela haste de metal, como num sonho.

O Cão-Policial Mecânico agitava-se no seu canil, uma chama verde nos olhos.

- Montag, esqueceste do capacete.

Ele tirou-o da parede que ficava atrás, correu, saltou e partiram numa onda; o vento noturno levava consigo os uivos da sirene e fustigava a poderosa máquina metálica com um rugido de tempestade.

Era uma casa de dois andares, na parte mais antiga da cidade; tinha mais de um século mas, como todas as outras casas, tinha sido revestida, alguns anos antes, com uma fina camada plástica ignífuga e esse envelope protetor parecia a única coisa capaz de mantê-la de pé.

- Aqui estamos!

O carro estacou. Beatty, Stoneman e Black atravessaram o passeio, subitamente odiosos, envoltos nos seus espessos trajos ignífugos. Montag seguiu-os.

Arrombaram a porta de entrada e agarraram uma velha senhora que, no entanto, não corria nem sequer tentava fugir. Estava simplesmente de pé, oscilando, os olhos fixos no vácuo, em frente da parede, como se os homens lhe tivessem dado uma terrível pancada na cabeça. A língua agitava-se lhe na boca e os olhos pareciam tentar lembrar-se de qualquer coisa. Depois lembrou-se e os seus lábios de novo se agitaram:

- Seja um homem, Sr. Ridley. Vamos hoje, pela graça de Deus, acender na Inglaterra um facho que, tenho a certeza, nunca mais se extinguirá.

Basta! - disse Beatty. - Onde estão eles? Esbofeteou-a com uma calma surpreendente e repetiu a pergunta. A velha senhora olhava-o atentamente.

- Sabe perfeitamente onde eles estão - respondeu.- Senão, não estaria aqui.

Stoneman brandia o aviso telefônico de alarme, com a queixa assinada nas costas." Temos razões para suspeitar do sótão: n.° n, Elm, City. E. B."

- Deve ser a minha vizinha, a Sra. Blake - disse a mulher, examinando as iniciais.

- Bem, atenção, rapazes, vamos a isto!

Momentos depois encontravam-se no sótão, no meio de uma escuridão cheirando a mofo, arrebentando à machadada as portas que nem sequer estavam fechadas à chave, tropeçando em tudo como garotos travessos e barulhentos.

- Olha!

Uma chuva de livros abateu-se sobre Montag, enquanto ele subia os degraus que conduziam ao sótão. Que estranha situação! Até àquela altura, nunca tinha sentido a mínima repugnância. A polícia chegava sempre primeiro ao local, amarrando e amordaçando a vítima, e levando-a no seu carro negro. Assim, quando chegavam, encontravam apenas uma casa vazia. Não se feria ninguém, apenas se destruíam as coisas. E as coisas, de fato, não podiam ser feridas, não sentindo nada, não gritando nem gemendo, ao passo que aquela mulher podia começar a gritar ou a chorar de um momento para o outro. Assim, quando eram só as coisas, nada restava mais tarde para incomodar a consciência. Tratava-se simplesmente de uma limpeza, de um trabalho de desinfecção. Cada coisa no seu lugar. E, evidentemente, a gasolina.

Quem tem um fósforo? Mas, naquela noite, uma negligência tinha sido cometida.

Aquela mulher perturbava o rito. Os homens faziam muito barulho, riam e troçavam, para cobrir o seu silêncio terrível e acusador, lá em baixo. A sua presença suscitava nas salas vazias ecos de um protesto impiedoso e a chuva de uma fina poeira de culpa infiltrava-se-lhes pelas narinas, enquanto corriam de um lado para o outro.

Não era justo nem delicado. Montag sentia-se invadido por um imenso furor.

Ela não devia estar ali! Livros bombardeavam-lhe as costas, os braços, o rosto virado para cima. Um livro tombou suavemente, como um pombo branco, nas suas mãos, as asas palpitantes.

Na penumbra, uma página se abriu, como uma pluma de neve, as palavras delicadamente traçadas na superfície branca. Na confusão, Montag apenas teve um segundo para ler uma linha, mas essa linha brilhou no seu espírito durante todo o minuto seguinte, como marcada a ferro em brasa: O *tempo adormeceu sob o sol da tarde*. Largou o livro. Imediatamente um outro lhe caiu nos braços.

- Montag, chega aqui!

Os dedos de Montag fecharam-se como lábios; apertou o livro com um fervor selvagem, com uma súbita demência, contra o peito. Os homens, lá em cima, lançavam braçadas de revistas no ar poeirento. Elas tombavam como aves massacradas e a mulher, em baixo, conservava-se imóvel, como uma criança, no meio dos cadáveres.

Montag nada tinha feito. Fora a sua mão, a sua mão dotada de um cérebro próprio, de uma consciência e de uma curiosidade viva em cada um dos seus dedos trementes, que tinha cometido o roubo.

E agora mergulhava ela por baixo do braço, colocava o livro sob a axila suada e voltava, vazia, com um gesto de prestidigitador! Olhem! Nada nesta mão! Olhem bem! Contemplou, admirado, aquela mão branca. Afastou-a de si, como se fosse hipermetrope; aproximou-a, como se fosse cego.

- Montag!

Sobressaltou-se.

- Não fiques aí parado, idiota!

Os livros jaziam como se fossem peixes a secar. Os homens dançavam, escorregavam e caíam-lhes em cima. Os olhos de ouro dos seus títulos brilhavam, deslizavam, desapareciam.

- Gasolina!

Começaram a aspirar o líquido frio dos reservatórios numerados 451, ajustados às suas costas. Aspergiram cada livro, inundaram todas as salas.

Depois desceram correndo a escada; Montag, atrás deles, cambaleava por entre os vapores da gasolina.

- Vamos embora, mulher!

Ajoelhada entre os livros, ela acariciava o couro e o cartão inundados, seguia os títulos com as pontas dos dedos, enquanto os seus olhos acusavam Montag.

- Nunca levarão os meus livros – disse.

- Já conhece a lei - respondeu Beatty. - Não terá uma ponta de bom senso? Não há dois desses livros que estejam de acordo entre si. Você tem passado aqui anos, nesta danada torre de Babel. Acorde! As personagens desses livros nunca existiram.

Vamos, depressa.

Ela negou com a cabeça.

- A casa vai explodir - continuou Beatty.

Os homens aproximavam-se da porta, com passos martelados. Deram uma olhadela para trás, para Montag, que tinha ficado em pé junto da mulher.

- Não vão deixá-la ficar aqui, não é? - protestou.

- Ela não quer vir.

- Então obriguem-na.

Beatty ergueu a mão em que tinha o seu ignitor.

- Devemos voltar para o quartel. Além disso, estes fanáticos tentam sempre suicidar-se. Já conheço a história.

Montag pousou a mão no braço da velha senhora.

- Deve vir comigo.

- Não - respondeu ela. - Obrigada, apesar de tudo.

- Vou contar até dez - disse Beatty. - Um, dois...

- Faça-me esse favor - insistiu Montag.

- Vá embora - disse a mulher.

- Três, quatro...

- Venha! - Montag puxou-a pelo braço.

- Quero ficar aqui - replicou ela, calmamente.

- Cinco, seis...

- Pode parar de contar - disse a mulher.

Afastou ligeiramente os dedos e na sua mão apareceu um pequeno objeto. Um simples fósforo.

Os homens, ao vê-lo, correram para fora de casa. O capitão Beatty, conservando a sua dignidade, atravessou lentamente o umbral, recuando, o rosto rosado, queimado e brilhante de mil incêndios, de mil noites tumultuosas.

"Meu Deus", pensou Montag, "é verdade! Os alarmes são sempre dados à noite. Nunca de dia! O fogo será mais belo de contemplar à noite? Será o espetáculo mais grandioso, mais eficiente?" O rosto rosado de Beatty, no enquadramento da porta, traía um princípio de pânico. A mulher triturava o fósforo entre os dedos. Os vapores de gasolina subiam em volutas à sua volta. Montag sentia o livro apertado contra o peito, batendo como um coração.

- Vão embora! - disse a mulher, e Montag sentiu-se recuar, afastar-se, atravessar a porta atrás de Beatty, descer os degraus, atravessar o jardim onde o rasto da gasolina serpenteava como uma serpente maléfica. A mulher apareceu no umbral, imóvel, avaliando-os com o olhar, e a sua calma era uma condenação sem apelo.

Beatty moveu o ignidor para incendiar a gasolina.

Muito tarde. Montag abafou um grito.

A mulher, à porta, estendeu o braço com um gesto de desprezo que os envolveu a todos, e esfregou o fósforo na balaustrada.

Por toda a rua as pessoas começaram a sair, correndo, das casas...

Voltaram para o quartel em silêncio, sem trocar um olhar. Montag ia sentado à frente, com Beatty e Black. Nem sequer fumavam cachimbo. Estavam sentados, os olhos fixos na grande salamandra e não pronunciavam uma palavra.

"Sr. Ridley" - disse enfim Montag.

O quê? - perguntou Beatty.

Ela disse "Sr. Ridley". Disse qualquer coisa insensata quando entramos: "Seja um homem, Sr. Ridley", e não sei que mais.

"Vamos hoje, pela graça de Deus, acender na Inglaterra um facho que, tenho a certeza, nunca mais se apagará" - disse Beatty.

Stoneman lançou uma olhadela ao capitão e Montag imitou-o, estupefato. Beatty afagou o queixo.

- Um homem chamado Latimer disse estas palavras a um outro que se chamava Nicholas Ridley, no momento em que iam ser queimados vivos por heresia, em Oxford, a 16 de Outubro de 1555.

Montag e Stoneman voltaram a olhar a rua que deslizava sob rodas do carro.

- Há uma quantidade de frases e passagens que me vêm constantemente à memória. É inevitável, para a maior parte dos capitães. As vezes surpreendo-me com isto. Atenção, Stoneman!

Stoneman freou subitamente.

- Com os diabos! - disse Beatty. - Acaba de ultrapassar a rua em que devíamos virar para voltar ao quartel.

- Quem é?

- Quem queres tu que seja? - disse Montag, encostando-se à porta que acabava de fechar, na escuridão.

- Está bem, acende a luz - disse-lhe a mulher.

- Não quero acender as luzes.

- Vem te deitar.

Ele ouvia-a agitar-se com impaciência. As molas do colchão gemeram.

- Estás bêbedo? - perguntou-lhe Mildred.

Assim, fora a sua mão quem tinha começado. Sentia as mãos, uma após a outra, despir-lhe o traje e deixá-lo cair no chão. As suas mãos tinham sido contaminadas e, dentro em breve, seriam os braços. Sentia já o veneno subindo ao longo dos pulsos, em direção aos ombros, saltando depois de uma omoplata à outra, como faíscas entre dois polos As suas mãos estavam ávidas. E os olhos começavam a

sentir um irresistível desejo de ver, ver qualquer coisa, ver fosse o que fosse.

- Mas o que estás fazendo?

Montag hesitou, segurando o livro nos dedos frios e úmidos Um minuto passou.

- Bem - disse ela -, vê lá se não ficas aí parado no meio do quarto.

Montag resmungou vagamente.

- O quê? - perguntou Mildred.

Ele deixou escapar de novo alguns sons indistintos. Depois aproximou-se da sua cama e, desajeitadamente, colocou o livro sob o travesseiro frio.

Deixou-se cair sobre o leito e a mulher, surpreendida, deu um grito. Estendido, no outro extremo do quarto, muito longe dela, sentia-se numa ilha hibernai rodeada por um mar vazio. Mildred falava disto e daquilo, mas apenas embriões de palavras chegavam até ele, vindas da distância. Nada respondia e, ao fim de um longo momento, sentiu que ela atravessava o quarto, se dirigia para a sua cama e lhe tateava o rosto.

E quando Mildred retirou a mão, Montag soube que ela estava úmida.

Mais tarde, durante a noite, virou a cabeça para Mildred. Ela não dormia. As linhas de uma tênue melodia deslizavam pelo ar. Os seus micro rádios estavam de novo metidos nas orelhas e ela ouvia longínquas personagens em lugares distantes, os olhos abertos e fixos no vácuo escurecido do teto.

Não existia já uma velha anedota a propósito daquela mulher que falava tanto ao telefone que o marido, desesperado, correra à cabina mais próxima para lhe telefonar e perguntar a ementa do jantar? De fato, porque não comprava ele um emissor micro rádio para falar à sua mulher, para murmurar, gritar, berrar, uivar? Mas que murmuraria ele, que gritaria ele? Que poderia dizer?

E, subitamente, ela pareceu-lhe tão estranha, que teve a convicção de não a conhecer de todo. Encontrava-se na casa de uma outra como a personagem dessa história, também conhecida, que, ao voltar para casa completamente bêbedo, se engana na porta, entra num quarto que não é o seu, deita-se em companhia de um desconhecido, levanta-se cedo e volta para o trabalho sem que, nem um nem outro, deem pelo engano.

- Millie?...-disse, em voz baixa.

- Que é?

- Não te quero assustar... queria apenas saber...

- O quê?

- Quando nos encontramos? E onde?

- Quando nos encontramos para quê? - perguntou ela.

- Quero dizer... a primeira vez - precisou a pergunta. A primeira vez que nos vimos, onde foi, e

quando?

- Mas... foi em... - ela calou-se. - Não sei.

Montag sentiu subitamente muito frio.

- Não te lembras?

- Foi já há tanto tempo.

- Dez anos apenas... Sim, só dez anos!

- Não te enerves. Deixa-me refletir. - Teve um riso seco. - É engraçado, não nos lembrarmos onde encontramos o nosso marido ou a nossa mulher.

Montag sentiu subitamente que o mais importante da sua existência era saber onde tinha encontrado Mildred.

- Deixa lá, não tem importância.

Levantou-se e foi até ao banheiro. Ouviu o ruído da água a correr e a deglutição na sua garganta.

- Não, é provável - disse.

Esforçou-se por contar quantas vezes ela tomava comprimidos e pensou na visita dos dois homens com rosto de oxido de zinco e os cigarros fixos nas suas bocas retilíneas, ou no olho eletrônico da serpente que pesquisava e se estorcia sobre si mesma, por entre camadas de estranha pedra e água estagnada.

E então lembrou-se que, se ela tivesse morrido, não teria certamente chorado uma única lágrima. Pois nada mais seria do que a morte de uma desconhecida, de um rosto visto na rua, de uma fotografia de jornal. E, subitamente, essa ideia tornou-se tão intolerável que começou a chorar, não à ideia da morte, mas à ideia de não chorar perante essa morte, ele, esse homem derisório e vazio junto dessa mulher derisória e vazia, enquanto a serpente voraz a tornava ainda mais vazia.

"Que pena! O senhor não gosta de ninguém", lembrou-se. E porque não?

De fato, uma parede se erguia entre ele e Mildred, se se fosse ao fundo das coisas! Não literalmente uma parede mas, até agora, três! E a que preço exorbitante! E os tios, e as tias, e os primos e primas, as sobrinhas, os sobrinhos, que viviam nessas paredes, essa multidão gesticulando de chimpanzés que não dizia nada, nada, nada, e o diziam alto, alto, alto. Ele tinha se acostumado, desde o princípio, a chamar-lhes seus parentes. Como tem passado hoje o tio Louis? Então? E a tia Maude?

A recordação mais nítida que, na verdade, tinha de Mildred, era a de uma mocinha numa floresta sem árvores (estranho, oh, muito estranho!), ou antes, de uma menina perdida num planalto onde tinham existido árvores (sentia-se ainda a recordação das suas formas), sentada no centro de uma sala de estar. A sala de estar: boa piada, terem posto tal etiqueta a essa sala.

A qualquer hora que voltasse para casa, as paredes estavam sempre falando a Mildred.

- É necessário fazer qualquer coisa!

- Sim, é absolutamente necessário fazer qualquer coisa!

- Pois bem, não fiquemos silenciosos; conversemos.

- Isso mesmo, conversemos!

- Estou com uma destas *neuras*!

Para que serviam essas elucubrações? Mildred era incapaz de dizer. Quem estava contra quem? Mildred não sabia. Que iriam fazer? Mas, dizia Mildred, espera a continuação. Ele tinha esperado a continuação.

Uma tempestade de sons desencadeou-se nas paredes. A música bombardeava-o com tal violência que tinha os ouvidos quase destruídos; sentia o queixo vibrar, os olhos saltarem-lhe. Era vítima de uma verdadeira comoção. Quando tudo acabou, experimentou a sensação de ter sido atirado do alto de uma falésia, envolvido num turbilhão e levado por uma catarata que caía no vácuo, no vácuo sem nunca... tocar... completamente... o fundo... nunca... nunca... completamente... não, não completamente... o fundo... e mergulhava-se aí tão depressa que não era possível tocar nos lados... nunca se conseguiria tocá-los... verdadeiramente... fosse o que fosse.

A tempestade parou. A música desapareceu.

- Pronto! - disse Mildred.

E era notável, na verdade. Qualquer coisa tinha se passado. Se bem que as personagens nas paredes mal tivessem se mexido, que nada, de fato, tivesse sido resolvido, tinha-se a impressão de que alguém tinha posto a funcionar uma máquina de lavar com que os absorvia, num gigantesco aspirador. Era o afogamento na música, numa cacofonia absoluta.

Saiu da sala tremendo e quase desmaiando.

Atrás dele, Mildred estava sentada no seu maple e as vozes elevavam-se de novo.

- Vejamos, tudo correrá bem agora - disse uma tia.

- Oh! Não estou absolutamente certo - disse um primo.

- Então, não te zangues!

- Quem é que se zangou?

- Tu.

- Eu?

- Estás furiosa!

- Por que razão estaria furiosa?

- Porque sim.

- Está tudo muito bem - gritou Montag. - Mas a propósito de que estarão eles furiosos? Quem são esses tipos? São casados, divorciados, noivos, ou o quê? Diabos me levem se entendo alguma coisa.

- Eles... - disse Mildred. - Pois. Eles... eles estão zangados, compreendes. De fato, zangam-se muito uns com os outros. Deves prestar atenção. Creio que são casados; sim, é isso, são casados.

- Porquê?

E se não eram as três paredes, que em breve seriam quatro, era o carro aberto e Mildred conduzindo a cento e cinquenta por hora através da cidade; ele uivando qualquer coisa para Mildred e ela uivando-lhe uma resposta; cada um tentando ouvir o que o outro dizia, mas ouvindo apenas o rugido do motor.

- Reduz até ao mínimo autorizado! - gritava ele.

- O quê? - clamava ela.

- Reduz para oitenta, o mínimo! - vociferava Montag.

- O quê? - gritava ela.

- Mínimo de velocidade! - berrava ele.

Ela aumentava para cento e sessenta por hora e a respiração de Montag estalava-lhe na boca. Ao descerem do carro, ela tinha os micro rádios metidos nas orelhas. Silêncio! Apenas o vento murmurava docemente.

- Mildred - Montag agitou-se na cama.

Estendeu o braço e arrancou-lhe o minúsculo inseto musical das orelhas.

- Mildred, Mildred!

- Que é? - respondeu ela, com voz distante.

- Mildred, conheces aquela moça de que te falei?

- Qual moça? - Estava quase adormecida.

- A nossa vizinha.

- Qual vizinha?

- Bem sabes, a estudante. Chama-se Clarisse.

- Ah, sim! - respondeu Mildred.

- Já não a vejo há alguns dias. Quatro, para ser preciso. Viste-a?

- Não.

- Tinha intenção de te falar dela. É curiosa.

- Oh, estou vendo o que queres dizer.

- Não achas?

- Ela...-disse Mildred, na escuridão do quarto.

- Sim...

- Estava justamente para te dizer. Mas esqueci-me... esqueci-me.

- Diz agora. De que se trata?

- Creio que ela partiu.

- Partiu?

- Toda a família se mudou. Mas ela partiu para sempre. Creio que morreu.

- Tens certeza?

- Não. Mas quase.

- Porque não me disseste mais cedo?

- Esqueci-me.

- Apenas quatro dias.

- Esqueci-me de toda essa história.

- Quatro dias - disse ele, numa voz calma. Estavam ambos estendidos na escuridão, imóveis.

- Boa noite - disse ela.

Ele ouviu um ligeiro zumbido. De novo o micro rádio vibrava, junto do tímpano de Mildred. Pôs-se à escuta. A sua mulher cantarolava, baixinho. Fora, uma sombra vacilou. Uma vaga de vento de Outono elevou-se e perdeu-se. Mas havia outra coisa no silêncio. Uma espécie de resfolgar, junto da janela. Como uma vaga faixa de fumo esverdeado e luminoso, uma grande folha de Outubro estremeceu através do jardim.

"O Cão-Policial", pensou Montag. "Está lá fora, esta noite. Está lá, agora. Se abrisse-se a janela..." Não abriu a janela.

De manhã tinha febre e arrepios.

- Vejamos, não estás doente - disse Mildred. Ele fechou os olhos, que lhe ardiam.

- Estou.

- Mas ontem à noite estavas ótimo

- Não, não estava.

Ouvia os "parentes" gritando na sala. Mildred, de pé junto da cama, observava-o com curiosidade.

- Queres trazer-me aspirina e água?

- Tens que te levantar - disse ela. - É meio-dia. Dormiste mais cinco horas que o costume.

- Poderias fechar a emissão no salão? - pediu Montag.

- Mas é a minha família!

- Poderás fazer isso por um tipo que se sente verdadeiramente mal?

- Vou baixar a potência.

Saiu da sala, não tocou no aparelho e voltou. - Está melhor assim?

- Obrigado.

- É o meu programa preferido.

- E a minha aspirina?

- Até agora, nunca tinhas estado doente. Tornou a sair.

- Pois é, mas começo hoje. Esta noite não vou trabalhar. Previne Beatty, da minha parte.

- Estavas muito esquisito a noite passada. - Ela voltava, cantarolando.

- Onde está a aspirina? - Montag deu uma olhadela ao copo de água que ela lhe estendia.

- Oh! - Mildred voltou ao banheiro. - Mas, afinal, o que é que houve?

- Apenas um fogo.

- Passei uma noite esplêndida.

- Fazendo o quê?

- No salão.

- Que é que transmitiram?

- Programas.

- Que programas?

- Os melhores.

- Quais?

- Oh! Bem sabes... todo o grupo.

- Claro, o grupo, o grupo, o grupo.

Esfregou os olhos dolorosos com os punhos e, subitamente, o cheiro da gasolina o fez vomitar. Mildred voltava ao quarto, cantarolando.

- Porque fizeste isto? - perguntou, surpreendida. Olhou o chão, com desgosto.

- Queimaram uma mulher com os seus livros.

- Felizmente o tapete é lavável. - Ela foi buscar um esfregão e começou a limpar.

- Estive em casa de Helen, a noite passada.

- Não podias ver a emissão aqui em casa?

- Claro que podia. Mas é divertido fazer visitas. Tornou a desaparecer no salão. Ele ouviu-a cantar.

- Mildred! - gritou.

Ela voltou cantando, e fazendo estalar os dedos.

- Não te interessa o que se passou ontem à noite?

- Diz, diz.

- Queimamos cerca de mil livros... queimamos uma mulher.

- E então?

No salão, houve uma explosão de sons.

- Queimamos livros de Dante, de Swift, de Marco Aurélio.

- Esse não era um Europeu?

- Parece que sim.

- E não era extremista?

- Nunca o li.

- Com certeza que era um extremista. - Mildred mexia no telefone. - Pensas que devo telefonar a Beatty?

- Evidentemente!

- Não grites!

- Não estou gritando! - Montag tinha-se subitamente sentado na cama, tremendo, congestionado. O salão rugia, no ar ardente. - Não posso dizer-lhe que estou doente.

- Porquê?

"Porque tenho medo", pensou. "Porque sou como uma criança que finge estar doente. Receio

telefonar porque, após uns momentos de discussão, a conversa acabará assim: "Claro, capitão, já me sinto melhor. Estarei aí às dez horas."

- Tu não estás doente - disse Mildred.

Montag tornou a deitar-se. Meteu a mão debaixo do travesseiro. O livro lá estava.

- Mildred, que dirias tu se... se eu deixasse o trabalho por algum tempo?

- Queres abandonar tudo? Depois de tantos anos de trabalho, apenas porque, certa noite, uma mulher qualquer e os seus livros...

- Se a tivesses visto, Millie!

- Para mim, ela nada significa. Não devia ter esses livros. A culpa foi dela. Devia ter pensado nisso. Detesto-a. Pôs tua cabeça a dar voltas e, se isso continua, encontrar-nos-emos na rua, sem casa, sem trabalho, sem nada.

- Não estavas lá, não a viste - disse ele. - Deve haver alguma coisa nesses livros, coisas que não podemos imaginar, para decidir uma mulher a ficar numa casa que arde; há com certeza uma razão. Não se age dessa maneira, por nada.

- Era uma pobre de espírito.

- Era tão razoável como tu ou eu, mais talvez, e nós a queimamos.

- Isso não impede que os rios continuem a correr e as águas a passar sob as pontes.

- Não a água, o fogo. Já viste uma casa arder? Continua a fumegar durante dias e dias. Lembrar-me-ei daquele fogo toda a minha vida! Toda a noite, na minha imaginação, tentei apagá-lo. Estava meio doido.

- Devias ter pensado nisso antes de te teres te tornado bombeiro.

- Pensar! - disse ele. - Tive, por acaso, chance de escolha? O meu pai e o meu avô foram bombeiros. À noite, quando sonho, corro atrás deles.

No salão ouvia-se uma música de dança.

- Hoje estás de serviço mais cedo - disse Mildred.- Devias ter partido há duas horas. Notei isso agora mesmo.

- Não é apenas a morte dessa mulher - continuou Montag. - A noite passada, pensei em toda a gasolina que tenho espalhado, há dez anos para cá. E pensei nos livros. E, pela primeira vez, notei que, atrás de cada um desses livros, estava um homem. Um homem que os tinha concebido. Um homem que tinha passado o seu tempo a escrevê-los. E, até agora, nunca essa ideia me tinha aparecido. - Saiu da cama.

- Algumas vezes, é necessária toda urna vida a um homem para pôr as suas ideias por escrito, olhar o mundo e a vida à sua volta; e eu chego e bum! Em dois minutos tudo se acaba.

- Deixa-me sossegada - disse Mildred. - Não tenho culpa disso.

- Deixar-te sossegada! Muito bem; mas eu, eu como ficarei sossegado? Não temos necessidade que nos deixem sossegados. Temos necessidade de sermos seriamente incomodados de vez em quando. Há quanto tempo tu não és incomodada seriamente? Por uma razão importante, quero dizer, uma razão válida?

Calou-se e voltou as costas a Mildred.

- Conseguiste o que querias - disse ela. - Ah, na rua. Olha quem está lá.

- Quero lá saber!

- Lá está um carro que acaba de parar, um Vénix, e um homem de camisa negra com uma serpente vermelha bordada no braço está saindo dele.

- O capitão Beatty? - perguntou Montag.

- O capitão Beatty.

- Manda-o entrar e diz-lhe que estou doente.

- Diz-lhe tu.

Ela começou a andar de um lado para o outro e depois imobilizou-se, os olhos dilatados, ouvindo o micro da porta chamar pelo seu nome, docemente, muito docemente: "Sra. Montag, Sra. Montag, está aqui uma pessoa, está aqui uma pessoa, Sra.

Montag, Sra. Montag, está aqui uma pessoa." Montag tornou a meter-se na cama.

Um instante depois Mildred saiu do quarto e o capitão Beatty entrou tranquilamente, de mãos nas algibeiras.

- Desligue a "família" - disse Beatty, olhando em volta.

Dessa vez, Mildred partiu correndo. As vozes estridentes pararam de uivar, no salão.

O capitão Beatty instalou-se no maple mais confortável, uma expressão de perfeita serenidade no seu rosto rubicundo. Acendeu lentamente um cachimbo de bronze e soprou uma grande nuvem de fuma - Passei por aqui, e vim ver como estava o doente.

- Como adivinhou?

Beatty sorriu, descobrindo as suas gengivas de açúcar rosado e os dentes de açúcar branco.

- Calculei tudo. Ias telefonar-me para me pedires dispensa da noite.

Montag tinha-se sentado na cama.

- Pois bem - continuou Beatty -, toma a tua noite livre!

Examinou a sempre-eterna caixa de fósforos, cuja tampa anunciava: GARANTIA ABSOLUTA. UM MILHÃO DE CHAMAS NESTE IGNIDOR. E, com um ar ausente, pôs-se a acender um fósforo químico, a soprá-lo, a acendê-lo de novo, a soprá-lo, a torná-lo a acender. Disse algumas palavras e

soprou novamente. Olhou a chama, soprou, olhou a chama.

- Quando achas que estarás melhor?

Amanhã. Talvez depois de amanhã. No princípio da semana.

Beatty deu uma fumaça no cachimbo.

- Todo o bombeiro, mais tarde ou mais cedo, sofre essa experiência. Basta um pouco de reflexão para compreender como a roda gira... Basta conhecer a história da nossa profissão. Agora já não explicam aos novos, como antes. É pena - uma fumaça - apenas os chefes se lembram - uma fumaça - vou pôr-te ao corrente.

Mildred mexeu-se, pouco à vontade. Beatty deixou passar um bom minuto, refletindo no que ia dizer.

- Perguntaste-me quando começou o nosso trabalho, como e onde? Pois bem, na realidade o ponto de partida remonta à época chamada Guerra Civil. Embora no texto do nosso regulamento a data seja anterior. O fato é que não tínhamos nenhum papel a representar antes da aparição da fotografia. Depois, veio o cinema... no princípio do século XX. Depois a rádio. A televisão. O elemento massas entrou então em cena.

Montag continuava imóvel, sentado na cama.

- E esse elemento massas veio simplificar os problemas - continuou Beatty. - Primeiro, os livros apenas interessavam minorias, aqui e ali. Podiam permitir-se ser diferentes. O mundo era vasto. Depois o mundo encheu-se de olhos, de cotovelos, de bocas. A população dobrou, triplicou, quadruplicou. Os filmes e a rádio, os magazines, os livros, foram nivelados, normalizados sob a forma de uma espécie de pasta de bolo. Estás compreendendo?

- Acho que sim.

- Estás vendo o quadro. O homem do século XIX, com os seus cavalos, os seus cães, os seus trens; lentidão do movimento. Depois a aceleração, a câmara. Os livros resumidos. As condensações, os digests, os gráficos; tudo subordinado ao mote, ao fim percutante.

- O fim percutante - disse Mildred, aprovando com a cabeça.

- Os clássicos reduzidos para compor emissões de um quarto de hora na rádio, cortados de novo para darem extratos de dois minutos de leitura, enfim, arranjados para um resumo de dicionário de dez a doze linhas. Estou exagerando um pouco, claro. A minha alusão aos dicionários é apenas uma referência. Mas para muita gente, Hamlet (tu conheces certamente os títulos, Montag; a senhora, talvez os tivesse ouvido apenas citar), para muita gente, dizia, Hamlet era apenas um resumo de uma página, num livro que declarava: "Finalmente, todos os clássicos ao seu alcance; o seu nível de conhecimentos igual ao do seu vizinho." Estás vendo o que quero dizer?

Da sala das crianças ao colégio e do colégio à sala das crianças. Eis o traçado da curva intelectual para os últimos cinco séculos.

Mildred ergueu-se e começou a arrumar a sala. Beatty pareceu não notar a sua atividade e continuou: - Acelera mais o filme, Montag. dique, pique, rápido, aqui, ali, em cima, em baixo, dentro, fora, porquê,

como, quem, o quê, onde, hem? Olá!

Bang! Smac! Upa, Bing, Bong, Bum! Resumos de resumos. Resumo de resumo de resumos. A política? Uma coluna, duas frases, um título! E tudo se volatiliza no ar! O cérebro do homem gira num tal ritmo sob as mãos de ventosa dos editores, dos produtores, dos apresentadores que a força centrífuga elimina toda a perda de tempo, toda a atividade inútil do espírito.

Mildred endireitava os lençóis. Montag sentiu o coração aos saltos enquanto ela mexia no travesseiro.

As aulas tornam-se mais curtas, a disciplina é relaxada, a Filosofia, a História, as línguas abandonadas, o inglês e a sua pronúncia abastardados pouco a pouco e, finalmente, quase ignorados. Vive-se no imediato. Apenas conta o trabalho e, após o trabalho, a dificuldade da escolha de uma distração. Para quê aprender qualquer coisa, além de apertar botões, ligar comutadores, enroscar parafusos e porcas?

- Deixa-me arrumar o teu travesseiro - disse Mildred.

- Não - murmurou Montag.

- O fecho éclair substitui o botão, pois o homem não tem tempo para refletir nem para se vestir, de manhã Não há hora de filosofia, nem hora de melancolia.

- Vá lá - disse Mildred.

- Deixa-me! - gritou Montag.

- A vida torna-se uma imensa glissagem, Montag; Vlan! Puf! Vamos a isto!

- Vamos a isto! - disse Mildred, puxando o travesseiro aos safanões.

- Com os diabos, deixa-me em paz! - gritou Montag ferozmente.

Beatty abriu muito os olhos.

A mão de Mildred tinha estacado atrás do travesseiro. Com a ponta dos dedos, apalpou o contorno do livro e, tendo-lhe reconhecido a forma, ficou com um ar surpreendido, depois aturdido. A boca abriu-se-lhe, para fazer uma pergunta...

- Esvaziar as salas de espetáculos, exceto as de clowns; guarnecer as salas com paredes de vidro e fazer passar lindas cores nelas, como confete, sangue, Sherry ou Sauternes. Gostas de beisebol, não gostas, Montag?

- É um belo esporte.

Beatty estava agora quase invisível. A sua voz emergia por entre o fumo.

- Que é isto? - perguntou Mildred, num tom quase contente.

Montag voltou-se, apoiado nos braços.

- Isto aqui, o que é? - repetiu ela.

- Vai-te sentar, mulher! - uivou Montag.

Ela saltou para trás, as mãos vazias.

- Deixa-nos falar.

Beatty continuou, como se nada tivesse acontecido:

- Gostas de bowling, Montag?

- O bowling. Claro.

- E de golfe?

- O golfe é um bom esporte.

- De basquetebol?

- Um esporte excelente.

- O bilhar? O futebol?

- Todos esses jogos e esportes são perfeitos.

- Aumentem a dose de esportes para cada um, desenvolvam o espírito de equipe, de competição, e o desejo de pensar é eliminado, não? Organizem, organizem, super-organizem super-super-esportes. Multipliquem as fitas desenhadas, os filmes; o espírito tem cada vez menos apetites. A impaciência, as autoestradas percorridas por multidões que estão aqui, ali, em todos os lugares, em parte nenhuma. Os refugiados do volante. As cidades transformam-se em albergues de automobilistas; os homens deslocam-se como nômades seguindo as fases da Lua, dormindo esta noite no quarto em que tu dormiste hoje e eu ontem.

Mildred saiu do quarto batendo a porta. As "tias" da sala começaram a rir e a conversar com os "tios".

- Agora, vejamos as minorias na nossa civilização; estás de acordo? Quanto maior é a população, mais numerosas são as minorias. É preciso cuidado para não pisar os amigos dos cães, os amigos dos gatos, os médicos, os advogados, os comerciantes, os patrões, os Mórmons, os Batistas, os Unitários, os Chineses de segunda geração, os Suecos, os Italianos, os Alemães, a gente do Texas ou de Brooklyn, os Irlandeses, os habitantes do Oregon ou do México.

As personagens apresentadas neste livro, naquela peça ou naquela outra emissão de televisão, não têm a mínima semelhança com pintores, cartógrafos ou engenheiros reais. Quanto maior é o mercado, menos tu arriscas discussões, Montag, lembra-te bem disto! Todas as minorias com o seu umbigo bem limpo. Autores cheios de maus pensamentos, fechem as vossas máquinas de escrever. E eles fizeram-no. As revistas tornaram-se numa amável mistura de tapioca e baunilha e os livros, segundo esses danados snobes dos críticos, eram água de lavar a louça. Não é de admirar que os livros deixem de se vender, diziam os críticos.

Mas o público, sabendo o que queria, reagiu sem medo e deixou sobreviver os comic books. E as revistas eróticas em três dimensões, naturalmente. E, vê bem, Montag, o Governo nada teve que ver com isto. Nem um decreto, uma declaração ou censura, a princípio. Não! A tecnologia, a exploração do fator massa, a pressão exercida sobre as minorias e, aí estamos, a coisa estava lançada. Hoje, graças a eles, vives

num otimismo permanente, tens o direito de ler os comics, as boas velhas confissões, ou os jornais corporativos.

- E depois? - perguntou Montag. - Mas que fazem os bombeiros no meio de tudo isso?

- Ah! - Beatty inclinou-se para a frente, no meio do nevoeiro de fumo que o rodeava. - Nada mais simples, nada mais fácil de explicar.

Formando os estabelecimentos de ensino cada vez mais corredores, saltadores, oportunistas, intrujões, pilotos, nadadores e assim sucessivamente, em vez de professores, críticos, sábios, artistas, a palavra "intelectual" tornou-se, bem entendido, a injúria que merecia ser. Tem-se sempre medo do insólito; lembras-te certamente do garoto que, na tua aula, sabia sempre a lição, que se punha sempre à frente para responder enquanto os outros, sentados como ídolos de chumbo, o odiavam. Não era esse brilhante indivíduo que vocês escolhiam sempre para espancar e troçar, depois das horas de estudo? Claro que era. Devemos ser todos parecidos uns com os outros. Ninguém nasce livre e igual aos outros, como diz a Constituição, mas cada um é modelado conforme os outros; todo o homem é a imagem do seu semelhante e, assim, toda a gente fica satisfeita. Já não existem montanhas para esmagar os vizinhos e provocar comparações. Pois então! Um homem tem uma espingarda carregada na casa ao lado. Queimemo-la. Descarreguemos a arma. Abatamos o espírito humano. Quem poderá dizer qual será o alvo do homem que tem lido muito? Eu?

Não suportarei sê-lo nem um minuto.

Assim, quando as casas se tornaram enfim totalmente ignífugas no mundo inteiro (a tua suposição era justa, na noite passada), os bombeiros tornaram-se inúteis do ponto de vista tradicional. Foi-lhes, portanto, atribuída uma nova tarefa, a proteção da paz de espírito, a supressão do sentimento de inferioridade tão compreensível como temível entre os homens; censores oficiais, juizes e executores. Eis a nossa tarefa, Montag, tanto a tua como a minha.

Beatty esvaziou com pequenas pancadas o fornilho do seu cachimbo na mão, e estudou as cinzas como se procurasse um diagnóstico, a explicação de um símbolo.

- Deves compreender que a nossa civilização é tão vasta que não nos podemos permitir inquietar ou incomodar as nossas minorias. Faz a pergunta a ti mesmo. Que procuramos nós, acima de tudo, neste país? As pessoas querem ser felizes, não achas? Não lhes ouviste dizer isso toda a vida? "Quero ser feliz", declara cada um. E, bem, são eles felizes? Não velamos nós para que estejam sempre em movimento, sempre distraídos? Não vivemos senão para isso, não é a tua opinião? Para o prazer, para a excitação? E deves concordar que a nossa civilização fornece um e outra à saciedade.

- Sim.

- Os negros não gostam de *Uttk Black Sambo*. Queimemo-lo. *A Cabana do Pai Tomás* não agrada aos brancos. Queimemo-la. Um tipo escreveu um livro sobre o tabaco e o cancro do pulmão? Os fumadores de cigarros ficam consternados. Queimemos o livro. A serenidade, Montag, a paz, Montag. Liquidemos os problemas, ou melhor ainda, lancemo-los no incinerador; os enterros são tristes e pagãos? Eliminemo-los igualmente. Cinco minutos após a morte, todo o indivíduo vai a caminho do Grande Crematório, por meio dos Incineradores servidos por helicóptero em todo o país. Dez minutos após a morte, o homem nada mais é do que um grão de poeira negra. Não vaticinemos acerca dos indivíduos a golpes de inconsoláveis memórias. Esqueçamo-los. Queimemo-los, queimemos tudo. O fogo é brilhante,

o fogo é limpo.

- Havia uma moça aqui ao lado - disse Montag, lentamente. - Já não está aqui.

Morreu, creio. Já nem sequer me lembro do seu rosto. Mas ela era diferente. Como explica isto?

Beatty sorriu: - São casos inevitáveis, aqui ou em qualquer parte. Clarisse McClellan? Temos um dossiê sobre a família. Temo-los estreitamente vigiados. A hereditariedade e o meio são elementos curiosos. Não podemos desembaraçar-nos de todas as ovelhas ronhosas em poucos anos. O ambiente familiar pode minar o ensino escolar. Foi por essa razão que baixamos progressivamente a idade do jardim de infância e vamos agora buscar as crianças praticamente no berço. Tivemos alguns falsos alarmes para os McClellan quando eles moravam em Chicago. Mas nunca encontramos um livro. O tio tinha uma ficha bem carregada: antissocial. A moça? Uma bomba de explosão retardada. A família tinha-lhe deformado o subconsciente, sem dúvida alguma. Dei por isso ao consultar os seus boletins de escola. Não queria saber o como, mas o porquê das coisas. O que pode ser muito incômodo. A gente interroga-se sobre o porquê das coisas e, se se insiste, podemo-nos tornar muito infelizes. A pobrezinha está morta, e foi o melhor que lhe podia ter acontecido.

- Sim, morta.

- Felizmente, os anormais da sua espécie são muito raros. Sabemos como abafá-los no ovo, agora. Não se pode construir uma casa sem tábuas nem pregos. Se não se quer que a casa seja construída, escondamos as tábuas e os pregos. Se não se deseja que um homem ponha problemas de ordem política, não se lhe dê duas soluções à escolha; dê-lhe só uma ou, melhor, não lhe dê nenhuma. Que ele esqueça até a existência da guerra. Se o Governo é ineficaz, tirânico, se vos esmaga com impostos, pouco importa, desde que as pessoas não saibam nada.

A paz, Montag. Instituam-se concursos cujos prêmios obriguem a decorar, a encher a memória com letras de canções em voga, com nomes de capitais de Estado ou com o número de quintais de milho colhidos em Iowa no último ano. Encham os homens de informações inofensivas, incombustíveis, que eles se sintam a rebentar de "fatos", informados acerca de tudo. Em seguida, eles imaginarão que pensam e terão o sentimento do movimento, enquanto realmente apenas se arrastam. Serão felizes, porque os conhecimentos deste gênero são imutáveis. Não os levem para terrenos escorregadios como a filosofia ou a sociologia, em que tenham de confrontar a sua experiência. É a fonte de todos os tormentos. Todo o homem capaz de desmontar uma tela mural de televisão e de tornar a montá-lo - e, hoje, quase todos eles são capazes - é bem mais feliz que aquele que tenta medir, experimentar, pôr em equação o Universo, o que não pode ser feito sem que o homem tome consciência da sua inferioridade e da sua solidão. Eu sei. Experimentei. Tretas! Conclusão: agarremo-nos aos clubes, às reuniões, aos acrobatas, aos prestidigitadores, quebra-cabeças, carros a reação, moto-giroplanos, ao sexo e à heroína, tudo o que não obrigue senão a reflexos automáticos. Se a peça é má, se o filme não tem sentido, tomemos uma dose maciça de teremina. Considero-me sensível ao espetáculo desde que se trate apenas de uma reação tátil às vibrações. Mas estou me lixando, e tudo o que desejo é um sólido passatempo. - Beatty levantou-se. - Tenho de ir embora. A conferência está terminada. Espero ter esclarecido as coisas.

O importante para ti, Montag, é lembrares que somos alegres foliões, tu, eu e os outros. Fazemos frente à maré daqueles que querem mergulhar o mundo na desolação, suscitando o conflito entre a teoria e o pensamento. Aguentemos. Não deixemos a torrente de melancolia e da triste filosofia afogar o nosso mundo. Contamos contigo. Não creio que dês conta da tua importância, da nossa importância para proteger o otimismo do nosso mundo atual

Beatty apertou a mão mole de Montag.

Montag continuava sentado na cama, paralisado, como se a casa estivesse quase a caindo-lhe em cima.

- Uma última palavra - disse Beatty. - Pelo menos uma vez na sua carreira, todo o bombeiro é atraído pela ideia de saber o que contam os livros. Oh! Este desejo de nos cocarmos, liem! Pois bem, Montag, acredita-me: li alguns, a princípio, para saber de que se tratava... os livros não contam nada. Nada em que tu possas crer ou ensinar aos outros. Se são romances, falam de seres que não existem, de produtos da imaginação. No caso contrário, é ainda pior. Cada professor trata o outro de idiota, cada filósofo tenta gritar mais alto que o seu adversário. Correm em todos os sentidos, obscurecendo as estrelas, extinguindo o Sol. Sai-se daí completamente perdido.

Agora suponhamos que um bombeiro, por acidente, sem ideia preconcebida, leva um livro para casa. - Montag reprimiu um ligeiro sobressalto. A porta aberta olhava-o com o seu grande olho vazio. - Erro bem natural. A curiosidade, simplesmente - continuou Beatty. - Não nos inquietamos com isso. Deixamos o livro àquele que o arranjou, durante vinte e quatro horas. Em seguida, se ele mesmo não o queimou, viremos nós queimá-lo por ele.

- Perfeitamente - disse Montag, com a boca seca.

- Então, Montag, voltas para o serviço esta noite, com a última equipe? Ver-te-emos esta noite?

- Não sei - respondeu Montag.

- Como? - Beatty parecia um pouco surpreendido.

Montag fechou os olhos.

- Irei... tarde... Talvez.

- Se não vieres, vais fazer-nos falta, com certeza - disse Beatty, metendo o cachimbo na algibeira, pensativamente.

"Não tornarei a ir", pensou Montag.

- Trata de te curar - recomendou Beatty. Virou as costas a Montag e saiu pela porta aberta.

Montag, pela janela, seguiu com os olhos Beatty, que arrancava no seu carro rutilante de pneus negros, cor de carvão.

Do outro lado da rua, as casas erguiam as suas fachadas inexpressivas.

Montag voltou-se e olhou a sua mulher, sentada no meio da sala, falando a um locutor que, por sua vez, lhe respondia. "Sra. Montag, dizia ele... mais isto e mais aquilo... etc. Sra. Montag... blá, blá, blá." O transformador especial, que lhe tinha custado cem dólares, emitia automaticamente o nome de "Sra. Montag" cada vez que o locutor se dirigia ao seu público anônimo, deixando um espaço para as sílabas necessárias, a inserir no texto. Um áudio-misturador especial permitia à sua imagem televisada, na zona em volta dos lábios, articular maravilhosamente as vogais e as consoantes. Era um amigo, sem dúvida nenhuma, um amigo verdadeiro.

- Sra. Montag... agora escute-me bem.

Ela virou a cabeça mas, visivelmente, não estava ouvindo.

- Para que eu não vá trabalhar esta noite, nem amanhã, que eu não torne a pôr os pés no quartel - disse Montag - falta um passo.

- Então não vais lá esta noite? - perguntou Mildred.

- Isso pergunto eu. Por agora, o que me apetece é partir tudo, é dar cabo de tudo.

- Vai dar uma volta no carro.

- Não, obrigado.

- As chaves estão na mesa-de-cabeceira. Eu, quando me sinto assim, é o que gosto de fazer. Vai até aos cento e quarenta e ficas em forma. Algumas vezes, guio toda a noite, e volto sem que dês por isso. No campo, é divertido. Esborracham-se coelhos e, algumas vezes, cães. Leva o carro.

- Não, não quero. Pelo menos desta vez. Gostaria de esclarecer esta estranha sensação. Isto começa a contender comigo. Não sei o que é. Sinto-me infeliz como as pedras... e com uma tal má disposição... sem saber porquê. Dir-se-ia que estou aumentando de peso, a adquirir gordura balofa. Tenho a impressão de ter posto de parte uma quantidade de coisas, mas o quê, exatamente, não sei... Por um pouco que me punha a ler livros...

- E metiam-te na prisão!

Ela olhou-o como se ele estivesse já atrás da parede de vidro.

Montag começou a vestir-se, andando nervosamente de um lado para o outro.

- Sim, seria de fato uma boa solução. Antes que dê cabo de alguém. Ouviste o que Beatty disse? Ouviste-o? Tem resposta para tudo. Ele tem razão, o importante é a felicidade. Divertir-se, antes de mais nada. E, no entanto, eu insisto em dizer que não sou feliz, que não sou feliz.

- Pois eu sou - disse Mildred. - E sinto-me orgulhosa disso.

- Vou fazer qualquer coisa - disse Montag. - Não sei ainda o quê, mas fará barulho.

- Já estou farta de te ouvir dizer tolices - respondeu Mildred, voltando-se para o seu locutor.

Montag deu a volta ao interruptor do amplificador, na parede, e o locutor ficou mudo.

- Millie? - fez uma pausa. - Esta casa é tanto tua como minha. É o menos que te posso dizer, agora. Devia tê-lo feito há mais tempo, mas não queria admiti-lo. Quero mostrar-te uma coisa, uma coisa que tenho escondida há mais de um ano. Isto aconteceu-me mais de uma vez, não sei porquê, e fiz sem nunca ter te dito nada.

Pegou numa cadeira alta, arrastou-a lentamente pelo corredor até junto da porta da entrada, subiu-lhe para cima e ficou um instante imóvel, como uma estátua no seu pedestal. A mulher, de pé, junto dele, esperava. Enfim, estendeu a mão, abriu a grade do climatizador, meteu o braço no interior, fez correr uma lâmina metálica e tirou um livro. Sem olhar, deixou-o cair no chão. Depois tornou a meter a mão no orifício, tirou dois outros livros e largou-os, como o primeiro. Repetiu o gesto e continuou a tirar

volumes, pequenos ou grandes, amarelos, vermelhos ou verdes. Quando acabou, baixou os olhos. Uns vinte livros jaziam no chão, aos pés da sua mulher.

- Lamento - disse. - Não pensei bem. Mas tenho a impressão de que estamos ambos metidos no mesmo problema.

Mildred recuou como se um exército de ratos tivesse subitamente saído do soalho.

Ele ouviu-lhe a respiração precipitada, viu-lhe o rosto empalidecer e os olhos dilatarem-se. Pronunciou-lhe o nome duas ou três vezes. Depois, com um gemido, inclinou-se vivamente, pegou num livro e correu para o incinerador, na cozinha.

Montag agarrou-a, uivando. Dominou-a, enquanto ela tentava libertar-se, arranhando-o.

- Não, Millie, não! Espera! Para, ouviste? Não sabes... mas para! - Esbofeteou-a, segurou-a de novo e sacudiu-a.

Ela pronunciou-lhe o nome e começou a chorar.

- Millie! - disse Montag. - Ouve-me um instante. Não podemos fazer nada. Não se pode queimar estes livros. Quero olhá-los, olhá-los pelo menos uma vez. Em seguida, se o que diz o capitão é verdade, queimá-los-emos juntos, acredita-me, queimá-los-emos juntos. É preciso que me ajudes. Que nos agrade ou não, estamos metidos num problema. Nada tenho te pedido durante estes últimos anos, mas agora peço-te, suplico-te que me ouças. Precisamos de um ponto de partida para saber quem nos meteu neste problema: tu e as tuas drogas e o carro, ou eu e o meu trabalho.

Vamos direto ao precipício, Millie. E eu não quero cair nele. Não vai ser fácil. Não temos nada para nos guiar, mas podemos talvez pôr as coisas às claras e ajudarmo-nos mutuamente. Não posso dizer-te até que ponto tenho necessidade de ti. Se me amas um pouco que seja, suportarás esta prova vinte e quatro, quarenta e oito horas, não te peço mais. Depois, tudo estará acabado, prometo-te, juro-te! E se há qualquer coisa a tirar de lá, uma pequena coisa no meio desta confusão, os outros poderão talvez aproveitar. Aquela mulher da noite passada, Millie. Tu não estavas lá.

Não viste o seu rosto. E Clarisse. Nunca lhe falaste. E homens como Beatty tinham medo dela. Não chego a compreender. Porque teriam eles medo de uma pessoa como ela? Mas passei a noite a compará-la com todos os tipos do quartel e, bruscamente, notei que não podia nem cheirá-los e que também não podia suportar a mim mesmo. Disse para comigo que talvez tudo se arranjasse queimando os próprios bombeiros.

- Guy!

A voz da porta anunciou docemente: "Sra. Montag, Sra. Montag, está aqui uma pessoa, está aqui uma pessoa. Sra. Montag, Sra. Montag, está aqui uma pessoa."

Muito docemente.

Viraram-se ambos e olharam fixamente a porta e, depois, os livros espalhados.

- Beatty! - murmurou Mildred.

- Não é, com certeza.

- Voltou.

A voz continuou a avisar: "Está aqui uma pessoa..." - Não se abre.

Montag encostou-se à parede e, lentamente, inclinou-se, começando a mexer nos livros, pegando-lhes com o polegar e o indicador. Tremia e não sabia o que havia de fazer; tornar a meter os livros no fundo do ventilador; mas sabia que não poderia tornar a apresentar-se na presença de Beatty. Sentou-se no chão e a voz da porta de entrada elevou-se de novo, com insistência. Montag pegou num pequeno volume, à sua frente.

- Por onde se começará? - Abriu o livro e deitou-lhe uma olhadela. - Começa-se pelo princípio, suponho.

- Ele vai entrar - disse Mildred. - Vai queimar-nos, com os livros.

A voz da porta calou-se, finalmente. Houve um silêncio. Montag sentia uma presença atrás dela. Alguém esperava, escutava.

Depois, uns passos desceram os degraus e afastaram-se pelo jardim.

- Vejamos um pouco do que se trata - disse Montag, com voz entrecortada e como que envergonhado de se ouvir falar. Percorreu uma dúzia de páginas e, finalmente, parou por acaso na seguinte passagem: *É sabido que onze mil pessoas preferiram morrer a quebrar os seus ovos pelo lado mais estreito.*

Mildred tinha-se sentado no corredor, em frente de Montag.

- Que é que isso quer dizer? *Isso não quer dizer nada!* O capitão tinha razão!

- Espera - disse Montag -, vamos recomeçar, partindo do princípio.

SEGUNDA PARTE
- A Peneira e a Areia –

PASSARAM uma longa tarde lendo, enquanto a chuva fria de Novembro caía sobre a casa tranquila.

Estavam instalados no corredor. A sala estava vazia e cinzenta, estava morta sem as suas paredes iluminadas e Mildred lançava-lhes constantemente mornas olhadelas, enquanto Montag, andando de um lado para o outro, lia e relia dez vezes a mesma página, em voz alta: *Não se pode dizer precisamente o momento em que nasce a amizade. Se se enche de água, gota a gota, um barco, chega a última que o faz afundar; assim, quando os testemunhos de afeição se sucedem, chega um que submerge o coração.*

Montag sentou-se e pôs-se a ouvir a chuva.

- Teria sido assim com a moça aqui do lado? Tentei tanto compreender!

- Ela morreu. Ao menos, falemos dos vivos, peço-te.

Montag, sem se voltar para a sua mulher, que tremia.

Ele entrou na cozinha ao fundo do corredor e ficou um longo momento observando a chuva que crepitava nas janelas. Espera tornar a encontrar a calma, para voltar à luz cinzenta do corredor. Abriu outro livro.

- Este assunto favorito. Eu mesmo. Franzindo a testa, olhou a parede. Este assunto favorito. Eu mesmo.

- Isso eu compreendo - disse Mildred.

Mas o assunto favorito de Clarisse não era ela mesma. Eram os outros... e eu. Era a primeira pessoa, não sei há quanto tempo para cá, que me agradava verdadeiramente. A primeira de quem eu conservo a recordação e que me olhava como se eu representasse alguma coisa para ela.

Olhou os volumes que tinha na mão.

- Estes homens morreram há muito tempo, mas sei que, de uma maneira ou de outra, as suas palavras se dirigiam a Clarisse.

Lá fora, na porta de entrada, à chuva, houve um ligeiro arranhar.

Montag estacou. Viu Mildred encolher-se contra a parede e abafar um grito.

- Tem alguém... à porta. Porque a voz não nos avisou?

- Desliguei-a.

Lá fora, houve um resfolgar lento e inquiridor, uma onda de vapor elétrico. Mildred começou a rir.

- É apenas um cão. Queres que vá enxotá-lo?

- Fica onde estás!

Silêncio. A chuva fria que cai. E os eflúvios azulados da eletricidade, que passam sob a porta fechada.

- Voltemos ao trabalho - disse Montag calmamente.

Mildred deu um pontapé num livro.

- Os livros não são pessoas. Tu lês e eu olho à minha volta, mas não vejo ninguém!

Ele olhou a sala cinzenta e sem vida, como as águas de um oceano que um sol eletrônico subitamente ligado tivesse o poder de animar.

- Compreendes - disse Mildred. - A minha "família", os meus amigos. Dizem-me coisas; eu rio, eles riem! E todas essas cores!

- Sim, já sei.

- Além disso, se o capitão Beatty soubesse de todos estes livros... - Ela refletiu um instante. Pouco a pouco a surpresa, depois o medo, pintaram-se no seu rosto. - Ele poderia vir aqui, queimar a casa. e a "família". É terrível! Pensa em todo o dinheiro que aqui está metido. Porque eu devo ler? Sim, porquê?

- Porquê? - disse Montag. - Vi a serpente mais repugnante do mundo, uma noite destas. Estava morta, mas vivia. Via sem ver. Queres ver essa serpente? Está no hospital, onde eles fazem o relatório de todas as sujidades que a serpente tirou de ti!

Queres ir examinar o teu dossiê? Estás talvez classificada em Montag, ou em Terror, ou em Guerra. Queres ir ver essa casa que ardeu a noite passada? E procurar nas cinzas para encontrar os ossos dessa mulher que lançou fogo à sua própria casa? E Clarisse McClellan, onde devemos ir procurá-la? Na Morgue! Ouve!

Os bombardeiros passavam e tornavam a passar no céu sobre a casa, rugindo, murmurando, silvando, como um imenso espantalho invisível, descrevendo grandes círculos no nada.

- Senhor! - disse Montag. - Sempre estas infernais máquinas no céu! Que fazem esses danados aparelhos, para não nos deixarem um segundo de paz! Porque se recusa toda a gente falando neles? Nós provocamos e ganhamos duas guerras atômicas, depois de 1960! Divertir-se-ão todos de tal maneira no nosso país que esqueceram o resto do mundo? Será porque nós somos muito ricos e os outros muito pobres, que somos de tal maneira indiferentes? Ouvi boatos que circulam; o mundo morre de fome, mas nós estamos cheios a rebentar. Será verdade que o mundo inteiro labuta e nós nos divertimos à custa dele? Será por essa razão que todos nos odeiam tanto? Ouvi falar também de ódio, de vez em quando, num ano ou noutro.

Sabes porquê? Eu não, em todo o caso. Talvez os livros nos possam fazer sair um pouco deste buraco negro, nos impedir de tornar a fazer as mesmas loucuras!

Esses pobres cretinos que falam na tua sala, nunca dizem uma palavra. Bom Deus, Millie, então não vês? 'Uma hora por dia, duas horas, com estes livros e talvez...

O telefone tocou. Mildred atendeu.

- Ann! - começou a rir. - Sim, o Palhaço Branco representa esta noite!

Montag dirigiu-se para a cozinha e atirou o livro ao chão.

- Montag - disse -, és completamente idiota. Que fazer agora? Deitar fora os livros e recomeçar de novo?

Abriu o livro para continuar a leitura, ao som do riso de Mildred. "Pobre Millie", pensou. "Pobre Montag, tu também não percebes nada. Mas onde encontrar um auxílio? Onde encontrar um guia, tão tarde? Espera." Fechou os olhos. "Mas, claro, com certeza." De novo se surpreendeu a sonhar com o parque verdejante de um ano antes. Esse pensamento tinha-o perseguido frequentemente nos últimos tempos, mas agora lembrava-se claramente desse dia no jardim do parque público e no gesto rápido desse velho, vestido de negro, para esconder qualquer coisa sob o casaco... O velho tinha dado um salto, como prestes a fugir, correndo. E Montag tinha gritado:

"Espere aí!" - Não fiz mal! - dissera o velho, tremendo.

- Ninguém o acusou.

Tinham-se sentado na doce luz verde, sem dizer uma palavra durante um momento; depois, Montag tinha começado falando do tempo e o velho tinha-lhe respondido com uma voz sem timbre. Fora um curioso encontro. O velho tinha confessado que era professor de Literatura, reformado, que tinha sido posto na rua quarenta anos antes, na altura do encerramento, por falta de alunos, da última escola de artes liberais. Chamava-se Faber e quando, enfim, o medo que lhe inspirara Montag se dissipou, começou falando com uma voz cadenciada, olhando o céu, as árvores, a verdura do parque e, ao fim de uma hora, tinha recitado certas frases a Montag e Montag percebera que se tratava de um poema em prosa. Depois, o velho tinha-se entusiasmado pouco a pouco e tinha recitado outra coisa que era também um poema. Faber, com uma mão na algibeira esquerda do casaco, tinha falado com uma voz doce e Montag sabia que, com um gesto, teria feito sair um livro de poemas da algibeira do seu interlocutor. Mas não tinha se mexido. As mãos continuavam pousadas nos joelhos, pesadas, inúteis.

- Não falo das coisas, senhor - dissera Faber-, falo do sentido das coisas. Estou aqui, sentado, e sei que estou vivo.

E nada mais se tinha passado, de fato. Uma hora de monólogo, um poema, uma breve explicação e depois, sem mesmo notar que Montag era bombeiro, Faber, com os dedos a tremer um pouco, tinha escrito a sua morada num pedaço de papel.

- Para o seu dossiê - dissera. - Para o caso em que decida desencadear a sua cólera contra mim.

- Mas eu não estou encolerizado - disse Montag, surpreendido.

Mildred ria estridentemente, no corredor.

Montag foi até ao armário do seu quarto, folheou o seu classificador e parou no parágrafo "INVESTIGAÇÕES FUTURAS".

O nome de Faber estava ali inscrito. Não o tinha denunciado e também não o tinha feito desaparecer. Marcou o número num telefone auxiliar. O telefone do outro lado da linha chamou o nome de Faber uma dúzia de vezes, depois o professor respondeu com uma voz abafada. Montag declarou a sua identidade e um silêncio prolongado lhe respondeu.

- Fale por favor, Sr. Montag.

- Prof. Faber, tenho uma pergunta bastante bizarra a fazer-lhe. Quantos exemplares da Bíblia restam no nosso país?

- Não sei do que está falando!

- Quero saber se não haverá um único exemplar que seja.

- É uma armadilha! Não posso responder a qualquer pessoa que me telefona.

- E quantos exemplares de Shakespeare e de Platão?

- Nenhum. O senhor sabe isso tão bem como eu. Nenhum! Faber desligou.

Montag empurrou o telefone. Nenhum. Já sabia, bem entendido, segundo as listas do quartel. Mas, no entanto, tinha querido ouvi-lo dizer pela voz de Faber.

No corredor, Mildred tinha o rosto brilhante de excitação.

- Enfim, vão chegar as senhoras!

Montag mostrou-lhe um livro:

- É o Antigo e o Novo Testamento, e...

- Ah! Vais recomeçar!

- É talvez o último exemplar que existe nesta parte do mundo.

- Vais devolvê-lo esta noite, não? O capitão Beatty sabe que tu o tens?

- Não creio que ele saiba que livro roubei eu. Mas como escolher um substituto?

Dar-lhe-ei Jefferson? Thoreau? Qual o que tem menos valor? Se escolho um e, por acaso, Beatty sabe qual roubei, vai pensar que eu tenho uma biblioteca inteira.

Mildred crispou os lábios.

- Vê lá o que fazes! Estás a metendo-nos num bom problema! Que é que te interessa mais, eu ou a Bíblia?

Ela começou a chorar, sentada como uma boneca de cera que se derrete com o próprio calor. Parecia a Montag, ouvir a voz de Beatty.

“ Senta-te, Montag. Olha bem. Delicadamente como as pétalas de uma flor. Deita fogo à primeira página, depois à segunda. Cada uma se transforma numa borboleta negra. Lindo, hem? Acende a terceira página na segunda e assim sucessivamente, umas atrás das outras, capítulo por capítulo, todas essas noções absurdas que as palavras evocam, todas as falsas promessas, todas essas ideias em segunda mão e essas filosofias antiquadas.”

Beatty lá estava, transpirando ligeiramente, o chão juncado de fragmentos negros que tinham sucumbido numa única tempestade.

Mildred deixou de soluçar tão subitamente como tinha começado. Montag já não lhe prestava atenção.

- Há apenas uma coisa a fazer - disse ele. - Antes de restituir este livro a Beatty, hoje à noite, é necessário que mande fazer uma cópia.

- Mas não estarás aqui para ver o Palhaço Branco... quando as senhoras vierem? - gritou Mildred.

Montag parou à porta, de costas viradas.

- Millie?

Um silêncio.

- Que é?

- Millie, esse Palhaço Branco gosta de ti?

Não houve resposta.

- Millie, será que... - ele umedeceu os lábios. - Será que a tua "família" te ama, te ama... te ama de todo o seu coração, de toda a sua alma?

Sentiu que ela lhe olhava a nuca, de olhos franzidos.

- Porque me perguntas semelhante asneira?

Por um pouco, Montag teria chorado, mas os seus olhos conservaram-se secos, a boca fechada.

- Se vires esse cão lá fora - disse Mildred - dá-lhe um pontapé por minha conta. , Ele hesitou, escutou à porta. Depois abriu-a e saiu.

A chuva tinha parado e o Sol brilhava num céu claro. A rua, o jardim, os degraus, estavam desertos. Deu um longo suspiro.

E bateu com a porta.

Estava no metrô.

O comboio passou velozmente, numa série de reflexos, amarelo e negro, amarelo e negro, depois

desapareceu na escuridão.

Há muito tempo, quando era criança, estava sentado numa duna à beira-mar, num tórrido e azulado dia de Verão. Tentava encher uma peneira com areia porque um vago primo, um garoto cruel, lhe tinha dito: "Se conseguires encher essa peneira, dou-te dois tostões!" E quanto mais depressa deitava a areia, mais depressa a peneira se esvaziava, com um ruído sedoso. Os seus dedos cansavam-se, a areia queimava e a peneira estava vazia.

Nesse dia de Julho, canicular e silencioso, sentiu as lágrimas correrem-lhe pelo rosto.

E agora, enquanto o comboio a ar comprimido o transportava, mergulhando nas imensas cavernas vazias da cidade, lembrava-se da terrível lógica dessa peneira e, baixando os olhos, reparou que conservava a Bíblia aberta, na mão. Havia muita gente no compartimento, mas ele apertou o livro entre os dedos e teve a absurda ideia de que, se lesse muito depressa, de uma ponta a outra, talvez um pouco de areia ficasse no fundo da peneira.

Mas lia, e as palavras não ficavam e ele pensava: "Dentro de poucas horas, estarei perante Beatty e estender-lhe-ei o livro. Nenhuma frase deve escapar. Cada linha deve ficar inscrita na minha memória. É preciso que o consiga, sozinho." As suas mãos crisparam-se no livro.

Sons explodiram:

- Dentífrico Denham.

- Basta - murmurou Montag. - *Olhai os lírios do campo*...

- Dentífrico Denham.

- *Eles não trabalham*...

- Dentífrico...

- *Olhai os lírios do campo*. Basta! Basta!

- Denham!...

Abriu o livro com um gesto brusco e pôs-se a folheá-lo. Tateava as páginas como se estivesse cego, seguindo com o dedo o contorno de cada letra, o olhar fixo.

- Denham. Soletrem: D-E-N...

Um zumbido de areia ardente através de uma peneira vazia. - Todos exigem Denham!

- *Olhai os lírios, os lírios, os lírios*...

- Denham defende o esmalte dos dentes...

- Basta! Basta! Basta! - Era um esconjuro, um grito tão terrível que Montag se encontrou de pé, alvo dos olhares de todos os passageiros escandalizados, que se afastavam desse homem com rosto de demente, inflamado, boca seca, vociferante, um livro palpitante em punho. Pessoas que, um instante antes, estavam sentadas, batendo com os pés ao ritmo do slogan "Dentífrico Denham, Denham": um-

dois, um-dois-três, um-dois, um-dois-três. Essas pessoas cujos lábios se agitavam ligeiramente repetindo a palavra "Dentífrico, Dentífrico, Dentífrico". A rádio do comboio, em represália, vomitava sobre Montag uma esmagadora cacofonia de zinco, cobre, prata, cromo, bronze.

Os viajantes eram esmagados por essa avalancha.

- Os lírios do campo.

- Denham.

- Os lírios, digo eu!

As pessoas abriram uns olhos assustados.

- É melhor chamar a polícia.

- Este tipo está maluco...

- Knol View!

O comboio abrandou, com um longo silvo.

- Knol View! - um grito.

- Denham - um murmúrio.

Montag balbuciava: - Os lírios...

A porta do comboio abriu-se com um rugido. Montag ficou de pé, imóvel. A porta deu um suspiro e começou a fechar-se. Só então Montag saltou por entre os passageiros e mergulhou precisamente a tempo de sair. Internou-se pelos túneis e subiu de quatro e quatro os degraus brancos, não ligando importância à escada automática. Queria sentir correr os seus pés, os seus braços balançarem, os seus pulmões contraírem-se e dilatarem-se, a sua garganta entrar em contato com o ar vivo. Uma voz diminuía atrás de si: "Denham, Denham, Denham." O comboio silvou como uma serpente e depois desapareceu no seu buraco.

- Quem é?

- Montag.

- Que deseja?

- Deixe-me entrar.

- Não fiz mal algum.

- Estou só, pelo amor de Deus.

- Jura?

- Juro.

A porta abriu-se lentamente. Faber espreitou furtivamente. Parecia muito velho à luz do dia, muito frágil e muito assustado. Dir-se-ia que não saía de casa há muitos anos. Ele e as paredes da casa, caiadas de branco, assemelhavam-se espantosamente.

Havia branco na carne dos seus lábios e das suas faces; os cabelos eram brancos, e o azul vago dos olhos estava descolorido. Depois, o seu olhar pousou no livro que Montag conservava sob o braço e, então, pareceu menos velho e menos frágil.

Lentamente, os seus receios abandonaram-no.

- Desculpe - disse. - Vemo-nos obrigados a ser prudentes. Olhava insistentemente o livro de Montag.

- Então, é verdade - murmurou.

Montag atravessou o umbral. A porta fechou-se.

- Sente-se.

Faber recuou, como se temesse o desaparecimento do livro, se deixasse de olhá-lo. Atrás dele estava aberta uma porta dando para um aposento onde, sobre uma mesa, se viam espalhados diversos utensílios de aço.

Montag apenas teve um momento para vê-los. Faber, seguindo o olhar de Montag, tinha-se virado vivamente e fechado a porta. Com uma mão tremula pousada no fecho, voltou-se para Montag, uma expressão inquieta no rosto. Montag estava sentado, o livro sobre os joelhos.

- Esse livro... Onde o conseguiu...?

- Roubei-o.

Faber, pela primeira vez, ergueu a cabeça e olhou Montag nos olhos.

- O senhor é corajoso - disse.

- Não - respondeu Montag. - A minha mulher está à morte. Uma amiga já morreu.

Uma outra pessoa que teria podido ser uma amiga, foi queimada há menos de vinte e quatro horas. Apenas resta o senhor para me ajudar. Para me ajudar a ver... A ver...

As mãos de Faber, pousadas nos joelhos, agitavam-se.

- Posso ver?

- Oh, desculpe! - disse Montag, estendendo-lhe o livro.

- Há tanto tempo! Não sou crente... mas há tanto, tanto tempo...! Faber começou a virar as páginas, parando de vez em quando, para ler.

- É tão belo como a recordação que dele tinha. Senhor, como eles mudaram tudo nas "salas" dos nossos dias! O Cristo faz agora parte da "família". Pergunto frequentemente a mim mesmo se Deus reconheceria o seu próprio filho sob o ridículo traje que lhe arranjaram? Agora é um autêntico chupa-

chupa de mentol, todo em açúcar pile e sacarina, isso quando não serve de referência a certos produtos comerciais que os seus adoradores não podem dispensar, segundo parece. - Faber cheirou o volume.

- Sabe que este livro cheira a noz-moscada, ou a qualquer outra especiaria exótica?

Eu gostava destes cheiros, quando era garoto. Meu Deus, como havia lindos livros, antes, antes que os tivéssemos deixado desaparecer! - Faber fechou a Bíblia. - Bem... se me dissesse o motivo da sua visita?

- Agora ninguém quer ouvir nada. Não posso falar às paredes, elas não param de me zunir aos ouvidos. Não posso falar à minha mulher, ela escuta as paredes; desejo apenas alguém para ouvir aquilo que tenho a dizer. E, se falar bastante tempo, talvez as minhas palavras tenham algum sentido. E quero também que me ensine a compreender o que leio.

Faber examinou o rosto magro de Montag e as suas faces azuladas.

- Como lhe aconteceu tal sacudidela? Quem arrancou a tocha das suas mãos?

- Não sei. Temos tudo o que é preciso para sermos felizes, mas não somos felizes.

Falta qualquer coisa. Olhei em volta e os únicos objetos cuja desaparição me pareceu certa, foram os livros que tenho queimado durante dez ou doze anos. Pensei então que os livros poderiam ser de grande auxílio.

- O senhor é um romântico incurável - disse Faber. - Seria engraçado, se não fosse tão grave. Não é dos livros que tem necessidade, mas daquilo que, antes, se podia encontrar nos livros. O que se poderia ainda hoje encontrar nessas "famílias" murais.

Os mesmos pormenores minuciosos, os mesmos conhecimentos, poderiam ser transmitidos pela rádio e nas telas de televisão, mas não são. Não, não são de fato os livros o que procura! Pode encontrá-lo em toda a parte, nos velhos discos, nos velhos filmes e em casa dos velhos amigos; observe a natureza à sua volta, procure em si mesmo.

Os livros são apenas um meio de recolher, de conservar um conjunto de coisas que tememos esquecer. Não há nada de mágico neles, absolutamente nada. A magia apenas repousa no que dizem os livros, na rede dos elementos do universo que eles tecem para nos vestir. Bem entendido, o senhor não pode sabê-lo; não pode ainda compreender o que eu quero dizer. Mas, intuitivamente, está na verdade, e é o que importa. Três coisas nos faltam.

Primo: sabe porque livros como este têm uma tal importância? Por causa da sua qualidade. E que significa a palavra "qualidade"? Para mim quer dizer: estrutura. Este livro tem poros. Podemos pô-lo sob um microscópio. Sob a lente, notará a vida, uma agitação constante. Quanto mais poros há, mais são os pormenores vivos, sinceramente anotados por centímetro quadrado sobre uma folha de papel e maior será a verdadeira "literatura". Pelo menos, é a minha definição. Dar pormenores, pormenores tomados à vida. Os bons escritores tocam frequentemente a vida com os dedos.

Os medíocres apenas a afloram, de passagem. E os maus violam-na e abandonam-na às moscas. Compreende agora de onde vem o ódio, o terror aos livros? Eles mostram os poros do rosto da vida. Aqueles que vivem no conforto, bem sentados, não querem ver outros rostos que não sejam luas de cera, sem poros, sem cabelos, sem expressão. Vivemos num tempo em que as flores se esforçam por subsistir por si mesmas, e não pela terra rica e pela chuva benfazeja. Os próprios fogos de artifício, com

as suas alegres explosões, saíram dos produtos químicos da terra. E, no entanto, nós não nos julgamos capazes de sobreviver a partir das flores e dos fogos de artifício, sem acabar o ciclo do real. Conhece a lenda de Hércules e de Anteu, esse lutador gigantesco cuja força era incomensurável desde que tivesse os pés bem firmes no solo? Mas, uma vez afastado da terra, suspenso no vácuo por Hércules, sucumbiu facilmente. Se não há nada nesta lenda que nós possamos aproveitar, hoje, nesta cidade, então eu sou louco varrido. Bem! Eis a primeira noção de que tínhamos necessidade. A qualidade, a rede dos nossos conhecimentos.

- E a segunda?

- O repouso.

- Oh! Mas nós temos muitas horas livres.

- Horas livres, sim. Mas tempo para pensar? Se não guia a cento e cinquenta por hora, uma velocidade que apenas permite pensar no perigo, faz qualquer esporte ou fica sentado numa sala onde é impossível discutir com as quatro paredes do televisor. Porquê? O televisor é real Está presente. Tem dimensões. Ele diz-lhe o que deve pensar, uiva-lhe na cara. Ele deve ter razão. Parece ter razão. Empurra-vos com tal ritmo para as suas conclusões que o espírito não tem tempo de gritar: "É idiota!" -

Apesar de tudo, a "família" são "pessoas".

- Como?

- A minha mulher diz que os livros não têm "realidade".

- Valha-a Deus! O senhor pode fechá-los e dizer: "Um minuto de descanso." Representa, em relação a eles, o papel de um deus. Mas quem conseguiu já alguma vez livrar-se das garras que o apertam, uma vez ligado o televisor? A semente que o senhor semeou cresce em si e pode modificá-la como lhe apetecer, segundo os seus desejos. Ei-lo mergulhado num meio tão real como o mundo. Ele devem, ele é a verdade. Pode atacar os livros com a sua razão. Mas com todos os meus conhecimentos e o meu cepticismo, nunca fui capaz de discutir com uma orquestra sinfônica de cem instrumentos, afogado em cores a três dimensões, absorvido, digerido por essas incríveis telas. Como vê, na minha sala apenas há quatro paredes brancas. E isto - Faber brandiu duas pequenas rolhas de borracha - para os meus ouvidos, quando me aventuro no metrô.

- Dentífrico Denham; *eles não trabalham nem correm* - disse Montag, de olhos fechados. - Que nos resta fazer? Os livros não nos ajudarão?

- Somente se a terceira condição necessária puder ser cumprida. Primeiro, como lhe disse, a qualidade do conhecimento. Em seguida, tempo para assimilar. Enfim, o direito de realizar atos baseados sobre aquilo que nos ensinou a interação dos dois primeiros elementos. E duvido muito que um velho e um bombeiro revoltado possam fazer grande coisa, quando o jogo está quase no fim...

- Posso arranjar livros.

- Corre um enorme risco.

- É o belo lado da morte. Quando não há nada a perder, aceita-se correr todos os riscos.

- Ora aí está uma interessante declaração - disse Faber, rindo. - E parece-me que não foi lida em nenhum livro!

As coisas são assim nos livros? Isto veio-me de repente à cabeça!

- Melhor ainda. Essa ideia não foi calculada para mim ou qualquer outro, nem sequer para si.

Montag inclinou-se para a frente.

- Esta tarde pensei que, se os livros valem a pena, podíamos talvez encontrar uma tipografia e imprimir alguns...

- Podíamos...?

- O senhor e eu.

- Oh, não! - Faber ergueu-se, na cadeira.

- Deixe-me expor-lhe o meu plano...

- Se insiste nesse assunto, vejo-me obrigado a pedir-lhe para se retirar.

- Então isto não lhe interessa?

- Não com ideias que podem levar-me a ser queimado. Aceitaria ouvi-lo na medida em que a própria estrutura do sistema que o senhor representa pudesse ser queimada. Se me sugere imprimir algumas obras e encontrar um meio de as espalhar e esconder no domicílio dos bombeiros de todo o país, de maneira a semear a dúvida e a suspeita entre esses pirômanos, então direi: Bravo! Espalhar os livros, desencadear o alarme e ver as casas dos bombeiros arder, não é o que quer dizer?

Faber ergueu as sobrancelhas e olhou Montag, como se um novo homem acabasse de surgir à sua frente.

- Estava brincando.

- Se acha que esse plano vale a pena ser executado, gostaria de ter a sua palavra de que ele poderia dar um resultado.

- Não se pode garantir semelhante empreendimento! O que procura, Montag, encontra-se no mundo, mas a única possibilidade para um homem de lhe conhecer noventa e nove por cento, é abrir os livros. Não peça garantias. E não espere ser salvo por uma ideia, uma pessoa, uma máquina, uma biblioteca. Trate de se conservar à sua própria superfície e, se se afogar, morra sabendo pelo menos que se dirige para a margem.

Faber levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

- Então? - perguntou Montag.

- Mas está de fato falando sério?

- Evidentemente.

- Devo dizer que é um plano insidioso. - Faber deu uma olhadela ansiosa para o seu quarto. - Ver os quartéis dos bombeiros ardendo por todo o país, destruídos como focos de traição. A salamandra devorando a própria cauda!

- Tenho a lista de todos os domicílios dos bombeiros. Com um pouco de trabalho clandestino...

- É impossível ter confiança nas pessoas. É este o lado mau do caso. Nós dois postos de lado, quem fará o trabalho?

- Não haverá professores como o senhor, antigos escritores, historiadores, linguistas?...

- Mortos, ou muito velhos.

- Quanto mais velhos sejam, melhor; não serão notados. Conhece-os às dúzias, confesse!

- Sim, será possível tirar partido do ressentimento e utilizar a raiva edificante desses historiadores que não escrevem uma linha há quarenta anos.

- Claro!

- Mas apenas afloraremos o assunto. A cultura, na sua totalidade, foi abatida. Meu Deus, não é tão simples como ir desenterrar um livro esquecido há meio século.

Lembre-se que a presença dos bombeiros raramente é necessária. As pessoas deixaram de ler por si mesmas. Poucos têm o desejo de se revoltar, nos nossos dias. E, nessa minoria, a maior parte, como eu, amedronta-se facilmente. Pode dançar mais depressa que o Palhaço Branco, gritar mais alto que o "Sr. Gimmick" e as "famílias"?

Se pode, ganhou a partida, Montag. De qualquer maneira, o senhor é um idiota. As pessoas divertem-se

- Suicidando-se! Cometendo crimes!

Durante toda a conversa, um grupo de bombardeiros passava em direção ao oeste e só então, calados, os dois homens estremeceram com o longo rugido dos reatores.

- Paciência, Montag. Deixe a guerra eliminar as "famílias". A nossa civilização está a ponto de se reduzir a poeira. Conserve-se à parte da força centrífuga.

- É preciso que alguém esteja pronto para o momento 'em que tudo explodir.

- Quem? Homens que citarão Milton? Que dirão: "Lembro-me de Sófocles"? Que recordarão aos sobreviventes que o homem também tem um lado bom? Contentar-se-ão em reunir as ruínas para as atirar à cabeça uns dos outros. Vá para casa, Montag. Vá-se deitar. Porque perde as suas últimas horas correndo à volta da sua gaiola, negando que nada mais é do que um esquilo?

- Então, o caso não lhe interessa?

- Interessa-me tanto que estou doente.

- Mas não quer ajudar-me?

- Boa noite, boa noite.

As mãos de Montag pegaram na Bíblia. Teve consciência do seu gesto e pareceu surpreendido.

- Gostaria de possuir este livro?

- Daria o meu braço direito - disse Faber. Montag, de pé, imóvel, esperava o que ia se passar.

As suas mãos, como dois operários trabalhando de comum acordo, começaram a arrancar as páginas do livro. Arrancaram primeiro a página de guarda, depois a página um, depois a dois.

- Imbecil, que está fazendo? - Faber saltou como se o tivessem esbofeteado. Correu para Montag.

Montag repeliu-o e as suas mãos continuaram a trabalhar. Seis outras páginas caíram no chão. Pegou nelas e fez numa bola, sob os olhos de Faber.

- Não, peco-lhe, não! - gritou o velho.

- Quem pode me fazer parar? Sou bombeiro. Posso até mesmo queimá-lo.

O velho olhou-o fixamente.

- Não faria uma coisa dessas.

- Porque não?

- O livro. Não o rasgue mais. - Faber deixou-se cair num mapk, o rosto pálido, os lábios a tremer.- Não aumente ainda mais o meu esgotamento. Que quer, afinal?

- Tenho necessidade de aprender consigo.

- Bem, bem.

Montag largou o livro. Depois pegou nas folhas amarrotadas e alisou-as, sob o olhar cansado do velho.

Faber sacudiu a cabeça como se acordasse.

- Montag, tem dinheiro?

- Algum. Quatrocentos ou quinhentos dólares. Porquê?

- Traga-me. Conheço um homem que imprimia o boletim do nosso colégio, há cinquenta anos. Foi nesse ano que eu encontrei na minha aula um único aluno para seguir o curso de teatro de Esquilo a O'Neil . Faz uma ideia do que era? Lembro-me dos jornais, que morriam como borboletas gigantes. Ninguém queria ouvir falar neles.

Ninguém os pedia. E o Governo, verificando até que ponto era vantajoso não dar outra leitura além dos beijos apaixonados e dos socos no estômago, manteve esse estado de coisas com os vossos vomitadores de fogo. E, assim, aí temos um impressor sem trabalho, Montag. Poderíamos começar alguns livros, esperando que a guerra desloque o sistema e estenda a nossa ação, segundo as circunstâncias. Algumas bombas, e as "famílias" nas paredes de todas as casas calar-se-ão como ratos! No

silêncio, os nossos murmúrios talvez sejam ouvidos.

Ambos contemplaram o livro, sobre a mesa.

- Como eu gostaria de ter qualquer coisa para dizer ao capitão! - disse Montag. - Ele tem lido suficientemente para ter resposta para tudo, ou dar impressão disso. A sua voz é como manteiga. Receio que, com a sua conversa, me leve ao ponto de partida. Há oito dias apenas, ao lançar a gasolina pela minha mangueira, dizia comigo mesmo: "Como isto é divertido!..."

O velho sacudiu a cabeça.

- Aqueles que não constroem, devem queimar. É história antiga.

- Eis o que eu sou.

- Todos nós estamos mais ou menos marcados com esse sinal.

Montag dirigiu-se para a porta.

O velho respirou fundo. Uma segunda vez respirou com força, os olhos fechados, os lábios cerrados...

- Montag... Venha comigo. Só tinha uma ideia: vê-lo partir. Sou um velho e inapto poltrão. Faber abriu a porta do quarto e fez entrar Montag num pequeno compartimento mobilado com uma mesa carregada de ferramentas, numa confusão de bobinas microscópicas, de fios metálicos finos como cabelos, de minúsculos quartzos.

- Que é isto? - perguntou Montag.

- A prova do meu terror pânico. Brincar com a técnica radioeléctrica tornou-se o meu passatempo. O meu medo tomou tais proporções que me vi quase forçado a inventar isto.

Pegou num pequeno objeto de metal verde, não maior que uma bala de calibre 22 curto.

- Paguei tudo isto... como? Jogando na Bolsa, claro, esse último refúgio existente no mundo para o aventureiro intelectual sem trabalho. Sim, joguei na Bolsa, construí este aparelho e esperei. Esperei, tremendo, durante metade de uma vida, que alguém me dirigisse a palavra. Não ousei falar a ninguém. Naquele dia, no parque, quando nos sentamos um ao lado do outro, soube que um dia tornaria a encontra-lo, fosse como amigo, fosse como incendiário, isso era difícil de prever. Este pequeno aparelho está pronto há meses. Mas eu ia deixá-lo partir. Tenho tanto medo!

- Parece um micro rádio.

- Pois parece, mas é muito superior. Este aparelho ouve! Se o meter na sua orelha, Montag, posso ficar tranquilamente instalado em casa e surpreender e analisar ao mesmo tempo os seus congêneres, os bombeiros, e notar os seus pontos fracos sem perigo algum. Sou a rainha das abelhas, em segurança no centro da colmeia. O senhor será a que trabalha, a orelha viajante. De fato, poderei instalar orelhas em todos os bairros da cidade, com homens de confiança para ouvir e registar. Se os outros morrem, eu fico sempre são e salvo, em minha casa, controlando o meu medo com o máximo do conforto e o mínimo de riscos. Vê como eu me agarro à minha segurança, como sou desprezível?

Montag colocou a bala verde no ouvido. O velho pôs um aparelho idêntico junto do seu tímpano e

moveu os lábios.

- Montag!

A voz vibrou na cabeça de Montag.

- Mas estou ouvindo-o!

O velho começou a rir.

- Eu ouço-o também com toda a nitidez.

Faber murmurava, mas a sua voz era nítida na cabeça de Montag.

- Vá ao quartel à hora fixada. Estarei consigo. Ouviremos juntos esse capitão Beatty. Talvez ele seja dos nossos. Quem sabe? Ditar-lhe-ei as réplicas. Faremos uma demonstração cuidada. Detesta-me pela minha cobardia eletrônica? Eis que o envio pela noite dentro, ficando na retaguarda com as minhas danadas orelhas que se arriscam a ouvir a sua sentença de morte.

- Cada um faz o que pode - disse Montag. Colocou a Bíblia entre as mãos de Faber.

- Tome. Tratarei de arranjar outro livro para a substituir. Amanhã...

- Irei ver esse impressor desempregado, claro. Pelo menos, disso sou eu capaz.

- Boa noite, professor.

- Boa noite, não. Não o abandonarei toda a noite. Zumbir-lhe-ei à orelha como um mosquito. Enfim, no entanto boa noite, e boa sorte.

A porta abriu-se e fechou-se. Montag encontrou-se na rua sombria, observando o mundo que o rodeava.

Montag afastou-se a pé do metrô com o dinheiro na algibeira (tinha passado pelo banco, aberto toda a noite com os seus empregados-robots aos guichês) e, enquanto caminhava, escutava o micro rádio numa das suas orelhas.

- Mobilizamos um milhão de homens. Obteremos uma vitória-relâmpago se a guerra for desencadeada... - Uma vaga de música submergiu rapidamente a voz.

- Dez milhões de homens mobilizados - murmurou Faber na sua outra orelha.

-Mas apenas se anuncia um, é menos assustador.

- Faber?

- Que é?

- Não penso em nada. Faço o que me ordenam, como sempre. O senhor disse-me:

"Vá buscar o dinheiro", e eu fui. Quando começarei a tomar as minhas próprias decisões?

- Já começou, ao dizer o que disse. Tem de acreditar-me

- Já acreditei noutros!

- Sim, e veja onde isso o levou. Vai andar algum tempo como um cego. Estendo-lhe o meu braço para se encostar.

- Não quero mudar de ideia e contentar-me em receber instruções. Não há razão nenhuma para mudar, se não temos mais nada a esperar.

- Já começa a ser cabeçudo!

Montag sentiu que os pés o levavam em direção a casa.

- Continue a falar – disse.

- Quer que lhe leia qualquer coisa? Lerei de maneira que se possa recordar. Não durmo senão cinco horas por noite. Nada tenho que fazer. Portanto, se lhe interessa, ler-lhe-ei enquanto dorme. Parece que se retém o que se ouve, mesmo adormecido, se alguém nos murmura ao ouvido.

Comece.

- Escute. - Muito longe, no outro extremo da cidade, no meio da noite, adivinhou o ruído de uma página virada, O Livro de Jó.

A Lua subia no céu. Montag continuava a andar, os lábios animados por estremecimentos apenas perceptíveis.

Às nove da noite, ele comia um jantar leve, quando a porta de entrada chamou, no corredor. Mildred correu para fora da sala como um fugitivo de uma erupção do Vesúvio. A Sra. Phelps e a Sra. Bowles atravessaram o umbral e desapareceram na goela do vulcão, martínis na mão. Montag parou de comer. Elas faziam-lhe lembrar um monstruoso lustre de cristal tilintando com mil berloques, via os seus sorrisos de gatos de Cheshire[2] refletindo-se nas paredes da casa e, em seguida, um concerto de cacarejos por entre o ruído geral.

Montag encontrou-se à porta da sala, com a boca cheia.

- Como tudo é encantador!

- Encantador.

- Tens um aspecto ótimo, Millie!

- Ótimo

- Todo mundo está satisfeito!

- Está satisfeito.

Montag, imóvel, observava-as.

- Paciência - murmurou Faber.

- Eu não devia estar aqui - ciciou Montag. - Devia estar a caminho da sua casa, com o dinheiro!

- Será suficiente amanhã. Atenção!

- Não acham este número sensacional? - gritou Mildred. - Sensacional!

Numa das paredes uma mulher sorria e, simultaneamente, engolia um sumo de laranja. "Como ela pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo?", perguntou-se Montag, estupidamente.

Nas outras paredes, a mesma mulher era vista ao raio X e podia-se seguir, nas contrações internas, o trajeto da bebida refrescante até seu estômago contentíssimo!

Bruscamente, a sala desapareceu nas nuvens e mergulhou num mar verde-pálido onde peixes azuis devoravam peixes amarelos e encarnados. Um minuto depois, três palhaços brancos de desenho animado amputavam-se mútua e alegremente diversos membros, entre explosões de riso. Dois minutos mais e a sala foi projetada fora da cidade, em frente de uma pista onde carros a reação rodavam com frenesim, chocando-se uns contra os outros. Montag viu um bom número de condutores projetados no ar.

- Millie, já viste isto?

- É maravilhoso.

Montag introduziu a mão numa abertura da parede e desligou a televisão. As imagens vacilaram e deslocaram-se, como repuxos saindo de um gigantesco bocal de cristal cheio de peixes assustados.

As três mulheres voltaram-se lentamente e olharam Montag com uma irritação evidente, depois com um profundo desprezo.

- Quando pensam que começará a guerra? - perguntou ele. - Notei a ausência dos vossos maridos, esta noite.

- Oh! Eles vão e vêm constantemente - disse a Sra. Phelps. - Finnegan tanto está aqui como está ausente; o Exército chamou Pete ontem. Voltará na próxima semana.

Foi o que lhe disseram. Quarenta e oito horas, segundo eles, e todo mundo voltará para casa. É o que dizem no Exército. Uma guerra-relâmpago. Pete foi chamado ontem e garantiram-lhe que seria licenciado na próxima semana. É rápido...

As três mulheres agitaram-se e olharam com nervosismo as paredes vazias e cinzentas.

- Eu não me incomodo com isso - continuou a Sra. Phelps. - Deixo o assunto com Pete. Esse bom Pete bate-se por nós dois. Sim, não há dúvida de que não me incomodo.

- Claro - disse Millie -, deixemos o velho Pete resolver as coisas.

- São sempre os maridos das outras que ficam, como se costuma dizer.

- Parece que sim. Em todo o caso, nunca conheci um homem que tivesse morrido na guerra. Caindo de um telhado, sim, como o marido de Glória, na semana passada, mas na guerra, nunca.

- Na guerra, nunca - afirmou a Sra. Phelps. - Além disso, Pete e eu estamos sempre de acordo: nada de

lágrimas nem comoções. É o terceiro casamento de cada um de nós e somos independentes. Conservemo-nos independentes, é o que dizemos sempre. "Se eu morrer", diz ele, "continua como se nada se tivesse passado e não chores. Casa-te novamente e não penses mais em mim." - A propósito - disse Mildred. - Leram o romance-minuto de Clara Dove ontem à noite, nos vossas telas? É a história de uma mulher que...

Montag nada disse, mas olhou o rosto das três mulheres como tinha examinado uma vez as cabeças dos santos, numa igreja desconhecida, quando era pequeno.

Nada tinha sentido, nessa ocasião. Era como se tivesse entrado, por acaso, num bazar insólito onde o seu dinheiro não tivesse curso, e o seu coração ficara frio, mesmo ao tocar na madeira, no gesso e no barro das estátuas.

E agora, no seu próprio salão, tornava a encontrar essa sensação perante aquelas mulheres que se agitavam nos mapks, acendiam cigarros, sopravam nuvens de fumo, remexiam nos cabelos secos e examinavam as unhas fulgurantes que pareciam incendiar-se sob o seu olhar. A angústia do silêncio começava a invadir-lhes os rostos. A transpiração e a agitação dessas mulheres que se consumiam de ansiedade, vibrava, no silêncio. De um momento para o outro, dariam um longo silvo e explodiriam.

Montag moveu os lábios:

- E se conversássemos?

As mulheres sobressaltaram-se.

- Como estão os seus filhos, Sra. Phelps? - perguntou Montag.

- Sabe muito bem que os não tenho! Nenhuma mulher com um mínimo de bom senso pensará em tê-los! - respondeu a Sra. Phelps, sem saber muito bem porque detestava aquele homem.

- Não estou de acordo - disse a Sra. Bowles. - Tive dois filhos, por cesariana. Não vale a pena sofrer todo esse martírio para ter um bebe. Os homens devem reproduzir-se, como sabe, a raça deve perpetuar-se. Além disso, algumas vezes eles são parecidos conosco e isso tem piada. Duas cesarianas e o caso ficou arrumado. Oh! O meu médico disse: "Não há necessidade de cesariana, a sua bacia suporta perfeitamente, é normal", mas eu insisti.

- Com cesarianas ou sem elas, as crianças são péssimas. Você é doida! - observou a Sra. Phelps.

- Os garotos estão na escola nove dias em cada dez. Apenas tenho que suportá-los em casa três dias por mês. É um bom sistema. Metem-se na sala e fecha-se a porta.

É como a lavagem. Mete-se a roupa na máquina e fecha-se a tampa. - A Sra. Bowles teve um riso seco.- Cair-me-iam em cima aos pontapés, ao mesmo tempo que me beijassem. Valha-nos Deus, sei-me defender!

As três mulheres começaram a rir.

Mildred esperou um momento e, depois, vendo que Montag continuava de pé no umbral da porta, bateu as palmas.

- Se falássemos de política, para agradar a Guy?

- Boa ideia - disse a Sra. Bowles. - Votei nas últimas eleições, como toda a gente, pelo presidente Noble, é claro. Creio que nunca vi um homem tão bonito nomeado presidente.

- Oh, mas aquele que apresentaram contra ele!

- Era horrível, não era? Pequenino, gorducho, nem sequer bem barbeado ou com o chapéu bem posto!

- Que ideia foi aquela de o escolherem como candidato? Não se apresenta um pobre diabo como aquele contra um homem elegante. E além disso... gaguejava. Nunca cheguei a compreender metade do que ele dizia. E as raras frases que distingui, não compreendi!

- E que grande barriga! Nem mesmo sabia vestir-se para disfarçar a gordura. Não é de admirar que Wilson Noble fosse eleito. Até mesmo os nomes representaram um papel. Comparem dez segundos Wilson Noble e Hubert Hoag e a escolha fica feita.

- Ora essa! Que é que sabem de Hoag e Noble? - perguntou Montag.

- Como! Vimo-los na tela da televisão ainda não há seis meses. Hoag esfregava o nariz constantemente. Já estava ficando ficando maluca!

- Vejamos, Sr. Montag - disse a Sra. Phelps -, com certeza que não queria que votássemos em tal indivíduo.

Mildred tinha um ar encantado.

- Não fiques à porta, Guy. Pões-nos os nervos em frangalhos.

Montag desapareceu e voltou um momento depois, com um livro na mão.

- Guy!

- Merda! Merda! Merda!

- Que é isso? Um livro, não? Pensava que todo o vosso treino era feito com filmes - disse a Sra. Phelps- Está revendo o seu manual teórico?

- Estou me lixando para o manual - respondeu Montag. - Isto é poesia.

- Montag... - disse Faber, num murmúrio.

- Não me chateie! - Montag sentiu-se arrastado por um turbilhão que lhe rugia aos ouvidos.

- Montag, atenção, atenção...

- Está ouvindo-as? Está ouvindo esses monstros falar de outros monstros? Oh! Esta maneira de papaguear a propósito das pessoas, dos seus próprios filhos e delas mesmas; esta maneira de falar dos maridos, da guerra - merda! Estou aqui, em frente delas e não consigo acreditar nas minhas orelhas.

Quero fazer-lhe notar que não disse uma única palavra acerca de qualquer guerra - disse a Sra. Phelps

- Por mim, tenho horror à poesia - disse a Sra. Bowles.

- Já ouviu alguma vez?

- Montag. - A voz distante de Faber vibrava.- Vai estragar tudo. Cale-se, desgraça-do!

As três mulheres estavam de pé.

- Sentem-se.

Elas tornaram a sentar-se.

- Tenho de voltar para casa - disse a Sra. Bowles, com voz tremente.

- Montag, Montag, que diabo vai fazer? - murmurou Faber, suplicante.

- Porque não nos lê um dos poemas do seu livro? - disse a Sra. Phelps com um sinal de cabeça aprovador.- Na minha opinião, seria muito interessante.

- Isto não está certo - gemeu a Sra. Bowles - Não temos esse direito!

- Mas olhe o sr. Montag! Está morrendo de desejo. E se o ouvirmos delicadamente, ficará encantado e depois poderemos talvez ficar tranquilas e fazer outra coisa.

Lançou uma olhadela inquieta às grandes paredes vazias que a rodeavam.

- Montag, se insiste, corto o contato e deixo-o só - zunia-lhe o inseto na orelha. - Para que serve essa comédia, que é que vai ganhar com isso?

- Vou muito simplesmente pregar-lhes um susto, um susto de ficar verde.

Mildred tinha o olhar vago.

- Montag, ouça, há apenas uma solução: finja que está brincando, deixe-as acreditar que não está falando a sério. Depois... vá direito ao incinerador e jogue o livro dentro!

Mildred, instintivamente, tinha-se já antecipado.

- Caras amigas - disse, numa voz pouco segura -, uma vez por ano, cada bombeiro é autorizado a trazer para casa um livro antigo para mostrar à família como essas coisas eram estúpidas, como podiam irritar as pessoas. Guy quis fazer-lhes uma surpresa esta noite, dando-lhes uma amostra dessas insanidades, para que os nossos pequenos cérebros não voltem a preocupar-se com essas asneiras, não é, querido?

Ele crispou os dedos no livro.

- Diga que sim.

Os seus lábios obedeceram à ordem de Faber: - Sim.

Mildred tirou-lhe o livro da mão, rindo.

- Olha! Lê este. Não, espera. Antes este, que é tão divertido e que me leste hoje.

Minhas caras, não vão perceber patavina. É um autêntico bla-bla... Vá, Guy. Nesta página, querido.

Ele baixou os olhos para o livro aberto. Uma mosca zumbia-lhe docemente no tímpano: - Leia.

- Qual é o título, querido?

- *A Praia de Dover*- disse, com a boca seca.

- Agora lê-nos com voz clara... e *lentamente*. Começou a ler e a sua voz, primeiro baixa e hesitante, afirmou-se lentamente e elevou-se no deserto incolor que rodeava as três mulheres, sentadas no centro de um vácuo abafante.

A maré da fé

Era antigamente enorme, ao longo das margens da terra inteira, Como as dobras ondulantes de um lenço fantástico.

Mas agora apenas ouço o seu distante e melancólico rumor Que se afasta e desaparece ao sopro do vento da noite.

Ao longo das enormes e lúgubres margens,

Sobre os calhaus solitários do universo.

As três mulheres agitaram-se e fizeram estalar as cadeiras.

Montag acabou a leitura:

Ah! meu amor, sejamos fiéis

Um ao outro!

Pois o mundo que parece estender-se à nossa frente como um país de sonho, Tão diferente, tão belo, tão recente,

Não encerra verdade, nem alegria, nem amor, nem claridade, nem certeza, Nem paz, nem remédio para a dor.

E nós estamos aqui como numa tenebrosa planície.

Varrida por confusos sinais de combates e de fugas onde cegos exércitos se despedaçam a noite.

A Sra. Phelps soluçava. As outras, no meio do deserto, viam-na chorar, de rosto desfeito. Assustadas pelo seu desespero, conservavam-se sentadas, imóveis, sem lhe tocar. E ela não parava. O próprio Montag estava espantado.

- Então, então - disse Mildred. - Acabou-se, Clara. Clara, domine-se um pouco!

Mas que tem, Clara?

- Eu... eu... - soluçava a Sra. Phelps - não sei, não sei; verdadeiramente, não sei...

Oh, oh!

A Sra. Bowles ergueu-se e fixou em Montag um olhar reprovador.

- Está vendo? Eu já sabia, é exatamente o que eu quero provar. Já sabia que isto ia acontecer. Sempre tenho dito: poesia e lágrimas, poesia e suicídio, poesia e neurastenia, a poesia torna-nos doentes; todas essas asneiras! Agora tenho certeza. O senhor é mau, Montag, o senhor é um mau homem!

- Agora... - disse Faber.

Montag, contra a vontade, voltou-se, aproximou-se da parede e jogou o livro na boca de cobre no fundo da qual as chamas esperavam.

- Palavras, palavras estúpidas, palavras prejudiciais, horríveis - disse a Sra. Bowles

- Porque querem as pessoas magoar as outras? Já não temos suficientes aborrecimentos? É necessário ainda incomodar todo mundo com tais porcarias?

- Então, Clara - implorava Mildred de braços estendidos -, não faça essa cara, vamos divertir-nos. Vamos tomar a ligar a "família". Domina os nervos, então, não chores mais.

- Não - declarou a Sra. Bowles. - Eu vou para casa. Se quiserem vir e ver a minha

"família", muito bem. Mas não tornarei a pôr os pés na casa deste bombeiro tarado!

- Vá para casa. - Montag olhava-a calmamente. - Vá para casa, pense no seu primeiro marido divorciado, no segundo que se matou no carro, no terceiro que fez saltar os miolos, volte para casa e pense na boa dúzia de abortos que tem feito, vá para casa e pense nas suas danadas cesarianas, nos filhos que a detestam! Vá para casa e pergunte a si mesma como aconteceu tudo isso e o que fez para o evitar. Desapareça, desapareça - gritou -, antes que a ponha na rua a pontapé no rabo!

As portas bateram. A casa estava vazia. Montag encontrou-se só, no coração do Inverno, entre as paredes do salão, cor de neve suja. No banheiro, a água começou a correr. Ouviu Mildred sacudir o tubo de comprimidos na palma da mão.

- Idiota, Montag, pobre idiota, triplo idiota...

- Basta! - Arrancou a bala verde da orelha e meteu-a na algibeira.

- Idiota... idiota... - zumbiu fracamente o aparelho. Pôs-se a procurar e encontrou os livros onde Mildred os tinha empilhado, atrás do frigorífico. Faltavam alguns. Portanto, ela já tinha começado a destruí-los. Mas a sua cólera tinha desaparecido. Sentia-se simplesmente esgotado e um pouco aturdido. Transportou os livros para o jardim de trás e escondeu-os nos arbustos perto do muro. "Apenas por esta noite", pensou, "para evitar que ela queime mais." Voltou para casa.

- Mildred? - chamou à porta do quarto, mergulhado na escuridão.

Silêncio.

Fora, ao atravessar o jardim para se dirigir ao trabalho, esforçou-se por não ver até que ponto a casa de Clarisse McClellan estava sombria e deserta...

Ao dirigir-se para o centro da cidade, sentia-se completamente isolado, sentindo o irresistível desejo

de ouvir, na noite, as inflexões quentes e doces de uma voz amiga.

Faber parecia-lhe já um amigo de sempre. Seriam Montag + Faber, o fogo + a água.

Depois, um dia, quando a amizade fosse perfeita, inteira e se cumprisse, no silêncio, já não haveria fogo nem água, mas sim vinho.

De dois elementos separados, opostos, nasceria um terceiro.

Era agradável ouvir esse zumbido de inseto, esse zunido sonolento de mosquito, o delicado murmúrio da voz do velho que lhe dava reprimendas e depois o consolava, enquanto ele emergia do metrô e se dirigia para o quartel dos bombeiros.

- Seja compreensivo, Montag, compreensivo. Não seja irônico e não os provoque.

Ainda recentemente estava do lado deles. E eles estão tão seguros de si mesmos que podem continuar indefinidamente. Mas não continuarão. Não sabem que é um único e gigantesco meteoro que abrasa o espaço, mas que, um dia, esse meteoro chegará ao fim. Eles apenas veem a chama, o belo rasto flamejante, que por si próprio foi visto. Montag, os velhos metidos em casa, medrosos, tratando das suas velhas e secas carcaças, não têm o direito de criticar. Mas você ia destruindo tudo, logo ao princípio. Tome cuidado! Estou sempre consigo, não esqueça. Compreendo perfeitamente o que se passou. Devo reconhecer que o seu acesso de cólera me revigorou. Meu Deus! Como me senti jovem! Mas agora... desejo que se sinta velho, desejo que um pouco do meu receio passe para si. Durante as horas seguintes, quando encontrar o capitão Beatty, ande à volta dele nos bicos dos pés, deixe-me ouvir, por si, esclarecer a situação. Sobreviver, é o nosso fim. Esqueça essas infelizes e estúpidas mulheres...

- Tornei-as mais infelizes do que o tinham sido há uns anos para cá, creio - disse Montag. - Senti um choque ao ver a Sra. Phelps chorar. Talvez elas tenham razão, talvez valha mais a pena não atacar as coisas de frente e divertir-se simplesmente.

Não sei. Sinto-me culpado...

- Não, não deve sentir-se! Se não houvesse guerra, se a paz reinasse no mundo, dir-lhe-ia: Ótimo, divirta-se! Mas, Montag, para você não se trata de tornar a ser um bombeiro. Todas as coisas andam ao contrário, por esse mundo.

Montag transpirava.

- Montag, está me ouvindo?

São os meus pés - disse Montag. - Não posso movê-los. Sinto-me idiota. Não posso avançar nem um passo!

Ouça. Agora acalme-se - disse docemente a voz do velho. - Eu sei, eu sei que tem medo de cometer erros. Não tenha. Pode-se tirar partido dos erros. Quando eu era mais novo, Montag, atirava a minha ignorância à cara das pessoas. E elas caíam-me em cima, à cacetada. Quando atingi os quarenta anos, o meu processo de combate, ao princípio rombudo, tinha adquirido uma ponta aguçada. Se esconder a sua ignorância, ninguém lhe baterá, mas também não aprenderá nada. Agora caminhe, direto ao quartel! Somos como irmãos gêmeos, nunca ficaremos sós, isolados em casas estranhas, em contato possível. Se tiver necessidade de auxílio quando Beatty o interrogar, estarei junto de você, escondido na sua orelha,

tomando notas!

Montag sentiu o pé direito deslocar-se, depois o pé esquerdo.

- Faber – disse -, não me abandone.

O Cão-Policial Mecânico não estava lá. O canil estava vazio. Na caserna silenciosa, a salamandra vermelha dormia, o ventre cheio de gasolina, os lança-chamas cruzados nos flancos. Montag avançou, tocou o mastro de bronze e elevou-se na semiobscuridade, olhando o canil deserto.

Beatty estava de pé, junto do orifício do mastro, de costas voltadas, como se não o esperasse.

- Ora aí está! - disse aos seus homens, que jogavam às cartas. - Eis que nos chega um animal; um animal que, em todas as línguas, se chama um pobre idiota.

Estendeu a mão, como para receber um presente. Montag entregou-lhe o livro.

Sem olhar o título, Beatty lançou o livro num cesto de papéis e acendeu um cigarro.

- "Aqueles que têm um vestígio de inteligência são os mais estúpidos." Sê bem-vindo, Montag. Espero que ficarás conosco, agora que a tua febre desapareceu e a doença acabou. Jogas uma partida de poker?

Sentaram-se e um deles distribuiu as cartas.

Duas vezes, em meia hora, Montag se levantou para ir lavar as mãos; quando voltava, escondia-as debaixo da mesa.

Beatty pôs-se a rir.

– Mostra as mãos, Montag. Não é que desconfiemos de ti, mas, apesar disso...

Todos os outros começaram a rir.

- Enfim - disse Beatty -, a crise passou e tudo se arranja. A ovelha tresmalhada volta ao redil. Todos nós somos ovelhas que, uma vez ou outra, abandonaram o rebanho. "A verdade é a verdade, no fim de contas", gritamos nós. Aqueles que estão acompanhados de nobres pensamentos, nunca estão sós. Suave alimento de uma ciência suavemente enunciada, declara Sir. Philip Sidney. Mas, por outro lado: As palavras são como tolhas e, onde elas se acumulam em abundância, raro é encontrar por baixo os frutos da razão. Alexandre Pope. Que dizes tu a isto, Montag?

- Não conheço.

- Atenção! - murmurava Faber, muito longe, num outro mundo.

- E isto, conheces? *Conhecer apenas metade é perigoso. Bebe até não poderes mais ou não bebas na fonte das Musas. Ai, as águas de superfície intoxicam o cérebro, mas se bebes à saciedade, receberás a lucidez.* Pope, no mesmo ensaio. Então, como te sentes, depois disto?

Montag mordeu o lábio.

- Vou dizer-te. - Beatty, sorrindo, contemplava as cartas. - Durante algum tempo, serás como um

bêbedo. Lês algumas linhas e saltas no vácuo, do alto da falésia.

Bum! Estás pronto a fazer saltar o mundo, a cortar cabeças, a esmagar mulheres e crianças, destruíres a autoridade. Conheço-o bem, passei por lá.

- Mas eu sinto-me otimamente - disse Montag, nervoso.

- Não cores. Não quero provocar-te. De fato, não quero. Há uma hora, tive um sonho, calcula! Tinha-me deitado para repousar um pouco e, no meu sonho, eu e tu tínhamos começado uma violenta discussão sobre os livros. Tu espumavas de raiva e bombardeavas-me com citações. Eu aparava calmamente todos os golpes. A força, dizia eu. E tu, citando o Dr. Johnson: A Ciência é superior à força! Eu respondia: O Dr. Johnson, meu rapaz disse igualmente: "*Nenhum sábio do mundo trocará uma certeza por uma incerteza*." Conserva-te bombeiro, Montag. Tudo o mais é apenas um caos sinistro!

- Não o ouça! - murmurou Faber. - Ele tenta confundir-lhe as ideias É um terreno perigoso. Atenção!

Montag sentia a cabeça envolta num turbilhão. Queria gritar: "Não! Basta, está misturando tudo, pare!"

Os dedos de Beatty apertaram-lhe o pulso.

- Meu Deus, que pulsação! Assustei-te, hem, Montag? Com os diabos! O teu pulso bate como em véspera de guerra!

- Montag, aguente! - O inseto zunia na orelha de Montag. - Ele tenta turvar a água!

- Tu sentias um medo assustador - disse Beatty -, pois eu usava um truque infalível, servindo-me dos mesmos livros que tu te servias, para refutar toda a tua argumentação! Que traições contêm os livros! Julga-se que eles nos vão auxiliar, e eles voltam-se contra nós. No fim do sonho, eu chegava com a Salamandra e dizia: Vens comigo? Tu subias e voltávamos para o quartel num silêncio delicioso.

Beatty largou o pulso de Montag, cuja mão caiu inerte, na mesa.

- E, assim, tudo acabou bem.

Silêncio. Então, Faber começou docemente: - Ótimo Ele deu a sua opinião. Tome nota. Agora, darei eu a minha. Tome igualmente nota. Em seguida, compare e trate de fazer a escolha. É necessário que essa decisão parta de si e não do capitão ou de mim. Mas lembre-se que o capitão está do lado dos piores inimigos da verdade e da liberdade, que pertence ao rebanho cego da maioria. Oh! A terrível tirania da maioria. Todos nós temos a nossa opinião a dar. E compete-lhe a si escolher a orelha com que quer ouvir.

Montag abriu a boca para responder a Faber e foi salvo desse erro pelo som repentino da companhia de alarme. A voz do avisador saiu do teto. Houve um rápido estalo, enquanto o telescritor registava a morada assinalada. O capitão Beatty, de cartas na mão, dirigiu-se ao telefone com exagerada lentidão e arrancou o papel, uma vez o relatório terminado. Examinou-o com atenção e meteu-o na algibeira. Depois, voltou a sentar-se à mesa. Os outros voltaram-se para ele. - Restam-me ainda quarenta segundos para lhes limpar todas as vossas apostas - disse Beatty, jovialmente.

Montag pousou as cartas.

- Estás cansado, Montag? Abandonas a partida?

- Estou.

- Aguenta, homem. Mas... de fato, podemos continuar a partida mais tarde. Deixem as cartas como estão e vão preparar o material. Vá, a passo ginástico! - E Beatty ergueu-se de novo. - Montag, está bem? Não quereria ver-te com uma recaída.

Não é nada. Há de passar.

- Também o espero. Temos em mãos um caso especial. Correram para o mastro de cobre.

Depois, a coluna brilhante aspirou-os para baixo, para a escuridão, onde o dragão, tossindo e estalando numa nuvem de gasolina, acordava.

- A caminho!

Fizeram uma viragem. O motor grunhia, a sirene uivava, os pneus silvavam, a gasolina agitava-se no reservatório de cobre brilhante como os alimentos no estômago de um gigante.

- Aqui vamos nós!

Montag ergueu os olhos. Beatty nunca guiava mas, nessa noite, estava ao volante da Salamandra, fazendo curvas, inclinado para a frente no trono elevado do condutor, o seu casaco negro flutuando atrás de si; parecia um grande morcego batendo as asas por cima do motor, dos números de cobre, mergulhando na noite.

- Eis-nos a caminho para manter a felicidade do mundo, Montag!

As faces rosadas e fosforescentes de Beatty brilhavam na escuridão. Um sorriso feroz crispava-lhe os lábios.

- Aqui estamos!

A Salamandra parou subitamente. Os homens escorregaram e saltaram pesadamente de todos os lados. Montag, de pé, não podia afastar os olhos da haste de metal fria e brilhante a que os seus dedos estavam agarrados.

"E impossível", pensava. "Como poderei eu executar esta nova tarefa? Como posso continuar a queimar as coisas? Não posso entrar nesta casa." Beatty, observando a direção do vento, estava ao lado de Montag.

- Então, Montag!

Os homens corriam como aleijados, com as suas pesadas botas, tão silenciosos como aranhas. Enfim, Montag ergueu os olhos e virou a cabeça. Beatty observava-o.

- Não te sentes bem, Montag?

- Mas... mas - disse Montag lentamente - nós estamos parados em frente da minha casa...

TERCEIRA PARTE
- Ardente e Claro –

LUZES acendiam-se e portas abriam-se ao longo da rua, que se preparava para assistir ao espetáculo Montag e Beatty contemplavam, um com sombria satisfação, o outro com ar incrédulo, a casa que se erguia à frente deles, essa pista de circo que ia devorar o fogo por entre os malabarismos das tochas.

- Pois bem - disse Beatty. - Ganhaste. O velho Montag queria voar perto do Sol e, agora, que queimou as asas, pergunta porquê. Não te fiz suficientemente compreender, quando mandei o Cão-Policial rondar a tua casa?

Montag tinha o rosto sem expressão. Sentia a cabeça virar-se como uma estátua de pedra para a casa vizinha, mergulhada na escuridão no meio do seu ninho de flores.

- Ah! - disse Montag num tom seco. - Foi então essa pequena imbecil que te virou a cabeça com as suas excentricidades, hem? As flores, as borboletas, as folhas, os pores-do-sol. Merda! Está tudo anotado no teu dossiê Acertei, hem! Se visses a cara que tens! Pedacinhos de erva e algumas fases da Lua. Que miséria! Que fez ela de útil, com tudo isso?

Montag, sentado no para-choques frio do dragão, balançava lentamente a cabeça da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita...

- Ela via tudo. Ela nunca fez mal a ninguém. Ela deixava as pessoas tranquilas.

- Tranquilas, dizes tu? Ela vinha resmungar-te coisas ao ouvido, hem? Um desses danados corações de couro com os seus silêncios ultrajados, que subentendem: "valho muito mais que você", o seu ilimitado talento para nos darem uma má consciência. Valha-nos Deus! Levantam-se como o sol da meia-noite para nos fazer transpirar nas nossas camas!

A porta da rua abriu-se. Mildred desceu os degraus correndo, a mão crispada com uma rigidez de sonho numa mala, enquanto um táxi parava junto do passeio.

- Mildred!

Ela passou-lhe em frente, muito depressa, o corpo rígido, o rosto enfarinhado de pó de arroz, a boca invisível, sem carmim.

- Mildred, não foste tu quem fez a denúncia!

Ela meteu a mala no táxi, entrou e sentou-se, murmurando: - Pobre "família", pobre "família", oh! Tudo acabou, agora tudo acabou...

Beatty agarrou Montag pelo ombro. O táxi arrancou rapidamente e desapareceu no fim da rua, a cem por hora.

Houve um súbito ruído, como o desmoronamento dos fragmentos de um sonho feito de vidro, de espelhos e de prismas de cristal.

Montag virou-se como sob o efeito de um golpe de vento e viu Stoneman e Black brandindo os machados e fazendo voar em estilhaços os vidros, para abrir passagens ao ar.

O zumbido de um inseto: - Montag, fala Faber. Está ouvindo? Que se passa?

- E é a mim que isto acontece? - disse Montag.

- Que terrível surpresa! - afirmou Beatty. - Pois todos nós sabemos, hoje, com uma certeza absoluta, que nada pode nos acontecer. Os outros morrem, mas eu estou vivo. Não há, nem consequências, nem responsabilidades. E é exatamente por isso que as há. Mas não falemos mais no caso, hem? Agora é tarde para pensar nas consequências, não é, Montag?

Montag, será possível fugir? - perguntou Faber. Montag começou a andar, mas não sentiu os seus pés tocarem no cimento e na relva noturna.

Beatty fez funcionar o seu ignidor e a pequena chama alaranjada atraiu o olhar fascinado de Montag.

- Qual a beleza do fogo? Porque nos seduz ele, qualquer que seja a nossa idade?

- Beatty assoprou a chama. - É o movimento perpétuo. Aquilo que o homem tentou sempre inventar, sem conseguir. Ou quase o movimento perpétuo. Se o deixares arder, ultrapassará a duração da tua vida. Que é o fogo? Um mistério. Os sábios dizem-nos fantochadas acerca da fricção e de moléculas. Mas, na realidade, nada sabem. A sua verdadeira beleza reside em que destrói a responsabilidade e as consequências.

Se um problema se torna demasiado incômodo, lancemo-lo na fogueira. Tu te tornas-te incômodo, Montag. E o fogo aliviará os meus ombros do teu peso. É rápido, limpo, eficaz. Nada de restos susceptíveis de apodrecer. Antisséptico, estético, prático.

Montag olhava agora aquela estranha casa, ainda mais insólita àquela hora da noite, no meio do murmúrio dos vizinhos, com os pedaços de vidro espalhados e, no chão, as capas rasgadas e as folhas espalhadas como penas de cisne, esses livros incríveis, que pareciam tão absurdos e insignificantes, pois nada mais eram do que caracteres impressos em folhas amareladas com capas arrancadas.

Mildred, claro. Devia tê-lo espiado quando escondia os livros no jardim e tornado a levá-los para casa. Mildred, Mildred.

- Quero que faças o trabalho sozinho, Montag. Não com gasolina e um fósforo, mas pormenorizadamente, com um lança-chamas. É a tua casa e tu mesmo é quem deve limpá-la.

- Montag, pode fugir?

- Não! - gritou Montag, abatido. - O Cão-Policial! É por causa do Cão-Policial!

Faber compreendeu e Beatty, julgando que Montag se dirigia a ele, replicou: - Claro, o Cão-Policial

anda por aí a rondar. Portanto, nada de falsos movimentos, previno-te. Estás pronto?

- Estou.

Montag baixou o fecho de segurança do lança-chamas.

- Fogo!

Uma longa coluna de chamas saltou e projetou os livros contra a parede. Montag penetrou no quarto e atingiu as duas camas, que se empinaram com um ruído agudo, com uma paixão e uma violência que ele nunca teria sido capaz de lhes imaginar.

- Os livros, Montag!

Os livros saltaram e dançaram como aves queimadas, as asas ardendo com penas vermelhas e amarelas.

Entrou então no salão, onde os grandes monstros idiotas jaziam adormecidos, com os seus pensamentos incolores e os seus sonhos gelados. Lançou um jato sobre cada uma das três paredes e o nada respondeu-lhe, silvando.

No ar, o silvo era ainda mais intenso, era um urro demente.

Esforçou-se em pensar nesse nada onde desfilavam criaturas inexistentes, mas não conseguiu. Retinha a respiração, para não encher os pulmões com o vazio. Destruiu esse nada terrível, recuou e fez surgir em toda a sala uma imensa flor amarela, ofuscante.

O revestimento de plástico ignífugo fendeu-se e a casa começou a tremer, entre as chamas.

- Quando acabares - disse Beatty atrás dele - não te esqueças que estás preso.

A casa desmoronou-se em brasas avermelhadas e cinzas negras. Abateu-se num leito de escórias onde brilhavam estranhos reflexos. Um penacho de fumo elevou-se dos destroços e oscilou lentamente no céu. Eram três horas e meia da manhã. Os curiosos voltavam para casa; as grandes barracas do circo estavam reduzidas a destroços carbonizados, o espetáculo tinha terminado.

Montag, imóvel, conservava o lança-chamas nas mãos inertes. Os outros bombeiros esperavam atrás dele, na escuridão, os rostos fracamente iluminados pelos escombros fumegantes.

Montag conseguiu, enfim, articular: - Foi a minha mulher quem fez a denúncia?

Beatty concordou: - Mas as amigas dela tinham-nos já avisado antes e eu tinha deixado andar. De uma maneira ou de outra, a tua conta era de respeito. É de fato estúpido começar a declamar poesia a torto e a direito, como tu fizeste. Que esnobismo imbecil! Deem a um homenzinho alguns versos para recitar e ele julga-se o rei da Criação. Julgas-te capaz de caminhar sobre a água, com os teus livros. Pois bem, o mundo pode perfeitamente passar sem isso. Repara em que latrina te meteste. Até à boca! Basta-me agitar essa porcaria com a ponta do dedo, para te afogares. Montag, grande burro! Montag, pobre idiota! Porque fizeste isto?

Montag não o ouvia, estava muito longe. O seu espírito vagueava, tinha partido abandonando atrás de si um cadáver coberto de sujidade que se balançava em frente de outro bruto da sua espécie.

- Montag, vá embora! - disse Faber. Montag pôs-se à escuta.

Beatty deu-lhe subitamente uma pancada na cabeça que o fez recuar. A bala verde em que a voz de Faber murmurava e vituperava caiu no passeio. Beatty apanhou-a rapidamente, com um sorriso mau nos lábios. Aproximou-a da orelha. Montag ouviu a voz distante que perguntava: - Montag, que se passa?

- A coisa é mais grave do que eu pensava. Via-te inclinar a cabeça como para escutar. Primeiro julguei que era um micro rádio. Mas quando, depois, me fizeste frente, tive as minhas dúvidas. Vamos tratar de localizar o emissor e o teu amiguinho será apanhado.

- Não! - disse Montag.

Baixou o fecho de segurança do lança-chamas.

Beatty deu uma olhadela às mãos de Montag e os seus olhos dilataram-se ligeiramente. Montag leu a surpresa no seu olhar e baixou os olhos para as mãos, para ver que novo gesto tinham elas executado. Mais tarde, pensando no caso, nunca foi capaz de decidir se tinham sido as suas mãos ou a reação de Beatty ao seu movimento que haviam, finalmente, feito dele um criminoso.

Beatty teve o seu mais encantador sorriso: - Ora aí está! Eis um bom meio de nos garantirmos um público. Ponham um homem sob a ameaça de uma arma e forcem-no a ouvir. Vá. Fala. Que vais dizer, desta vez? Porque não declamar Shakespeare, pobre pretensioso? *As tuas ameaças não me assustam, Cassius; estou tão bem defendido pela minha honestidade, que elas passam por mim como um vento ligeiro que mal se sentei.* Que dizes? Decide-te agora, literato de ocasião, carrega no gatilho.

Avançou um passo para Montag.

- Queimamos sempre sem utilidade... - disse simplesmente Montag.

- Dá-me isso, Guy - disse Beatty, com um sorriso gelado.

Depois, nada mais foi do que uma tocha uivante, um fantoche gesticulante, desarticulado, sem nada de humano ou de reconhecível, torcendo-se nas chamas, no jardim, enquanto Montag o regava de fogo líquido. Houve um longo silvo, como um jato de saliva lançado sobre um forno aquecido ao rubro, um borbulhar de baba como um monstruoso caracol negro polvilhado de sal vomitando uma onda efervescente de espuma amarelada.

Montag fechou os olhos, uivou, uivou e debateu-se para tapar os ouvidos com as mãos e não escutar mais aquele ruído. Beatty rolava, contorcia-se interminavelmente. Imobilizou-se, enfim, dobrado sobre si mesmo como uma boneca carbonizada e o silêncio voltou a reinar.

Os dois outros bombeiros não se tinham mexido.

Montag conseguiu dominar-se e apontou-lhes o lança-chamas.

- Voltem-se.

Eles voltaram-se, o rosto lívido inundado de suor; Montag bateu-lhes violentamente na cabeça, fazendo-lhes saltar os capacetes. Caíram no chão, desmaiados.

Houve um ligeiro estremecimento de folhas de Outono. Montag voltou-se e encontrou-se de frente com o Cão-Policial Mecânico.

No meio do jardim, ele saía da sombra e deslocava-se com tal agilidade que Montag teve a impressão de que uma nuvem sólida de fumo negro se lançava sem ruído sobre si. A máquina deu um último salto para Montag, mais alta que ele um metro, as patas finas estendidas para a frente, a agulha de procaína saindo furiosamente do seu único dente. Montag envolveu-a com uma corola de fogo, com uma flor maravilhosa que lambeu o cão metálico com as suas pétalas amarelas, azuis e vermelhas, que o cobriu com uma nova carapaça, enquanto ele tombava violentamente sobre Montag e o atirava, com o seu lança-chamas, a mais de três metros de distância, contra um tronco de árvore. Montag sentiu uma perna presa nas garras e a agulha que a atingia no próprio momento em que o jato de fogo projetava a máquina no ar, fazendo estalar o seu esqueleto metálico e arrancando-lhe as entranhas, numa girândola abrasante, como um foguete explodindo junto do chão. Montag, estendido, viu o monstro debater-se e morrer.

Não ousava levantar-se. Temia ser incapaz de se conservar de pé, com uma perna anestesiada. Caía num poço sem fundo de entorpecimento... E agora?

A rua vazia, a casa queimada como um velho cenário, as outras casas mergulhadas na escuridão, o cão mecânico aqui, Beatty ali, os dois outros bombeiros mais longe, e a Salamandra?... Virou-se para a enorme máquina. Também ela devia desaparecer.

"Enfim", pensou, "vejamos em que estado me encontro. De pé, vá. Docemente, docemente... Agora." Ergueu-se. Tinha apenas uma perna. A outra era como um tronco de árvore que devia arrastar consigo, como expiação de qualquer pecado obscuro. Apoiou-se nela. Mil agulhas se espalharam e subiram pela barriga da perna, até ao joelho. Começou a chorar. "Vamos, vamos! Não podes ficar aqui!" Começou a coxear em volta das ruínas, segurando a perna doente quando ela fraquejava, exortando-a, amaldiçoando-a, suplicando-lhe de não lhe recusar o auxílio, agora que era vital para ele. Atingiu a rua atrás da casa. "Beatty, agora já não propões mais problemas. Dizias sempre: "Não tentes fazer face a um problema, queima-o." Pois bem, eu fiz as duas coisas. Adeus, capitão." E afastou-se coxeando ao longo da rua, pela escuridão.

Lembrou-se dos livros e voltou para trás. Apesar de tudo, restava ainda uma fraca possibilidade.

Encontrou alguns volumes onde os tinha deixado, entre os arbustos. Felizmente Mildred não os tinha encontrado. Ainda lá estavam quatro livros.

Vozes erguiam-se na noite, luzes de lanternas elétricas cruzavam-se. Outras salamandras rugiam ao longe e as chamadas das suas sirenes respondiam às dos carros da Polícia.

Montag pegou nos quatro livros que restavam e partiu, coxeando, em direção ao fim da rua. Subitamente caiu, com a impressão de ter sido decapitado.

Uma força desconhecida o tinha imobilizado e dominado. Estendido onde caíra, começou a chorar, o rosto comprimido contra o chão. Beatty quisera morrer.

Por entre as lágrimas, Montag sabia que tinha atingido a verdade. Beatty, há pouco, tinha desejado morrer. Tinha ficado de pé à sua frente, sem fazer o menor gesto para se salvar, troçando, pensava Montag, e essa ideia foi suficiente para o acalmar um pouco. Como era estranho pensar que se pudesse

desejar morrer ao ponto de deixar um homem marchar para nós, armado e, em vez de se calar e de se proteger, insultá-lo e troçar dele para o pôr fora de si e, em seguida...

Ao longe, ouviram-se passos precipitados.

Montag sentou-se. "Fujamos daqui. Vá, de pé, não podes ficar parado!" Não tinha querido matar ninguém, nem mesmo Beatty.

Sentia todos os músculos contraírem-se, como se tivesse mergulhado num banho de ácido.

Sufocava. Via Beatty, como uma tocha flamejante, estorcer-se no jardim.

"Lamento, lamento, meu Deus, como lamento!" Tentou esclarecer a situação no seu espírito, retroceder dois ou três dias, ao período que tinha precedido a peneira e a areia, o Dentifrício Denham, as vozes murmurantes, as lucíolas, os alarmes... todos os acontecimentos acumulados... Era de mais para uns breves dias, de mais, na verdade, para uma vida inteira.

Ouviu alguém correr no outro extremo da rua.

- De pé! - exortou-se. - De pé! - disse à sua perna, e ergueu-se.

Após alguns esforços, conseguiu dominar a dor. Aspirando a plenos pulmões o ar da noite, os livros na mão, partiu num passo lento mas regular.

Pensava em Faber.

Faber tinha ficado também entre aquele destroço fumegante, informe, inominável.

Tinha também queimado Faber.

Sentiu um tal choque a essa ideia, que teve a impressão de que Faber estava realmente morto, queimado como um escaravelho naquela pequena cápsula verde, perdida na algibeira de um ser que nada mais era do que um esqueleto onde se entrelaçavam tendões de betume. "Não te esqueças", pensou, "queima-os, ou serás queimado." Nesse momento, a coisa não era complicada.

Procurou nas algibeiras: o dinheiro estava lá, assim como o micro rádio de modelo corrente, onde a cidade falava de si mesma na manhã fria e sombria: - Alerta a toda a Polícia! Criminoso em fuga na cidade. Culpado de assassínio e de delitos graves contra o Estado. Nome: Guy Montag. Profissão: bombeiro. Visto pela última vez...

Durante seis quarteirões conseguiu manter-se em passo de corrida, até desembocar numa larga avenida deserta. Dir-se-ia um rio gelado sob a luz branca e crua das lâmpadas de néon. "Pode-se ficar afogado ao tentar atravessá-la", pensou. Era muito larga, muito desprotegida. Era um imenso palco sem cenário que se sentia tentado a atravessar correndo e onde seria facilmente notado na luz ofuscante, facilmente apanhado, facilmente abatido.

O rádio murmurou-lhe à orelha: - Procurem um homem em fuga, só, a pé... Procurem... Montag recuou para a sombra. A sua frente erguia-se uma estação de serviço, um imenso cubo de porcelana leitosa e brilhante, junto da qual dois carros fulgurantes estavam parados para botar gasolina. Era-lhe necessário estar limpo e apresentável se queria andar e não correr, atravessar com um passo normal

aquela avenida imensa.

Teria uma margem suplementar de segurança se pudesse se lavar e pentear antes de continuar o seu caminho... Mas, de fato, para onde ir?

Para parte nenhuma. Não tinha nenhum lugar onde se refugiar, nenhum amigo em casa de quem se pudesse abrigar. Exceto Faber. Notou então que, instintivamente, caminhava em direção à casa de Faber. Mas Faber não podia escondê-lo. Tentá-lo, equivalia a um suicídio. No entanto, sabia que iria ver Faber, nem que fosse só por um instante. Em casa de Faber, apenas em casa de Faber poderia repousar um pouco e reanimar a sua confiança na possibilidade de sobreviver que desaparecia rapidamente.

Desejava apenas certificar-se de que existia ainda no mundo um homem como Faber. Desejava ver vivo esse homem e não queimado. E era necessário, bem entendido, deixar a Faber um pouco de dinheiro, que ele usaria utilmente após a sua desaparição. Talvez pudesse refugiar-se no campo e viver nas proximidades de um rio ou de uma estrada, nos campos ou nas colinas. Um longo silvo fê-lo erguer a cabeça para o céu.

Os helicópteros da Polícia elevavam-se, como sementes de um dente-de-leão levadas pelo vento.

Eram aproximadamente duas dúzias, oscilando, indecisos, a vários quilômetros, como borboletas aturdidas pelo Outono. Depois começaram a descer docemente, um aqui, outro ali, para pousar nas ruas onde, tornados simples veículos, iam atravessar com um ruído estridente as diversas artérias ou, bruscamente, erguer-se novamente no ar para prosseguir as pesquisas.

Em frente da estação de serviço os empregados serviam apressadamente os clientes. Montag aproximou-se pelas traseiras do edifício e entrou nos lavabos. Através da parede de alumínio, ouviu um locutor anunciar pela rádio: "A guerra acaba de ser declarada." Lá fora, as bombas aspiravam o carburante. Os clientes, instalados nos carros, conversavam e os empregados discutiam a propósito dos motores, da gasolina e do preço a pagar.

Montag tentou persuadir-se de que a notícia tranquilamente transmitida pela rádio o tinha perturbado, mas, de fato, não sentiu qualquer emoção.

Sem ruído, lavou a cara e as mãos e limpou-as com uma toalha. Depois saiu dos lavabos, fechou a porta com precaução, deu alguns passos na escuridão e imobilizou-se na borda da avenida deserta. A avenida estava tão limpa como uma arena dez minutos antes do aparecimento de certas vítimas e de certos carrascos anônimos.

Começou a andar.

Três quarteirões à frente, acenderam-se alguns faróis. Montag respirou fundo. Os pulmões pareciam arder-lhe no peito e a corrida tinha-lhe secado a boca.

Que significavam aquelas luzes? Se continuasse a andar, teria de calcular a distância e a velocidade daqueles carros, calcular o momento preciso em que passariam junto dele. Ora vejamos: a que distância se encontrava o outro passeio? Uma centena de metros. Talvez nem tanto, mas devia basear-se nesse número, na lentidão da sua corrida; trinta, quarenta segundos lhe seriam necessários para atravessar aquela distância.

E os carros? Uma vez lançados, podiam ultrapassar os três quarteirões em quinze segundos...

Avançou o pé direito, depois o pé esquerdo, o direito de novo. Começou a atravessar a avenida vazia.

Decidiu não contar os passos e não olhar nem para a esquerda, nem para a direita. A luz dos candeeiros parecia-lhe tão violenta e tão quente como a do Sol ao meio-dia. Prestou atenção ao motor do carro que aumentava de velocidade, dois quarteirões à sua direita. Os faróis móveis varreram a avenida e a sua luz envolveu Montag.

"Continua a andar." Montag sentiu as mãos crisparem-se nos livros. Instintivamente, andou mais depressa alguns metros e depois começou a falar em voz alta e retomou o passo primitivo. Estava agora no meio da avenida, mas o rugido do motor do carro, que acelerava, ia aumentando.

"A polícia, naturalmente. Estão me vendo. Mas caminha devagar, calmamente, não te voltes, não olhes, não tenhas um ar inquieto. Caminha simplesmente, caminha, caminha." O carro aparecia. O carro rugia. O carro vinha cada vez mais depressa. O carro silvava. O carro chegava num estrondo de trovão, seguindo uma trajetória uivante, como disparado por invisível espingarda. Corria a cento e oitenta, a duzentos por hora, pelo menos. Montag rangeu os dentes. O calor dos faróis, que lhe caía em cima, parecia queimar-lhe o rosto, esmagava-lhe as pálpebras e fazia nascer em todo o seu corpo um suor acre.

Começou a arrastar os pés, estupidamente, falando consigo mesmo e depois, bruscamente, pôs-se a correr velozmente. Deixou cair um livro, voltou-se, desistiu de o apanhar, e mergulhou para a frente, uivando no vácuo sonoro; o carro, perseguindo a sua vítima apavorada, estava apenas a sessenta metros, trinta metros, vinte e cinco metros, vinte e quatro metros, vinte e três metros... Montag, arquejando, gesticulando, estendia as pernas... O bólide aproximava-se, aproximava-se, tocando freneticamente a buzina. Montag voltou a cabeça por um momento e a luz dos faróis cegou-o... Agora o carro desaparecia na irradiação luminosa, era apenas um facho rugidor que se lançava sobre ele. Quase o tocava! Montag tropeçou e caiu.

Mas a queda salvou-o. No instante em que o ia atingir, o carro deu uma violenta guinada e passou como um raio. Montag jazia no chão, o rosto encostado ao solo.

Ouviram-se grandes risadas que ficavam para trás, na chama azulada do tubo de escape.

Montag tinha o braço direito estendido, a mão aberta. Na extremidade do dedo médio, notou um fino traço negro deixado pela passagem do pneu. Incredulamente, contemplou a linha escura, enquanto se levantava.

"Com toda a certeza que não era a polícia", pensou. Olhou para a extremidade da avenida. Tratava-se de um grupo de garotos de todas as idades, talvez dos doze aos dezesseis anos. Garotos barulhentos, desenfreados, que tinham notado um homem, espetáculo incrível, um homem caminhando a pé. "Vamos caçá-lo", tinham pensado, ignorando que se tratava de Montag, o fugitivo. Era apenas um grupo de garotos partindo para uma volta de quinhentos ou seiscentos quilômetros, sob a Lua, os rostos gelados pelo vento, que voltariam ou não voltariam para casa de manhã, que escapariam vivos ou não, e era esse todo o sabor da aventura.

"Ter-me-iam morto", pensou Montag. Tocou no rosto magoado. "Sem a mínima razão, ter-me-iam morto." Retomou o caminho em direção ao passeio. Entretanto, tinha apanhado os livros espalhados mas não se lembrava sequer de se ter inclinado para o fazer.

"Pergunto a mim mesmo se foram eles que mataram Clarisse?" Parou e repetiu em voz alta: -

Pergunto a mim mesmo se foram eles que mataram Clarisse?

Devia ter corrido atrás deles, insultá-los. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

A queda tinha-lhe salvo a vida, estava certo disso. O garoto do volante, vendo Montag estendido no chão, num reflexo instintivo, tinha evitado o obstáculo que, a tal velocidade, teria talvez feito capotar o carro e atirado os seus ocupantes em todas as direções Se Montag tivesse ficado de pé, que belo alvo...

Montag conteve um grito. Muito longe, na extremidade da avenida, o carro tinha abrandado de velocidade e virado em duas rodas e agora voltava a toda a velocidade, fora da mão.

Mas Montag estava em segurança na sombra de uma travessa, alvo da sua interminável viagem iniciada uma hora - ou um minuto? - mais cedo.

Estremecendo, viu o carro passar como um foguete no meio da avenida, num turbilhão de risos, logo dispersos.

Avançando na escuridão, Montag voltou a observar os helicópteros que desciam, desciam como os primeiros flocos de neve do longo Inverno que chegava.

A casa estava silenciosa.

Montag aproximou-se pela traseira, através de uma moita de arbustos, saturada de orvalho, onde flutuava um perfume de narcisos, de rosas e de erva úmida Atingiu a porta de serviço, verificou que estava aberta e entrou. Depois, pôs-se à escuta.

"Sra. Black, está dormindo, aqui perto de mim?", pensou. "É um gesto cruel, sei bem, mas o seu marido fez o mesmo aos outros e nunca se inquietou, nunca teve a menor dúvida. E, visto que é a mulher de um bombeiro, é a sua vez, a vez da sua casa, por todas as outras casas que o seu marido queimou e por todos aqueles que ele reduziu ao desespero sem pensar um segundo que fosse." A casa continuou silenciosa.

Escondeu os livros na cozinha, voltou a sair e voltou-se para olhar a casa, obscura e calma, adormecida.

Voltou a partir através da cidade, sobre a qual os helicópteros flutuavam no céu como pedaços de papel, e de uma cabina telefônica solitária, em frente de uma loja fechada durante a noite, fez a denúncia.

Depois esperou, no frio noturno, e, ao longe, ouviu o uivo das sirenes de incêndio, as Salamandras que arrancavam, que vinham queimar a casa do sr. Black, ausente em serviço. E a sua mulher, de pé no frio da madrugada, estremeceria e veria o seu teto abater-se e desmoronar-se nas chamas.

Mas, por um momento ainda, ela dormia. "Boa noite, Sr." Black", pensou.

- Faber!

Uma pancada, um murmúrio, depois uma longa espera. Enfim, após um momento, uma luz débil brilhou na pequena casa de Faber. Finalmente, a porta traseira abriu-se.

Faber e Montag encararam-se, na penumbra, como se qualquer deles não acreditasse na existência do outro. Depois Faber estendeu a mão, agarrou Montag por um braço, puxou-o para dentro, fê-lo sentar-

se e voltou para junto da porta, de ouvido à escuta.

Os gritos das sirenes desapareciam, ao longe. Faber voltou para dentro e fechou a porta.

- Tenho me conduzido como um verdadeiro imbecil - disse Montag. - Não posso demorar-me muito tempo. Vou tratar de me pôr a andar... ainda não sei para onde.

- Não há dúvida de que deu provas de uma lamentável leviandade - afirmou Faber.

- Julgava-o morto. A áudio-cápsula que lhe dei...

- Está queimada.

- Ouvi o capitão falar-lhe e, de repente, mais nada. Quase me resolvi partir à sua procura.

- O capitão está morto. Tinha descoberto o aparelho e ouvido a sua voz. Ia detectar o ponto de emissão. Matei-o com o lança-chamas.

Faber sentou-se e ficou um momento silencioso.

- Santo Deus! Como aconteceu tudo isto? - disse Montag. - Ainda anteontem tudo caminhava bem e eis-me agora numa situação impossível. Beatty morreu, e foi meu amigo, outrora... Millie partiu. Julgava que ela era a minha mulher, mas agora já não estou certo. A casa está queimada. Já não tenho emprego e, enquanto fugia, escondi um livro na casa de um bombeiro. O que eu pude fazer, em menos de uma semana!

- Fez tudo o que devia. Estava escrito há muito tempo.

- Também acho. Isto tinha que acontecer. Sentia isso há muito tempo. Todos os meus atos estavam em contradição com os meus pensamentos. É verdade. Tinha que chegar a isto. É incrível que não se notasse em mim, como uma doença de pele.

E, agora, estou metendo-o no mesmo problema. Poderão facilmente seguir a minha pista até aqui.

É a primeira vez que me sinto vivo, de há uns anos para cá - disse Faber. - Tenho a impressão de fazer o que devia ter feito há séculos. Por agora, não tenho medo. Talvez porque sou responsável por um ato de violência e não quero parecer covarde aos seus olhos. Suponho que me será necessário dar provas de mais brutalidade ainda e expor-me eu mesmo, para evitar deixar a tarefa por acabar e tornar a cair nos meus passados terrores. Quais são os seus planos?

- Continuar a fugir.

- Sabe que estamos em guerra?

- Ouvi a notícia.

- Como é curioso! - disse o velho. - Tudo isso parece tão distante, com as preocupações que nos absorvem.

- Não tenho tempo para pensar no caso. - Montag tirou cem dólares da algibeira. -

Guarde isto - disse.- Este dinheiro vai-lhe ser certamente muito útil, depois do meu desaparecimento.

Mas...

- Ao meio-dia, talvez já eu esteja morto. Sirva-se desse dinheiro.

Faber agitou a cabeça.

- Aconselho-o a atingir o rio, se conseguir. Suba ao longo da margem e trate de chegar até à velha via férrea. Em seguida, siga-a em direção ao campo. Quase todos os transportes se fazem agora por via aérea e a maior parte das vias férreas está abandonada, mas os trilhos lá ficaram, enferrujando. Parece que vários campos de vagabundos estão instalados em diversos locais da planície: campos de marcha, como lhes chamam, e, se puder caminhar suficientemente longe e estiver de olhos abertos, dizem que ao longo da via férrea, daqui a Los Angeles, se refugiaram muitos velhos diplomados de Harvard. A maior parte deles é procurada nas cidades. Suponho que conseguem aguentar-se. Não são muito numerosos e o Governo não deve considerá-los como um perigo bastante sério para motivar perseguições. Pode esconder-se algum tempo entre eles e, em seguida, tratar de ir ter comigo a Saint Louis.

Parto no autocarro das cinco da manhã para ir lá falar com um velho impressor. Enfim, decidi-me a sair da minha toca. Este dinheiro será bem empregado. Obrigado e que o Céu o abençoe. Quer descansar alguns minutos?

- É melhor pôr-me a andar.

- Vamos examinar a situação.

Conduziu rapidamente Montag ao quarto e deslocou um quadro, na parede. uma tela de televisão, do formato de um postal, apareceu por baixo. Ligou o aparelho.

- "Montag" - anunciou o posto. Maiúsculas apareceram: MONTAG. Uma voz soletrou o nome. - "Guy Montag, ainda em fuga. Todos os helicópteros da Polícia estão no ar. Um novo Cão-Policial Mecânico foi trazido para a perseguição..."- Montag e Faber entreolharam-se. - "O Cão- Policial Mecânico é infalível. Nunca, desde a sua primeira utilização para atingir a presa, esta máquina prodigiosa falhou. Esta noite, a nossa estação emissora tem o privilégio de poder seguir diretamente o Cão-Policial com uma câmara montada em helicóptero, desde o início da caçada..."

Faber encheu dois copos com whisky.

- Vamos ter necessidade disto - disse.

Beberam.

- "...um olfato tão sensível que é capaz de reter e identificar os dez mil constituintes olfativos de dez mil indivíduos diferentes, sem a menor hesitação!" - Um intervalo. - "O Cão- Policial Mecânico aterrissou em helicóptero, no local do sinistro!" E, em frente deles, no pequena tela, apareceu a casa queimada, a multidão e o helicóptero descendo do céu como uma flor grotesca.

"Sim, precisam se distrair", pensou Montag. "O número de circo deve continuar, mesmo com a guerra que vai rebentar dentro de uma hora..." Olhou o espetáculo, fascinado.

Se quisesse, podia demorar-se ali e, confortavelmente, seguir a caçada em todas as suas fases, ao longo das travessas, das ruas, através das largas avenidas desertas, até à casa em chamas do Sr. e da Sra. Black e, enfim, até àquela casa onde Faber e ele se tinham instalado e bebiam enquanto o Cão-Policial, farejando silencioso como a asa da morte, viria parar junto daquela janela. Depois, se assim o desejasse, Montag poderia erguer-se, ir até à janela, sem perder de vista a tela de televisão, abri-la, inclinar-se para fora, voltar-se e ver-se aparecer como um herói de teatro, no pequena tela luminoso, um drama a contemplar com um olhar objetivo, sabendo que, nos outros salões, apareceria em tamanho natural, a cores, a sua réplica exata em três dimensões! E, se olhasse rapidamente, poderia ainda ver-se, um momento antes de cair no eterno esquecimento, abatido em benefício dos inúmeros espectadores que, arrancados ao sono alguns minutos antes pelas sirenes uivantes das paredes das suas salas, se tinham instalado para assistir à caçada à fera, a batida organizada contra um homem encurralado, um homem só. Teria tempo de fazer um discurso? Quando o Cão-Policial o agarrasse, sob os olhos de dez, vinte ou trinta milhões de pessoas, não poderia ele resumir toda a sua existência, durante a última semana, numa frase, uma palavra que ficasse gravada na memória de todos muito tempo depois de o Cão-Policial ter se retirado, levando-o nas suas mandíbulas metálicas enquanto a câmara, imóvel, seguisse o monstro que desaparecia ao longe! Que poderia ele dizer numa só palavra, em poucas palavras, para os atingir em pleno rosto e os acordar bruscamente?

- Aí está ele - murmurou Faber.

Uma coisa brilhante emergiu do helicóptero. Nem máquina, nem animal. Nem morta, nem viva; rodeada de um halo luminoso verde-pálido. A coisa estava imóvel, junto das ruínas fumegantes da casa de Montag. Os homens trouxeram o lança-chamas abandonado por Montag e aproximaram-no do focinho do Cão-Policial. Houve um ruído, um estalo, um zumbido contínuo.

Montag sacudiu a cabeça, levantou-se e vazou o copo.

- Está na hora. Desculpe-me...

- De quê? Que me pode acontecer? Pela minha casa? Mereço-o. Desapareça depressa. Talvez os possa demorar um pouco aqui...

- Espere. É inútil que seja descoberto. Assim que eu sair, queime esta colcha que eu toquei, queime o maple do salão, lance-os no incinerador mural. Passe álcool pelos móveis e pelos fechos das portas. Queime o tapete do salão. Ligue o climatizador em todas as divisões e encha tudo de inseticida, se o tiver. Depois, faça girar os regadores rotativos o mais alto possível no jardim e inunde os passeios. Com um pouco de sorte, pode fazer desaparecer a minha pista, pelo menos aqui.

Faber apertou-lhe a mão.

- Vou tratar disso - disse. - Boa sorte. Se estivermos ambos vivos na próxima semana ou na seguinte, avise-me para a posta restante de Saint-Louis. Lamento não o acompanhar pela rádio, desta vez. Era uma boa coisa para você e para mim. Mas não tenho mais nenhum aparelho. Que estupidez da minha parte! E agora, parta.

- Ainda uma palavra. Depressa, uma mala. Meta aí o seu traje mais sujo, uma camisa, sandálias, um par de cuecas...

Faber saiu e voltou ao fim de um minuto. Fecharam a mala com fita isoladora.

- Para conservar o cheiro do Sr. Faber, é claro - disse Faber. Montag regou com whisky o exterior da mala.

- Não quero que o Cão-Policial detecte os dois cheiros imediatamente. Posso levar o whisky? Terei necessidade mais tarde. Espero que tudo corra bem.

Apertaram de novo a mão e, ao atravessarem a porta, deram uma olhadela à televisão. O Cão-Policial estava a caminho, seguido pelas câmaras. Silencioso, silencioso, cheirava o vento da noite. Dirigiu-se, trotando, para a primeira travessa.

- Até à vista!

E Montag, saindo pela traseira, começou a correr. Atrás dele, ouvia o sistema de rega que se erguia no meio do jardim e projetava, na escuridão, uma doce chuva circular que molhava o passeio e vinha umedecer a travessa. No rosto, transportava algumas gotas dessa chuva.

Julgou ouvir o velho gritar-lhe um último adeus, mas não estava certo. A toda a velocidade, afastou-se da casa e tomou a direção do rio.

Montag corria.

Sentia a presença do Cão-Policial Mecânico, como a aproximação de um vento de Outono, seco, vivo e frio, um vento que não agitaria uma erva, que não faria bater as janelas ou oscilar no passeio, à sua passagem, a sombra das folhas. A máquina não tocava o mundo à sua volta. Transportava consigo o silêncio. Montag sentiu o peso desse silêncio aumentar à medida que corria.

Parou um instante para descansar, para deitar uma olhadela às janelas fracamente iluminadas das casas que acordavam. Distinguia no interior as silhuetas dos habitantes instalados em frente dos suas telas murais e, nessas telas, o Cão-Policial, num vapor de néon, que galopava nas suas patas de aranha, desaparecia, reaparecia! Tinha atingido Elm Terrace; estava em Lincoln, Oak Park; seguia a travessa que levava à casa de Faber!

"Continua", pensou Montag, "não pares, continua, não entres em casa dele!" na tela surgiu a casa de Faber com a sua regadora rotativa que girava no ar noturno O Cão-Policial parou, vibrando.

"Não!" Montag agarrou-se à borda da janela. "Por aqui! Depressa!" O aguilhão carregado de procaína saía-lhe do focinho. Uma gota límpida de narcótico caiu da agulha.

Montag reteve a respiração.

O Cão-Policial Mecânico voltou-se, afastou-se da casa de Faber e continuou o seu caminho, pela travessa.

Montag ergueu a cabeça. Os helicópteros aproximavam-se, como nuvens de insetos atraídos por um único foco luminoso.

Com esforço, Montag lembrou-se que não se tratava de um episódio imaginário a que assistia, no seu caminho para o rio. Era da sua própria partida de xadrez que ele era testemunha, jogada a jogada.

Começou de novo a correr. Uma travessa, uma rua, uma travessa, uma rua e o cheiro do rio. As suas

pernas conduziam-no, dóceis, elásticas. Em breve vinte milhões de Montag estariam correndo, se as câmaras o localizassem. Vinte milhões de Montag pulando como personagens de um velho filme de Mack Sennett, polícias e ladrões, caçadores e caçados, perseguidores e perseguidos, como ele tinha visto mil vezes. Montag meteu o micro rádio na orelha: - "A Polícia convida a população inteira de Elm Terrace a seguir as seguintes instruções: em cada rua, em cada casa, cada habitante vai abrir a porta ou vigiar a rua da janela. O fugitivo não terá a mínima possibilidade de escapar se cada um, daqui a um minuto, seguir as instruções dadas.

Estão prontos?" Evidentemente! Porque não tinham eles pensado nisso mais cedo?

Há quantos anos não se faria aquele jogo?

Toda mundo em pé! Toda a gente na rua! - Não podiam falhar! O único indivíduo que corria na cidade, no meio da noite, o único homem a pôr as suas pernas à prova.

"Vamos contar até dez. Atenção! Um! Dois!" Sentiu que toda a cidade se erguia.

"Três!" Sentiu a cidade virar-se para os seus milhares de portas. "Mais depressa!

Corre mais depressa!"

"Quatro!" Os habitantes, meio acordados, dirigiam-se para os corredores.

"Cinco!" Sentiu as mãos que pousavam nos fechos das portas! O cheiro do rio era fresco como o de um muro de chuva sólida.

Tinha a garganta em fogo, os olhos cheios de lágrimas. Uivava como se os seus uivos o pudessem atirar para a frente, o pudessem fazer atravessar de um salto os cem últimos metros.

"Seis, sete, oito!" Os fechos de cinco mil portas começaram a girar.

"Nove!" Ultrapassou a última fila de casas e escorregou pela encosta que mergulhava numa massa negra e móvel. "Dez!" As portas abriram-se.

Imaginava os milhares e milhares de rostos examinando os pátios, as ruas, olhando o céu, rostos vincados por rugas, pálidos, espantados, como animais acinzentados emboscados em caves eléctricas, rostos com olhos sem cor, com línguas cinzentas, pensamentos cinzentos, olhar fixo na carne inerte da face. Mas tinha atingido o rio.

Despiu-se completamente e mergulhou naquele líquido puro. Depois vestiu os velhos trajes e calçou os sapatos de Faber. Lançou em seguida a sua roupa ao rio e viu-a afastando-se, à deriva. Então, de mala na mão, avançou pela água até perder o pé e deixou-se levar pela corrente.

Estava a trezentos metros de distância quando a Máquina chegou à margem. Sobre ele, as imensas hélices dos helicópteros agitavam o ar, silvando. Uma vaga de luz espalhou-se pelo rio, e Montag mergulhou. Sentiu-se levado para a noite, pelo rio.

Depois, os projetores viraram-se de novo para a terra, e os helicópteros voltaram a sobrevoar a cidade, como se tivessem descoberto uma nova pista. O Cão-Policial Mecânico tinha também partido. Nada mais havia que a água fria do rio e Montag, subitamente invadido por uma paz enorme, que se

afastava da cidade, das luzes, da caça, que se afastava de tudo.

Tinha a impressão de ter deixado atrás de si uma cena formigante de atores, de ter abandonado um drama capital e todos os fantasmas murmurantes que o animavam.

Abandonava um mundo irreal e aterrador por outro mundo real mas, por sua vez, igualmente irreal devido à sua novidade.

As margens sombrias deslizavam lentamente e Montag mergulhava na planície rodeada de colinas. Pela primeira vez depois de uma boa dúzia de anos, as estrelas brilhavam por cima dele em longas procissões de fogo.

Flutuava de costas quando a mala encheu-se de água e afundou; o rio deslizava preguiçosamente, levando-o para longe daquela gente que se alimentava de sombras de manhã, de vapor ao meio-dia e de nevoeiro à noite.

Os seus pés tocaram no fundo. Sentiu pedras, rocha, areia. O rio tinha-o lançado na margem.

Contemplou a imensa criatura sombria, sem olhos, sem formas, que se estendia por milhares de quilômetros sem nunca parar, entre as colinas e as florestas que esperavam por ela. Hesitou em abandonar a corrente acolhedora. Temia encontrar o Cão-Policial. As árvores podiam inclinar-se bruscamente sob o vento furioso dos helicópteros.

Mas apenas soprava, lá em cima, a brisa do Outono, como um outro rio.

Uma tristeza súbita o invadiu. Millie não estava ali e o Cão-Policial também não, mas o cheiro seco do feno vindo de qualquer campo próximo atraiu Montag.

Agora, o perfume seco do feno colhido, o movimento da água dava-lhe desejos de adormecer numa cama de palha fresca, numa granja abandonada, longe das autoestradas ruidosas, junto de uma herdade sossegada, sob as asas de um velho moinho chiando como os anos que passariam, deslizando, ao lado dele.

Passaria toda a noite no celeiro, ouvindo os animais ao longe, os insetos e as árvores, os movimentos furtivos, os murmúrios das coisas.

E um copo de leite fresco, maçãs e peras colocadas no chão, junto da escada.

Nada mais desejava. Seria o sinal de que o mundo sem limites o aceitava e lhe oferecia o tempo necessário para pensar em todas as coisas que era necessário pensar.

Um copo de leite, uma maçã, uma pera Saiu do rio.

A terra lançou-se sobre ele como uma onda. Sentiu-se esmagado pela escuridão, pelas formas vagas do campo, assaltado pelos milhares de cheiros trazidos pelo vento que lhe gelava o corpo. Desejava tornar a mergulhar no rio e deixar-se levar de novo, ao sabor da corrente.

Era terra demais!

Fora do poço negro, à sua frente, elevou-se um ruído ligeiro, surgiu uma forma.

Nessa forma, dois olhos. A noite olhava-o. A floresta observava-o. A Máquina! O Cão-Policial Mecânico!

Depois de ter corrido tanto, corrido até ao esgotamento, de ter quase afogado, após ter chegado tão longe, ter atingido o limite das suas forças, julgar-se enfim em segurança, suspirado de alívio, pôr os pés em terra firme e encontrar-se face a face com... O Cão-Policial!

Montag deu um uivo de desespero como se se sentisse vencido por aquela última prova. A forma desapareceu. Os olhos deixaram de se ver. As folhas caíram como uma chuva seca. Montag estava só, no campo.

Um veado. Sentia-lhe o cheiro como um perfume misturado com sangue, o bafo resinoso do animal, uma mistura de cardamomo, de musgo, de urze, naquela noite imensa onde as árvores caminhavam para ele, se afastavam, vinham, iam, ao ritmo do coração que lhe batia junto dos olhos.

E tantos outros cheiros! De todos os lados se elevava um cheiro de batatas cortadas, cru, frio, embranquecido sob a Lua, ao longo das noites. E havia um perfume amarelo de mostarda em frasco; e um perfume de cravos flutuando num jardim. Baixou a mão e sentiu a erva que lhe tocava como uma carícia de criança.

Parou e aspirou o ar à sua volta. Quanto mais profundamente respirava, mais se saturava dos pormenores da paisagem.

Já não se sentia vazio. Havia ali com que se encher para sempre. Teria sempre com que se encher. Partiu, tropeçando no oceano de folhas.

E, no meio desse mundo desconhecido, um contato familiar. Deu com o pé num obstáculo que soou surdamente.

Tateou com a mão ao nível do solo, um metro para a frente, um metro para trás. A via férrea.

Os trilhos que fugiam da cidade e enferrujavam através do campo, nas florestas e nas planícies, agora abandonados, ao longo do rio.

Encontrara o caminho que devia seguir.

Tinha atingido esse único ponto de referência, esse encanto mágico que lhe seria precioso durante algum tempo. Poderia tocá-lo e senti-lo sob os pés, caminhando no meio dos arbustos, nesses lagos de cheiros, entre os murmúrios e os remoinhos das folhas.

Seguia a via férrea.

E verificou, com surpresa, que se sentia absolutamente certo de um fato impossível de provar: um dia, outrora, Clarisse tinha caminhado ali, onde ele caminhava agora.

Uma meia hora mais tarde, cheio de frio, andando prudentemente entre os trilhos, atento às sensações do seu corpo, do seu rosto, da sua boca, dos seus olhos cheios de escuridão, das suas orelhas cheias de sons, das suas pernas fustigadas pelas ervas e pelos cardos, viu o fogo à sua frente.

O fogo desapareceu, depois tornou a aparecer, como um olho que piscasse. Parou, temendo apagar o

fogo com a respiração. Mas o fogo lá continuava e Montag aproximou-se a passos lentos. Ao fim de um quarto de hora encontrava-se perto e, dissimulado atrás de uns arbustos, observou as chamas brancas e vermelhas que vacilavam, esse fogo estranho que, para ele, tinha um significado novo.

Ele não queimava, aquecia.

Distinguiu mãos estendidas por cima do fogo, mãos sem braços, emergindo da sombra.

Por cima das mãos, rostos imóveis nos quais dançavam os reflexos das chamas.

Nunca tinha pensado que um fogo pudesse apresentar aquele aspecto. Nunca tinha imaginado que um fogo pudesse dar tanto como tirar. O próprio cheiro era diferente.

Nunca soube quanto tempo ficou à espreita, mas era uma sensação simultaneamente deliciosa e absurda, sentir-se como um animal saído da floresta e atraído pelo fogo. Transformara-se num ser coberto de pelo, com olhos líquidos, um focinho, cascos, uma armação na cabeça, um sangue que, se ele fosse morto, faria surgir do solo um perfume de Outono.

E não era só o fogo que era diferente. Era também o silêncio.

E Montag avançou para esse silêncio no meio do qual se encontrava o mundo inteiro.

Depois, vozes se elevaram; não podia distinguir as palavras, mas falavam calmamente; essas vozes conheciam a terra, as árvores, a cidade que jazia no outro extremo dos trilhos. Essas vozes falavam de tudo; nada lhes era desconhecido; sabia-o pela sua cadência, pelo seu timbre, pelas inflexões de espanto e curiosidade que delas emanavam.

Depois um dos homens ergueu os olhos e viu-o pela primeira vez, ou talvez pela sétima, e uma voz dirigiu-se a Montag:

- Vamos, apareça. Montag saiu da sombra.

- Venha - disse a voz - que é bem-vindo. Montag aproximou-se lentamente do fogo e dos cinco homens de idade vestidos de azul-escuro. Não sabia que lhes dizer.

- Sente-se - disse o homem que parecia presidir ao pequeno grupo. - Quer café?

Viu o líquido negro e fumegante correr para um púcaro de alumínio que uma mão lhe estendia.

Começou a beber lentamente e sentiu os olhares curiosos convergir para ele. Todos os rostos à sua volta eram barbados, mas essas barbas eram limpas, bem aparadas.

Tinham-se levantado, como para acolher um hóspede ilustre, e, depois, voltado a sentar-se. Montag bebeu mais um gole de café.

- Obrigado - disse. - Muito obrigado.

- É bem-vindo entre nós, Montag. Chamo-me Granger - estendeu-lhe uma pequena garrafa com um líquido incolor.- Beba também isto, para mudar a composição química da sua transpiração. Dentro de meia hora, cheirará a outra pessoa. Com o Cão-Policial atrás de si, é melhor esvaziar a garrafa.

Montag bebeu o licor amargo.

- Vai ficar com o fedor de um gato de mato, o que será ótimo - disse Granger.

- Conhece o meu nome - disse Montag.

Granger indicou com a cabeça uma televisão portátil, colocada junto do fogo.

- Seguimos toda a caçada. Pensamos que fugiria para o sul, ao longo do rio. Quando o ouvimos estrebuchar no mato como um animal ferido, não nos escondemos, como costumamos fazer. Supusemo-lo no meio do rio, quando os helicópteros voltaram para a cidade. No entanto, é estranho, a caçada continua. E do lado oposto.

- Do lado oposto?

- Vamos dar uma olhada.

Granger ligou o aparelho. O espetáculo, uma condensação de pesadelo, passou de mão em mão no meio da floresta, com as suas cores truncadas, os seus remoinhos sacudidos. Uma voz gritou:

"A perseguição continua no norte da cidade! Os helicópteros da Polícia convergem para a avenida e Elm Grove Park!"

Granger abanou a cabeça.

- É um simulacro. Você despistou-os à borda do rio. Eles não querem admiti-lo. Sabem que não podem manter por muito tempo o público na expectativa. O espetáculo deve ter um fim rápido, dramático! Se tivessem começado as pesquisas ao longo do rio, arriscavam-se a prolongar a coisa por toda a noite. Portanto, procuram encontrar um bode expiatório, para acabar com um golpe teatral. Olhe. Vão apanhar Montag daqui a cinco minutos!

- Mas como!...

- Olhe!

A câmara, instalada no ventre de um helicóptero, piscava agora sobre uma rua deserta - Está vendo? - murmurou Granger. - Localizaram-no. No fim daquela rua encontra-se a vítima. Veja como a câmara escolhe os ângulos. Compõe a cena. Suspense. Um plano em profundidade. Exatamente neste momento, um pobre diabo anda passeando a pé. Um fenômeno. Um tipo suspeito. Não julgue que a Polícia não está ao fato dos atos e dos gestos dos indivíduos desse gênero, esses pobres homens que passeiam de manhã, sem razão, a não ser que sofram de insônias Em todo o caso, a Polícia tem-no "fichado!" há meses, talvez há anos. Nunca se sabe se uma informação desse gênero não poderá servir um dia. E hoje, revela-se de grande utilidade.

Permite salvar as aparências. Meu Deus! Olhem!

Os homens sentados junto do fogo inclinaram-se para a frente. na tela, um homem apareceu na esquina de uma rua. Os projetores do helicóptero cuspiram uma dúzia de colunas luminosas, aprisionando o homem como numa gaiola.

- "Eis Montag!" - gritou uma voz. - "A caçada terminou!" O homem inocente imobilizou-se,

espantado, um cigarro na mão. Fixou com olhos admirados o Cão-Policial, sem compreender. E não chegou a ter tempo para isso. Ergueu a cabeça para o céu e para as sirenes uivantes. A câmara mergulhou. O Cão-Policial saltou com uma elegância e uma precisão de estranha beleza. O seu aguilhão apareceu. Ficou como que suspenso um momento no ar, como para permitir aos inúmeros espectadores apreciar todos os pormenores do quadro.

O terror no rosto da vítima, a rua vazia, o monstro de aço como um projétil atingindo o alvo.

- "Montag, não se mexa!" - gritou uma voz vinda do ar.

A câmara caiu sobre a vítima ao mesmo tempo que o Cão-Policial. A vítima foi simultaneamente atingida pelo monstro e pela câmara, num sobressalto convulsivo de patas finas.

O homem uivou, uivou, uivou.

Nada.

Silêncio.

Escuridão.

Montag deu um grito e virou-se.

Os homens sentados em volta do fogo, silenciosos, estavam impassíveis.

Após um momento, um locutor anunciou, na tela negro:

- "A perseguição terminou. Montag morreu. O culpado pagou o seu crime contra a sociedade." Noite negra.

- "Apresentamos-lhes agora meia hora de atrações antes do nascer do Sol, nos terraços do Hotel Lux, um programa de..."

Granger desligou o aparelho.

- Eles não mostraram o rosto daquele homem. Não reparou? Os seus melhores amigos não poderiam afirmar se era você. Dosaram bem as imagens para deixarem o campo livre à imaginação. Merda! - disse em voz baixa. - Merda!

Montag não respondeu, mas virou-se para olhar o tela vazia e sentou-se, tremendo. Granger pousou a mão no braço de Montag.

- Seja bem-vindo de entre os mortos. Montag baixou a cabeça.

Agora vou apresentar-lhe os meus amigos - continuou Granger. - Este é Fred Clement; regia dantes a cadeira Thomas Hardy em Cambridge, antes que a Universidade se tivesse transformado num centro de formação de engenheiros atômicos. O Dr. Simmons, da U. G. L. A., especialista em Ortega y Gasset; o prof. West, que se consagrou a trabalhos sobre moral, ciência bem antiquada agora, na Universidade de Colúmbia, há um bom par de anos; o reverendo Padover, conhecido pelas suas conferências há uns trinta anos. De um domingo para o outro, devido às suas opiniões, perdeu todas as ovelhas. Acampa conosco há já algum tempo. E, enfim, eu; escrevi um livro: Os dedos na luva; As relações entre o

indivíduo e a sociedade, e pronto! Montag, seja bem-vindo entre nós!

- Não pertenço ao vosso mundo - disse Montag lentamente.- Nada mais tenho sido do que um imbecil.

- Pouco importa. Todos nós temos cometido consideráveis erros, senão não estaríamos aqui. Quando estávamos isolados, cada um para seu lado, apenas sentíamos furor. Abati um bombeiro que tinha vindo queimar a minha biblioteca, há vários anos.

Depois, tenho andado sempre fugido. Quer juntar-se a nós, Montag?

- Quero.

- Que nos pode oferecer?

- Nada. Pensei ter uma parte do livro do Eclesiastes e talvez alguns pedaços do Apocalipse, mas já nada me resta.

- O livro do Eclesiastes, será ótimo Onde estava ele?

- Aqui - disse Montag, apontando para a cabeça.

- Ah! - Granger acenou a cabeça, sorrindo.

- Porquê? Não estava bem? - perguntou Montag.

- Não está bem! Mas é magnífico! - Granger virou-se para o reverendo: - Possuímos algum livro do Eclesiastes?

- Sim, um. Um certo Harris, em Youngstown.

- Montag - Granger agarrou Montag pelo ombro com uma mão firme -, não cometa imprudências. Defenda a sua saúde. Se acontecer qualquer coisa a Harris, é você que será o livro do Eclesiastes Veja que importância tomou de repente!

- Mas eu esqueci-o!

- Não. Nada está perdido. Temos certos meios para avivar a sua memória.

- Já tentei lembrar-me várias vezes!

- Não tente. Acontecer-lhe-á no momento em que for preciso. Todos nós temos memórias fotográficas, mas consagramos vidas inteiras a conservar intato o que aí armazenamos! Simmons estudou o problema durante vinte anos, e agora dispomos de um método que nos permite lembrar para sempre aquilo que lemos, nem que fosse uma única vez. Montag, gostaria de ler A República de Platão, um dia?

- Com certeza.

- Eu sou a República de Platão. Gostaria de ler Marco Aurélio? O sr. Simmons é Marco Aurélio.

- Como está? - disse o sr. Simmons.

- Bom dia - respondeu Montag.

- Quero também apresentar-lhe Jonathan Swift, autor dessa perniciosa obra política: As viagens de Gul iver.

E este é Charles Darwin, aquele Schopenhauer e aquele Einstein; este aqui ao meu lado, é o sr. Albert Schweitzer, na verdade um simpático filósofo. Aqui estamos todos reunidos, Montag. Aristófanes, o Mahatma Gandhi e Gautama Buda, Confúcio, Thomas Love Peacock, Thomas Jefferson, Karl Marx e o sr. Lincoln. Somos igualmente Mateus, Marcos, Lucas e João.

Começaram todos a rir docemente.

- É impossível - disse Montag.

- Não é - replicou Granger, sorridente. - Somos igualmente incendiários de livros.

Lemos os livros e queimamo-los, com medo que alguém os descubra. Os microfilmes não valem nada; deslocamo-nos constantemente e não queremos enterrar os filmes para voltar a buscá-los mais tarde. Arriscaríamos sempre ser surpreendidos. O melhor, será guardar tudo na memória, onde ninguém irá procurá-los. Somos todos constituídos por pedaços, extratos de história, de literatura, de direito internacional, Byron, Tom Paine, Maquiavel, Engels, Cristo, tudo está registado. E a noite vai adiantada. E a guerra começou. Nós estamos aqui e a cidade lá ao longe, no seu manto feito de mil cores. Que pensa disto, Montag?

- Penso que era um cego em querer agir à minha maneira, esconder livros nas casas dos bombeiros e, em seguida, denunciá-los.

- Fez o que devia. A escala nacional, a operação teria podido dar resultados inesperados. Mas o nosso método é mais simples e, segundo me parece, mais eficaz.

Apenas temos um fim, preservar os conhecimentos que nos serão preciosos um dia.

Não queremos excitar o furor de ninguém, pelo menos por agora. Pois, se formos eliminados, esses conhecimentos desaparecerão conosco e talvez por muito tempo.

Somos cidadãos modelos, à nossa maneira. Seguimos as vias férreas abandonadas, passamos a noite nas colinas e os das cidades deixam-nos em paz. Prendem-nos e revistam-nos de vez em quando, mas nunca encontram em nós o menor vestígio acusador. A nossa organização é muito discreta e fragmentada. Alguns de nós mudaram o rosto e as impressões digitais por meio de cirurgia estética. Por agora, a nossa tarefa é terrível; esperamos o princípio e, o mais depressa possível, o fim da guerra.

Quando a guerra acabar, talvez possamos ser de alguma utilidade para o mundo.

Julga verdadeiramente que, então, eles nos escutarão?

- Caso contrário, nada mais nos restará o que esperar. Transmitiremos oralmente o conteúdo dos livros aos nossos filhos e os nossos filhos, por sua vez, levarão o ensino aos outros. Muitos se perderão, é inevitável. Mas não se pode forçar as pessoas a ouvir. É necessário que elas venham ter conosco, cada uma por sua vez, perguntando o que se passou e porque explodiu o mundo sob os seus pés.

- Ao todo, quantos são vocês?

- Milhares, pelas estradas, pelos caminhos de ferro esquecidos, vagabundos por fora, bibliotecas vivas por dentro. Ao princípio, nada foi premeditado. Cada um tinha um livro de que queria lembrar-se, e conseguiu. Depois, num período de vinte anos, encontramo-nos durante as nossas viagens, tecemos as malhas da rede e elaboramos um plano. A noção mais importante que metemos na cabeça é que somos personagens sem importância, apenas capas poeirentas de livros, sem nenhuma outra significação. Alguns de nós vivem em pequenas cidades. O capítulo I do *Walden*, de Thoreau, em Green River, o capítulo II em Wil ow Farm, no Maine. E existe uma vilória em Maryland, uma vilória de vinte e sete habitantes que nenhuma bomba atingirá, onde estão reunidos os ensaios completos de um tal Bertrand Russel . Quase que se pode virar as páginas dessa vila, habitante por habitante. E quando a guerra acabar, um dia virá, próximo ou distante, em que os livros poderão ser escritos de novo, em que nós seremos convocados, um por um, para recitar o que sabemos e imprimiremos esses livros até à próxima Era Sombria, em que tudo terá de recomeçar de novo. É isto o que o Homem tem de maravilhoso. Ele nunca perde a coragem, nunca se desilude ao ponto de tudo abandonar, pois conhece muito bem a importância e a grandeza da sua tarefa.

- Que fazemos esta noite? - perguntou Montag.

- Esperamos - disse Granger - e vamos descer um pouco mais ao longo do rio, para maior segurança.

Começou a jogar terra sobre o fogo.

Os outros imitaram-no e Montag seguiu-lhes o exemplo. E ali, na planície noturna, todos os homens se uniram para apagar o fogo com as próprias mãos.

Encontravam-se na margem do rio, sob a luz das estrelas.

Montag olhou o mostrador luminoso do seu relógio. Cinco horas. Cinco horas da manhã. Um ano inteiro tinha sido triturado em uma hora, e a madrugada esperava na outra margem distante do rio.

Afastaram-se ao longo do rio, para o sul. Montag tentava distinguir os rostos dos homens, esses rostos envelhecidos que tinha contemplado à luz do fogo, cansados, cheios de rugas. Procurava descobrir uma expressão de segurança, de desafio, de triunfo sobre o futuro, que parecia ausente. Talvez esperasse ver as suas feições iluminarem-se pelo conhecimento do que levavam em si, brilhar como brilham as lanternas, iluminadas por dentro. Mas toda a luz que tinha distinguido vinha do fogo da lenha e aqueles homens eram iguais a quaisquer outros, fatigados de muito correrem, de muito procurarem, de muito terem visto destruir aquilo que amavam e que, agora, muito tarde, se tinham reunido para esperarem o fim da festa e a extinção das lâmpadas. Não estavam de todo certos que a sua sabedoria iluminasse cada uma das madrugadas do futuro com um brilho puro; não estavam certos de nada, a não ser do fato que os seus livros repousavam classificados nas suas cabeças, que os seus livros esperavam, com as páginas por abrir, os compradores que poderiam aparecer anos mais tarde, uns com as mãos limpas, outros com elas sujas. Enquanto caminhavam, Montag olhava cada um por sua vez.

- Não julgue um livro pela capa - disse um deles.

E começaram todos a rir tranquilamente, enquanto seguiam a margem do rio.

Um uivo agudo elevou-se. Os aviões a jato da cidade Unham já tinham desaparecido antes que os

homens tivessem tido tempo de erguer a cabeça. Montag olhou para trás, para a grande cidade muito distante, ao longo do rio; apenas um vago halo luminoso revelava agora a sua presença.

- A minha mulher está lá – disse.

- Tenho pena - disse Granger. - As cidades vão passar um mau bocado nos próximos dias.

- É curioso. Ela não me faz falta. Não me sinto nada incomodado - afirmou Montag. - Mesmo que morra, creio que não sentirei a mínima tristeza. É injusto. Deve haver em mim qualquer coisa que não está certa.

- Ouça - disse Granger tomando-lhe o braço e afastando com a mão livre os arbustos que se atravessavam no caminho. - O meu avô morreu quando eu era pequeno.

Era escultor. Era um homem bom, cheio de ternura pelo mundo inteiro. Fez muito para acabar com os bairros miseráveis da nossa cidade. E fabricava-nos brinquedos.

Durante toda a sua vida fez milhões de coisas. As suas mãos estavam sempre ocupadas. E, quando morreu, notei subitamente que não chorava por causa dele, mas por causa de tudo o que ele fazia. Chorei porque ele nunca mais as tornaria a fazer; nunca mais esculpiria um pedaço de madeira, nunca mais nos ensinaria a criar pombos, no jardim, ou tocaria violino, ou nos contaria histórias. Fazia parte de nós e, quando morreu, todas essas coisas morreram com ele e não havia ninguém para o substituir. Era uma pessoa notável, um homem de valor. Nunca pude esquecer a sua morte. Frequentemente penso em todas as maravilhosas esculturas que não chegaram a existir porque ele também já não existia. Quantas belas palavras não foram dias, quantos pombos as suas mãos não tocaram? Ele modelava o mundo. Ele mudava o mundo. O dia em que morreu foi o fim de milhares de ações generosas. Montag caminhava em silêncio.

- Millie, Millie – murmurou.-Millie...

- O quê?

- A minha mulher, a minha mulher. Pobre Millie, pobre, pobre Millie. Não consigo lembrar-me de nada. Penso nas suas mãos, mas não posso vê-las a fazer fosse o que fosse. Elas pendem-lhe aos lados, inertes, ou estão cruzadas nos joelhos, ou seguram um cigarro. É tudo.

Montag virou-se e olhou para trás.

"Que deste tu à cidade, Montag?

"Cinzas.

"E todos os outros, que deram entre si?

"Coisa nenhuma."

Granger tinha parado junto de Montag.

-Todos devemos deixar qualquer coisa atrás de nós, ao morrermos, dizia o meu avô. Um filho, um livro, um quadro, urna casa, uma parede ou um par de sapatos.

Ou ainda um jardim plantado de flores. Qualquer coisa que a mão tocou e para onde irá a alma no instante da morte. E quando as pessoas olharem essa árvore ou essa flor que plantamos, nós estamos lá, sob os seus olhos. Pouco importa o que se faça, dizia ele, desde que, ao tocar essa coisa, ela se transforme, do que era, à nossa semelhança. A diferença entre o homem que apara a relva e o verdadeiro jardineiro reside na maneira de tocar nas coisas, dizia ele. O homem que corta a relva, desaparece; o jardineiro ficará presente toda a sua vida. Compreende? - Granger voltou-se para Montag. - O meu avô morreu há já muito tempo, mas, se erguer a minha caixa craniana, verá a marca profunda dos seus polegares. Tocou-me para sempre. Como lhe disse, ele era escultor. "Odeio o status quo romano!", dizia-me. "Conserva sempre o espanto nos olhos. Vive como se fosses morrer dentro de dez segundos. Olha o mundo. Ele é mil vezes mais extraordinário que todos os sonhos que se podem fabricar em série nas fábricas. Nem propaganda, nem garantias, nem segurança, nunca um animal com esse nome existiu. E, se tivesse existido, seria parente desse preguiçoso que fica pendurado de um ramo todo o dia, de cabeça para baixo, e consagra toda a sua vida a dormir. Ao diabo, sacode-me essa árvore e faz com que esse preguiçoso bata com o rabo no chão!"

- Olhem! -gritou Montag.

E a guerra começou e acabou no mesmo instante. Mais tarde, os homens reunidos em volta de Montag foram incapazes de dizer se tinham de fato visto alguma coisa.

Talvez um rasto luminoso apenas perceptível, no céu. Talvez as bombas estivessem lá em cima, e os aviões a jacto a vinte mil, dez mil, dois mil metros, durante um segundo, como um punhado de grãos lançados do céu por mão invisível, e as bombas caindo na madrugada com uma velocidade aterradora e, ao mesmo tempo, uma lentidão súbita, sobre a cidade que tinham deixado atrás deles.

O bombardeamento estava de fato terminado, uma vez o objetivo atingido pelos reatores, voando a sete mil quilômetros por hora; tão rapidamente como o silvo da foice, a guerra tinha acabado. Uma vez a bomba largada, tudo tinha terminado. Agora, nos três segundos em que a história se ia inscrever, antes que as bombas tivessem atingido o alvo, os aparelhos inimigos tinham desaparecido para além do horizonte, como essas balas em que um primitivo não acredita, porque são invisíveis; e, no entanto, o coração explode, o corpo tomba e o sangue espanta-se de correr ao ar livre; o cérebro sente perderem-se as raras recordações preciosas guardadas pela memória e, sem compreender, morre.

Era impossível de acreditar. Um simples gesto. Nada mais. Montag tinha visto abater-se um gigantesco punho de metal sobre a cidade distante, sabia que o uivo dos reatores, um instante depois, cumprida a sua tarefa, dizia: - "Desintegrai-vos. Que não fique pedra sobre pedra. Perecei." Pelo espaço de um instante, Montag reteve as bombas no céu, o espírito, as mãos inutilmente estendidas para às deter.

- Fuja! - gritou ele a Faber. A Clarisse: - Fuja! - A Mildred: - Vai-te, vai-te embora daí!

Mas Clarisse, lembrou-se, estava morta. E Faber tinha partido; em qualquer local, ao longo de um vale profundo, o autocarro das cinco horas da manhã corria de um lugar desolado para outro.

No entanto, a ruína não estava ainda consumada; planava ainda no ar, fatal.

Antes que o autocarro tivesse transposto mais cinquenta metros de autoestrada, o seu destino deixaria de ter sentido e o seu ponto de partida, de uma metrópole, transformar-se-ia num vazadouro público.

E Mildred?

- Foge, depressa!

Via-a num quarto de qualquer hotel, com a fracção de segundo que lhe restava e as bombas a um metro, cinquenta centímetros, cinco centímetros do edifício. Via-a inclinando-se para as grandes paredes animadas, cintilantes de cores onde a "família" falava, falava, se dirigia a ela, onde a "família" pairava, tagarelava, pronunciando o seu nome, sorrindo-lhe, não dizendo uma palavra da bomba que se encontrava a três centímetros, meio centímetro do telhado do hotel. Mildred, inclinada para a parede como se a sua fome devoradora de imagens lhe permitisse descobrir o segredo da sua insônia e do seu mal-estar. Mildred, curvada para a frente, ansiosa, nervosa, prestes a mergulhar, a lançar-se nessa vaga imensa de cores, para se afogar no meio das suas delícias cantantes. A primeira bomba explodiu.

- Mildred!

Montag, atirando-se ao chão, viu ou sentiu ou imaginou que via ou sentia as paredes apagarem-se em frente de Millie, ouviu-a gritar porque, no milionésimo de segundo que lhe restava, ela tinha visto o reflexo do rosto num espelho e não numa tela de cristal e esse rosto era tão atrozmente vazio, tão solitário, não exprimindo nada, morrendo de fome e devorando-se a si mesmo, que, enfim, ela o reconheceu como seu e ergueu os olhos para o teto no instante em que, com toda a massa do hotel, ele se abateu sobre ela, engolindo-a sob milhares de toneladas de tijolos, de metal, de gesso, de madeira, levando-a com todos os outros ocupantes das células da enorme colmeia, até aos alicerces onde a explosão os pulverizaria todos, na sua tempestade de loucura.

"Lembro-me agora." Montag aferrava-se ao chão. "Lembro-me agora. Chicago.

Chicago, há muito tempo. Millie e eu. Foi lá que nos encontramos Sim, lembro-me agora. Chicago. Há tanto tempo!" A explosão fez tremer o ar ao longo do rio, atirou os homens ao chão como dominós, encheu a superfície da água com remoinhos espumantes, ergueu uma imensa nuvem de poeira e fez estalar por cima das árvores, dobradas pelo trágico sopro, uma violenta borrasca que se afastou para o sul.

E, em pleno céu, no lugar das bombas, numa permuta efêmera, Montag distinguiu toda a cidade. Durante um instante fabuloso, a cidade ficou suspensa, maior do que nunca esperara ser, maior do que tinha sido concebida pela mão dos homens, edifício feito de fragmentos de cimento, pedaços de metal, flutuando como uma avalancha invertida, um milhão de cores, um milhão de formas inesperadas, as portas transformadas em janelas, os telhados em alicerces, as paredes em terraços; depois, a cidade vacilou e abateu-se, fulminada.

Só então lhes chegou o som da sua agonia.

Montag estendido, os olhos cobertos de poeira, um sabor de cimento úmido na boca, sufocado e chorando, recomeçou a pensar. "Lembro-me, lembro-me, lembro-me de outra coisa. Mas de quê? Sim, sim, é isso, uma parte do Eclesiastes Uma parte do Eclesiastes e do Apocalipse. Uma parte desse livro, alguns pedaços, depressa agora, depressa, antes que tudo me escape, que o choque os disperse, antes que o furacão amaine. O livro do Eclesiastes Sim." Recitou as palavras em silêncio, deitado contra a terra tremente, repetiu-as várias vezes. Elas surgiam sem esforço na sua memória e nenhum Dentífrico Denham se vinha intercalar; era o próprio profeta que falava, presente no seu espírito, os olhos fixos nele.

- E pronto! - disse uma voz.

Os homens jaziam no chão, de boca aberta, como peixes tirados da água. Estavam agarrados ao solo como crianças às coisas familiares; as suas unhas estavam enterradas na terra e todos gritavam para impedir que os tímpanos rebentassem, que a razão explodisse, e Montag, de boca aberta, gritava com eles, lutando contra o vento que lhes fustigava o rosto, lhes rasgava os lábios, lhes fazia correr o sangue das narinas.

Montag olhou a imensa nuvem de poeira, que tombava, e o silêncio eterno estender-se de novo sobre o seu universo.

E olhou o rio. "Subiremos o rio." Olhou a velha via férrea. "Ou seguiremos os trilhos, ou as autoestradas agora, e teremos todo o tempo para acumular conhecimentos. E um dia, quando eles estiverem decantados em nós, exprimir-se-ão pelas nossas mãos e pelas nossas bocas. E um bom número deles serão falsos, mas alguns outros serão justos. Vamos começar a andar hoje mesmo, veremos o mundo, como ele é e como ele fala, e com que se parece ele verdadeiramente. A partir de hoje, quero ver tudo. É necessário que observe o que me rodeia, que conserve constantemente os olhos bem abertos ao mundo; a verdadeira maneira de o tocar autenticamente é integrá-lo em mim mesmo, no meu sangue, nas minhas veias que o agitarão mil, dez mil vezes por dia. Depois guardá-lo-ei em mim, para sempre. Agarrarei o mundo para nunca mais o largar. E já o toquei com um dedo, para começar."

O vento amainou.

Montag sentou-se. Mas não fez nenhum movimento para se afastar. Os outros imitaram-no. O Sol iluminava o horizonte negro com uma faixa vermelha. Fazia frio e no ar pairava o cheiro da chuva próxima.

Em silêncio, Granger ergueu-se, apalpou os braços e as pernas, praguejando em voz baixa, praguejando furiosamente. Desceu pesadamente até à margem e olhou para montante do rio.

- Arrasada - disse, após um longo momento. - A cidade parece um monte de sucata. Não resta nada. - E, após um outro silêncio prolongado: - Pergunto a mim mesmo quantos dentre eles esperavam isto? E quantos foram apanhados de surpresa?

"E em toda a Terra, quantas cidades foram destruídas?", pensou Montag. "E aqui, no nosso país, quantas? Cem? Mil?" Um deles acendeu um pequeno fogo, que foi aumentando lentamente, na madrugada; o Sol ergueu-se e os homens cessaram de olhar o horizonte e aproximaram-se do fogo, pouco à vontade, sem saber o que dizer, enquanto o sol dourava as suas nucas inclinadas para o fogo.

Granger desenrolou um saco de lona, que continha presunto.

- Vamos comer qualquer coisa. Em seguida faremos meia volta e subiremos o rio.

Vão precisar de nós, ali.

Um deles puxou por uma pequena frigideira e colocou-a no fogo, com o presunto.

Ao fim de um momento, o presunto começou a frigir e a ondular na frigideira e o seu perfume espalhou-se no ar matinal. Os homens observavam em silêncio o desenrolar desse rito.

Granger olhou fixamente as chamas.

- A Fênix – disse.

- O quê?

- Era um pássaro estúpido, muito anterior a Cristo; todos os cem anos fazia uma fogueira e carbonizava-se. Devia ser um dos próximos parentes do Homem. Mas, cada vez que se consumia, ressurgia das chamas e de novo nascia. Tenho a impressão de que fazemos o mesmo, mas com uma vantagem sobre a Fênix: sabemos perfeitamente o que fazemos. Sabemos perfeitamente o que fizemos durante séculos e, se não o esquecemos, se guardamos consciência disso, temos uma oportunidade de renunciar um dia a construir essas fogueiras para nos lançarmos nelas. A cada geração, reunimos novos homens que se recordam.

Tirou a frigideira do fogo e deixou o presunto esfriar. Depois, começaram a comer, lentamente, pensativamente.

-Agora, partamos - disse Granger. - E não se esqueçam disto: somos homens sem importância, somos insignificantes. Talvez que, um dia, o fardo que transportamos possa ser útil a alguém. Nas semanas, nos meses, nos anos que virão, iremos encontrar muita gente abandonada, solitária. E, se nos perguntarem o que fazemos, podemos responder: "Nós lembramo-nos." É assim que, lentamente, acabaremos por ganhar a partida. E, um dia, lembrar-nos-emos tão bem que construiremos a maior pá mecânica da História, cavaremos o maior túmulo de todos os tempos e enterraremos a guerra. Vamos, agora a caminho; e, para começar, vamos construir uma fábrica de espelhos e não pôr em circulação senão espelhos, durante um ano, e observarmo-nos longamente neles.

Acabaram o repasto e apagaram o fogo. O dia erguia-se à sua volta como um candeeiro rosado a que alguém tivesse aumentado a torcida. Nas árvores, os pássaros, que tinham fugido, voltavam a pousar.

Montag começou a andar e, ao fim de um momento, notou que os outros o seguiam em fila, em direção ao norte. Surpreendido, afastou-se para deixar Granger passar-lhe à frente, mas Granger olhou-o e fez-lhe sinal para continuar. Montag retomou a cabeça do grupo. Olhava o rio e o céu, os trilhos enferrujados que se estendiam até ao horizonte onde se erguiam as quintas, as granjas cheias de feno. Mais tarde, dentro de um ou seis meses, menos de um ano certamente, partiria de novo ao longo do mesmo caminho, só, e continuaria a andar até encontrar outros homens.

Mas, naquele momento, uma longa manhã de marcha os esperava, até ao meio-dia, e se os homens se conservavam silenciosos é porque tinham muito que refletir, muito de que se lembrar.

Talvez mais tarde, durante a manhã, quando o Sol já alto os tivesse aquecido, começassem a falar, a repetir aquilo de que se lembravam, para estarem certos de nada esquecer, para se assegurarem da fidelidade da sua memória.

Montag sentia em si o lento remoinho das palavras, as suas lentas vibrações. E, quando a sua vez chegasse, que poderia dizer, que poderia oferecer, num dia como aquele, para aliviar a fadiga da viagem? Para tudo o que existe há uma época. Sim.

Era isso. Um tempo para guardar silêncio e um tempo para elevar a voz. Sim, mas que mais, que mais? Alguma coisa, alguma coisa...

E nas duas margens do rio nascia uma árvore da vida, dando doze vezes frutos e um cada mês; e as folhas dessa árvore serviam para curar as nações.

"Sim", pensou Montag, "eis o que vou reter para o meio-dia. Para o meio-dia...

"Quando chegarmos à cidade."

[1] (joke: história divertida; jogo de palavras à semelhança de Juke box. (Nota doT.)
[2] (Cheshire cat, o gato-fantasma de Alice no Pais das Maravilhas. Nota do T.)